

LUNA CALIENTE
minissérie em 4 capítulos
roteiro de Jorge Furtado,
Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil
versão 10/08/1998

LUNA CALIENTE - CAPÍTULO 1

PRIMEIRO BLOCO

CENA 1 - INT-EXT/ENTARDECER - GARAGEM DE GOMULKA

A porta de uma garagem se abre, deixando entrar a claridade do dia e descortinando a paisagem de uma pequena cidade do interior.

RAMIRO, 40 anos, cabelos pretos, e GOMULKA, mesma idade, cabelos vermelhos, entram. Gomulka observa Ramiro, que parece muito impressionado com o que vê.

RAMIRO
Que maravilha!

GOMULKA
Não te falei?

CENA 1A - INT-EXT/ENTARDECER - GARAGEM DE GOMULKA / ESTÚDIO

Detalhes de um Ford 47, preto, em perfeito estado, como novo. Bancos de couro vermelho, brilhantes detalhes cromados, lataria polida e reluzente.

GOMULKA (FQ)
Lembra como ele era quando eu comprei?

RAMIRO (FQ)
Lembro, claro. Era um caco velho.

GOMULKA (FQ)
Quanto tempo faz que você viajou?

RAMIRO (FQ)
Oito anos e meio. Você recém tinha comprado.

GOMULKA
Oito anos e meio. Os friso de ano inoxidável vieram da Argentina. O

estofamento é original. O motor V-8 AB,
está como zero.

Gomulka abre o capô, descortinando o motor. Os dois olham para o motor do carro.

GOMULKA

Olha só. Eu sei o nome, o endereço e o apelido de cada parafuso deste motor. Escuta.

Gomulka senta no carro, Ramiro apóia-se na porta. Gomulka liga o motor. O som imponente de um motor V-8 enche a garagem.

GOMULKA

Velas inglesas, carburador duplo.

RAMIRO

Uma beleza, Gomulka. Impressionante mesmo.

GOMULKA

Ramiro, nestes oito anos e meio, enquanto você fazia biquinho falando em francês, enquanto você se apaixonava, casava e levava um chute, enquanto você se entupia de queijo e vinho, eu chafurdava neste motor. Eu conheço mais este virabrequim que qualquer mulher com quem eu já tenha dormido. E o melhor é que ele não está preocupado com igualdade de direitos.

Ramiro senta dentro do carro, Gomulka se apoiado na porta. Ramiro coloca chave da casa no chaveiro do carro.

GOMULKA

Para você, eu empresto. Cuidado, hein?

RAMIRO

Não se preocupe. Obrigado, Gomulka. Eu vou cuidar dele como se fosse meu.

GOMULKA

Nada disso. Cuide dele como se fosse MEU.

Gomulka fecha a porta do carro.

CONT. CENA 1 - INT-EXT/ENTARDECER - GARAGEM DE GOMULKA

Na praça da cidade o carro surge, saindo da garagem.

CENA 2 - EXT/NOITE - ESTRADA DE TERRA

Trilha e créditos. O Ford 47 cruza a noite por uma estrada de terra, levantando uma nuvem de poeira. Uma grande lua cheia bóia no horizonte, projetando sombras das poucas árvores imóveis na noite sem brisa.

CENA 3 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

O reflexo da lua passa pelo pára-brisa cobrindo o rosto de Ramiro.

O carro pára na estrada, junto a uma grande figueira, em frente a uma velha casa de fazenda. Ramiro desce do carro e caminha em direção à casa. Ele carrega uma sacola. É recebido por BRÁULIO, 60 anos, e por CARMEM, 50 anos.

BRÁULIO
Ramiro!

RAMIRO
Doutor Bráulio...

BRÁULIO
Ramiro! Seja bem-vindo!

RAMIRO
Dona Carmem!

CARMEM
Ramiro... Que bom ver você, meu filho...
Quanto tempo!

É uma recepção afetuosa. Ramiro tira da sacola um pequeno pacote que entrega a Carmem.

RAMIRO
Isso é para a senhora.

CARMEM
Que bobagem, para que você foi se incomodar...

Ramiro tira da sacola uma garrafa de conhaque.

RAMIRO
Doutor Bráulio...

BRÁULIO

Que beleza! Esse eu vou guardar para o inverno.

Os três caminham na direção da casa. Lua Cheia e carro ao fundo.

CARMEM

(abrindo o pacote e revelando um frasco de perfume) Que lindo! Obrigado, meu filho... Mas você virou um homem!

BRÁULIO

Ué? Por acaso quando saiu daqui ele era mulher?

RAMIRO

Deixei parte do cabelo em Paris. Mas a barriguinta eu trouxe.

BRÁULIO

Então vamos começar a enchê-la!

CENA 4 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / SALA DE JANTAR

Bráulio e Ramiro terminam de se sentar na mesa. Bráulio pega uma garrafa de vinho já aberta e serve um copo a Ramiro.

BRÁULIO

Esse é da terra, para matar a saudade.

Os dois brindam e bebem. Carmem chega com um prato de aperitivo.

CARMEM

Que bom que você está aqui. Sua mãe deve andar nas nuvens. Há mais de um mês que ela só fala de sua volta. Ela está bem?

Ramiro tira da sacola um vidro de compota, entrega-o a Carmem.

RAMIRO

Está. Quase esqueço, ela mandou para a senhora.

BRÁULIO

O que é?

CARMEM

Não ouviu? Ela mandou para mim! (abre e cheira) Humm... Uvada. Tenho que deixar

longe deste aí, senão nem sinto o gosto.

Ramiro tira da sacola dois pacotes de balas.

RAMIRO

Isso eu trouxe para as crianças. Uma bobagem.

BRÁULIO

Pffu! Que crianças?

RAMIRO

Onde estão?

CARMEM

O Braulito está na faculdade, aparece aqui só de vez em quando.

BRÁULIO

Está namorando. Precisa ver que morena...

CARMEM

A Elisa estava aqui agora. Elisa!

ELISA, 18 anos, surge, vinda da rua. Pára na porta, lua cheia ao fundo. Ela é linda, de cabelos negros e grossos, uma franja caindo sobre o rosto fino, de olhar lânguido mas astuto. Magra e de pernas muito longas, usa um vestido simples e curto. O efeito que ela provoca sobre Ramiro é evidente.

CARMEM

Está lembrada do Ramiro, filho da dona Maria? Já faz oito anos. Viu só, Ramiro? As crianças crescem.

RAMIRO

Tudo bem? Você está bonita.

Elisa sorri.

CENA 5 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / SALA DE JANTAR

Mão passa pão num prato com molho.

Os quatro jantam. Ramiro à frente de Elisa. Bráulio à sua esquerda. Os olhares de Ramiro e Elisa se cruzam algumas vezes durante a conversa. Carmem chega, entre Bráulio e Ramiro, com mais um prato de comida.

CARMEM

Você fez muito bem em ficar por lá esse tempo, terminar os seus estudos.

Carmem continua servindo, agora entre Bráulio e Elisa.

BRÁULIO

Claro! Não tinha nada para fazer aqui. Nada.

CARMEM

A situação aqui está difícil, Ramiro. Difícil para todo mundo.

BRÁULIO

O que tem de gente quebrando... É ilusão da sua mãe achar que você podia ter dado jeito na empresa. O teu velho, que entendia daquilo como ninguém, não conseguiu fazer nada. Morreu fazendo conta.

CARMEM

Coitado, uma tristeza.

RAMIRO

Eu podia ao menos ter tentado.

CARMEM

Não se culpe, Ramiro. Você tinha sua vida na França, seus estudos, sua mulher.

RAMIRO

Por isso, não. Acabamos nos separando.

Bráulio percebe os olhares dos dois.

BRÁULIO

Como você podia saber? Acontece. Casamento tem que ter muita paciência para agüentar.

CARMEM

Eu que o diga! Coma mais um pouco. Você nem tocou no suflê!

RAMIRO

Me servi duas vezes, dona Carmem, estava uma delícia.

CARMEM

E vão me deixar este restinho de arroz? Coma mais arroz, pelo menos. Para terminar. Esse restinho vai fora.

RAMIRO

Desculpe, mas não posso mais.

BRÁULIO

Guarde um espaço para a sobremesa. Elisa, busque de lá a sobremesa. O que é?

Elisa se levanta. Ramiro não consegue tirar os olhos dela.

CARMEM

Fiz uma ambrosia. Mas tem frutas também.

BRÁULIO

Vamos comer lá fora. Esse calor me mata!
Traga o seu copo, Ramiro.

CENA 6 - EXT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / ALPENDRE

Vinho é servido em um cálice.

Elisa coloca um prato de doce na frente de Ramiro.

BRÁULIO

Me chamaram na delegacia eram quase duas da manhã. Disseram que um preso passou mal.

Elisa, ao curvar-se para servir Ramiro, deixa os seios visíveis pelo decote do vestido. Ramiro espia, ela percebe e sorri. Termina de servir Ramiro e segue para servir Bráulio.

BRÁULIO

Pffu! Nem precisei examinar para saber que o coitado foi moído a pau. Levou muito choque elétrico. Eles amarram um fio no lóbulo da orelha e outro no lábio, a corrente passa pelo olho.

Elisa termina de servir o pai, e segue. Olhos de Ramiro acompanham Elisa. Elisa passa por trás da mãe e a serve. Mais uma vez deixa aparecer os seios ao se abaixar. Agora, ainda mais insinuante.

CARMEM

(abanando-se com um leque) Bráulio! Que assunto para depois do jantar!

Elisa termina de servir Carmem.

BRÁULIO

Eu disse que tinha que levar o sujeito para o hospital, mas não me deixaram. Disseram que o atendesse ali mesmo. Fiz o que pude, dei um calmante. O pobre estava botando os bofes para fora, o coração aos pulos. Sabe por que ele foi preso? Deu carona para um "perigoso comunista". A esta altura, se já disse o que eles queriam, deve estar morto.

CARMEM
Que absurdo.

Elisa senta ao lado de Ramiro.

RAMIRO
E não se pode fazer nada? Denunciar?

BRÁULIO
Denunciar para quem? O que se pode fazer é beber mais um pouco.

CARMEM
Não quer um café, Ramiro? Elisa, passe um cafezinho para nós, minha filha.

Elisa levanta a perna esquerda por cima do banco, em direção a Ramiro, e sai.

RAMIRO
Eu ajudo. Pelo menos café eu sei fazer.

CENA 7 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / COZINHA

Água quente é colocada sobre o pó do café. Elisa arruma a bandeja na mesa ao fundo.

ELISA
Ela era bonita?

Ramiro continua a colocar água no café.

RAMIRO
Quem?

ELISA
Sua mulher. Como era o nome dela?

RAMIRO
Ah, Dora. Era bonita, sim.

ELISA
Era francesa?

Ramiro termina de passar café e se vira para Elisa.

RAMIRO
Não. Brasileira. Mas a gente se conheceu lá.

ELISA
Como ela era?

RAMIRO
Como assim?

Elisa começa a procurar algo pela cozinha.

ELISA
O jeito dela. Era alta, baixa...

RAMIRO
Um pouco mais baixa que eu. Cabelos pretos, olhos castanhos.

Elisa sobe num banquinho fazendo força para mostrar o corpo.

ELISA
E o corpo?

RAMIRO
O que é que tem?

ELISA
Como era o corpo dela?

RAMIRO
Ela era magra. Bonita. Normal.

ELISA
Normal?

RAMIRO
É, acho que sim.

Elisa desce do banquinho.

ELISA
É verdade que na França só tomam banho uma vez por semana?

RAMIRO

Não sei. Nós tomávamos banho todo dia.

Elisa olha para Ramiro.

ELISA
Juntos?

RAMIRO
Bem... Às vezes. O que você está procurando?

ELISA
O açúcar.

Ramiro pega um vidro com açúcar sobre o balcão.

RAMIRO
Está aqui.

Elisa pega o vidro de açúcar, enche o açucareiro.

ELISA
Ela raspava embaixo dos braços?

RAMIRO
Por que você quer saber?

ELISA
Eu vi um filme francês em que a atriz não raspava. Sua mulher raspava?

RAMIRO
Não.

ELISA
Não? E você achava bom?

RAMIRO
Bom... Não me importava. Deve ser chato de raspar. Fazer a barba já é chato.

Elisa derrama um pouco de açúcar sobre o balcão. Recolhe o açúcar com a mão, despeja na pia, lambe a palma da mão.

ELISA
É chato mesmo. Mas eu acho feio, eu raspo.

RAMIRO
Embaixo dos braços?

ELISA

Também.

Ramiro fica olhando para ela, mudo.

Elisa pega a bandeja.

ELISA
Está pronto o café?

CENA 8 - EXT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / ALPENDRE

Os quatro tomam café na mesa do alpendre. Ramiro termina de tomar o café.

RAMIRO
Eu preciso ir.

BRÁULIO
Já? Vamos terminar pelo menos esta garrafa.

RAMIRO
Não, doutor Bráulio. Tenho que dirigir.

CARMEM
Você não quer dormir aqui? Pegar a estrada tão tarde...

RAMIRO
Não, obrigado, Dona Carmem. Eu prometi ao João Gomulka devolver o carro dele hoje mesmo.

Elisa ergue-se e se aproxima de Ramiro, que continua sentado.

ELISA
Eu vou deitar.

Elisa põe a mão no pescoço de Ramiro enquanto lhe dá dois beijos de despedida.

ELISA
Apareça. E obrigado pelas balas.

Elisa se afasta. Ramiro acompanha-a com o olhar.

BRÁULIO
Quando você volta por aqui?

Carmem se levanta.

CARMEM

Deixa o rapaz sossegar, Bráulio. Ele mal chegou. Volte quando quiser, meu filho.

Carmem se aproxima de Ramiro. Ramiro se levanta.

RAMIRO

Obrigado, Dona Carmem. O jantar estava ótimo.

Bráulio se levanta. Os três se despedem.

CARMEM

Imagina! Agradeça sua mãe pela uvada.

CENA 9 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

Bráulio e Ramiro ao lado da porta do carro. Ramiro abre a porta e entra.

BRÁULIO

Está mesmo uma beleza este carro. Que ano é?

RAMIRO

Quarenta e sete, eu acho. O Gomulka morre por esse carro. Me deu mil recomendações.

BRÁULIO

Precisamos fazer um churrasco decente para comemorar sua volta. Chamar seus amigos.

RAMIRO

Tenho que cuidar da vida, doutor Bráulio. Trabalhar. Preparar minhas aulas.

BRÁULIO

Um doutor formado em Paris dando aula nessa faculdadezinha de fim de mundo...

Elisa na janela ao fundo.

BRÁULIO

Não tenha tanta pressa, Ramiro. A Carmem tem razão, você mal chegou. Aproveite enquanto é jovem. Quando você percebe, a vida já passou.

Ramiro vê Elisa na janela do quarto, no segundo andar da casa.

RAMIRO
Obrigado, doutor Bráulio. Até.

Bráulio se afasta do carro.

BRÁULIO
Até.

Ramiro fica olhando para Elisa. Ela está parada na janela e olha fixamente para ele. Ramiro percebe que tem as mãos suadas. Seca as mãos na calça. Põe a chave na ignição. Olha novamente para Elisa. Ela continua na janela. Ramiro olha para a chave na ignição. Ramiro aperta o acelerador várias vezes, com violência. Solta o pedal. Ramiro faz girar em vão o arranque. O motor gira mas não pega. Ramiro bombeia o acelerador e volta a girar a chave na ignição. O motor faz um ruído que vai se apagando junto com a bateria.

BRÁULIO (FQ)
Não quer pegar?

Bráulio está ao lado do carro

RAMIRO
Não sei o que aconteceu. Ele veio bem até aqui.

BRÁULIO
Parece que afogou.

RAMIRO
Acho que fiquei sem bateria.

BRÁULIO
Quer dar uma olhada no motor?

RAMIRO
Acho melhor não mexer. O Gomulka me mata.

Ramiro abre a porta, sai do carro.

RAMIRO
O senhor não me dá uma empurradinha?

BRÁULIO
Não, homem, fica para dormir e pronto, amanhã arrumamos isso. Depois é tarde, faz muito calor, e na viagem pode pifar de novo.

RAMIRO

Eu não quero incomodar.

BRÁULIO

Incômodo nenhum! O quarto do Braulito está sempre pronto.

Ramiro fecha a porta do carro e acompanha Bráulio. Olha para o segundo andar. A janela está vazia, luz principal apagada.

CENA 10 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / QUARTO E CORREDOR - Estúdio

Ramiro está sem camisa, sentado na cama, tenta fazer funcionar um velho e pequeno ventilador sobre a mesinha de cabeceira. Batem à porta.

CARMEM

Olha a toalha, Ramiro.

Ramiro veste rapidamente a camisa e abre a porta. Carmem passa-lhe a toalha.

RAMIRO

Obrigado.

CARMEM

Tem certeza que não quer um pijama do Braulito?

RAMIRO

Não, obrigado. Com esse calor, não precisa.

CARMEM

Boa noite, meu filho. Qualquer coisa é só chamar.

RAMIRO

Boa noite, Dona Carmem.

Carmem apaga a luz do corredor, entra em seu quarto e fecha a porta.

A luz do quarto de Bráulio e Carmem se apaga. Ao fundo do corredor, Ramiro vê uma porta entreaberta de onde vem uma luz tênue. Ramiro volta ao seu quarto e fecha a porta.

Ramiro passa a toalha pelo rosto, seca o corpo molhado de suor. Vai até a janela, acende um cigarro. Fuma. Olha para fora. Ramiro se debruça na janela. Olha pro carro.

CENA 11 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

Em frente à casa, o carro de Gomulka, parado sob a figueira. Acima dele, a grande lua cheia.

CENA 12 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / CORREDOR - Estúdio

Ramiro abre a porta do quarto. O corredor está em silêncio e às escuras. A porta ao fundo continua entreaberta mas a luz se apagou. Ramiro caminha lentamente até o banheiro. Olha para a porta ao fundo e vê, pela fresta, o pé de Elisa na cama. Entra no banheiro. Fecha a porta.

CENA 13 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / BANHEIRO - Estúdio

Ramiro abre a cortina e sai do box, nu e com os cabelos molhados. Olha-se no espelho, senta no vaso. Seca o rosto e o corpo com a toalha. Tenta abrir a basculante.

Ramiro volta à pia, coloca cabeça embaixo da torneira. Olha-se novamente no espelho. Abre o armário e encontra um vidro de aspirinas, pega o vidro, lê rapidamente a bula. Abre o vidro e pega dois comprimidos. Toma os comprimidos. Guarda o vidro. Olha-se outra vez. O armário, com um rangido, abre sozinho. Ramiro fecha o armário. O armário volta a abrir sozinho. Ramiro fecha o armário outra vez, com mais força.

CENA 14 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / CORREDOR - Estúdio

Ramiro sai do banheiro. Olha em direção à porta de Elisa. Apaga a luz do banheiro. Silêncio absoluto. Na porta entreaberta do quarto de Elisa não há luz, apenas o resplendor da lua ardente, que ingressa pela janela e chega, mortiço, ao corredor. Ramiro caminha lentamente pelo corredor em direção ao quarto de Elisa. O assoalho de madeira range. Ramiro olha para trás. Ramiro chega à porta do quarto e espia pela fresta. Rosto de Ramiro é iluminado pela lua. Começa a abrir a porta.

CENA 14A - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / QUARTO DE ELISA - Estúdio

Elisa tem os olhos fechados. Seminua, apenas uma calcinha aberta seus quadris delgados. O lençol revolto cobre uma perna e mostra a outra. Braços cruzados nos seios, parece dormir sobre o antebraço direito. Da porta, Ramiro a contempla,

quieto.

Elisa faz um movimento e por um momento seus seios escapam da proteção dos braços. Elisa desperta, olha para a porta e vê Ramiro. Durante alguns segundos eles ficam assim, olhando-se em silêncio.

FIM DO PRIMEIRO BLOCO

SEGUNDO BLOCO

CENA 15 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / QUARTO DE ELISA - Estúdio

Ramiro entra no quarto e fecha a porta atrás de si. Olha para Elisa. Elisa vira-se de barriga para cima, levantando os braços. Sempre olhando para Ramiro e sorrindo. Ramiro respira fundo duas vezes e depois sorri de volta. Caminha devagar até a cama. Ramiro leva a mão e começa a acariciar a coxa de Elisa, suavemente, quase sem tocá-la. Elisa parece gostar. Ramiro aumenta a pressão da mão sobre a coxa. Ramiro reacomoda-se na cama, chegando mais perto dela.

RAMIRO

(sussurrando) Só quero te tocar. Você é tão bonita...

As mãos de Ramiro sobem pelas pernas de Elisa, pelos quadris, juntam-se sobre o ventre, vão suavemente até o tórax e finalmente fecham-se sobre os seios. Ramiro continua fitando-a nos olhos.

RAMIRO

Você é linda.

Ramiro se deita sobre ela, sem parar de acariciá-la. Ramiro beija-lhe o pescoço e depois aproxima sua boca da orelha de Elisa.

RAMIRO

Você é muito linda.

Ramiro, meio bruscamente, tenta beijar a boca de Elisa, mas ela vira o rosto e tenta erguer-se. Ramiro, suando muito, leva a mão direita para o púbis de Elisa e apalpa-lhe o sexo. Ramiro arranca a calcinha, num movimento brusco. Ramiro aproveita e abre as próprias calças. Depois, com um movimento dos joelhos, abre bem as duas pernas de Elisa. Ela reage. O rosto de Elisa se contrai. Seus olhos mostram pavor.

ELISA
Eu... Eu vou gritar...

RAMIRO
Quietinha, quietinha...

Ramiro tapa a boca de Elisa com a mão esquerda. Elisa debate-se.

RAMIRO (off)
Não grita!

Ramiro, sempre com o peso de seu corpo sobre o da menina, consegue segurar-lhe os braços com sua mão direita. Ramiro pega o travesseiro e tapa-lhe o rosto, fazendo pressão sobre a boca. Elisa pára de se debater.

Lua cheia.

Ramiro deita ao lado de Elisa. Elisa ainda com travesseiro sobre o rosto. Ramiro fica assim por alguns segundos, ofegante. Elisa está inerte. Ramiro olha para ela, ergue o tronco, se apoia no cotovelo direito, e tira o travesseiro bem devagar. Elisa, olhos semi-abertos, boca aberta, está morta.

Ramiro levanta rápido da cama, como se estivesse com medo de Elisa. Puxa as calças. Vai afastando-se de costas, devagar, na direção da porta. Apóia-se contra ela. Olha outra vez para o corpo de Elisa. Passa a mão no próprio rosto, lavado de suor. Ramiro caminha pelo quarto, nervoso. Pára. Ramiro vira-se e abre a porta bem devagar.

CENA 16 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / CORREDOR - Estúdio

Ramiro espia para um lado do corredor. Vazio. Ramiro olha para o outro lado. Nada. Sai bem devagar. No segundo passo, o chão range um pouco. Pára. Continua. Ouve um claro ruído de uma porta de madeira se abrindo.

Ramiro vira-se lentamente em direção ao som. Vê surgindo, na escuridão do banheiro, seu próprio rosto refletido no espelho do armário. Ramiro suspira fundo e continua a caminhar. Ramiro entra na porta do quarto de Braulito.

CENA 17 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / QUARTO BRAULITO - Estúdio

Ramiro fecha a porta. Vai até a cadeira. Ramiro se desloca pelo quarto. Pega suas coisas, pega as chaves e sai.

CENA 18 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / CORREDOR - Estúdio

Ramiro deixa os sapatos ao lado da porta do quarto. Caminha lentamente em direção ao quarto de Elisa. Olha para os dois lados. Parece estar em dúvida. Estende a mão e abre a porta. Entra.

CENA 19 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / QUARTO DE ELISA - Estúdio

Ramiro entra. O corpo de Elisa está exatamente na mesma posição. Respira fundo duas vezes e aproxima-se devagar da cama. Olha para Elisa.

Ramiro estende o lençol sobre o corpo nu, cobrindo-a completamente. Vai para trás, olha, pensa um pouco. Aproxima-se de Elisa, descobre o seu rosto e dá um outro passo para trás. Ramiro pisa sobre um pequeno pedaço de pano, olha para baixo e vê a calcinha rasgada de Elisa. Abaixa-se e pega a calcinha.

Olha para a calcinha. Olha para os quatro cantos do quarto. Escuta um barulho, semelhante ao que ouvira no banheiro. Coloca a calcinha no bolso da calça. Recua em direção à porta. Ramiro vai abrir a porta. Pára. Coloca a manga sobre a mão (cobrindo as digitais), abre a porta. Sai do quarto e começa a fechar a porta. Ramiro dá uma última olhada e fecha a porta.

CENA 20 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / ESCADA

Ramiro está no topo da escada, com sapatos na mão. Começa a descer a escada. No primeiro degrau, um rangido forte o faz parar. Continua descendo, bem devagar, sempre olhando para baixo. Ramiro termina de descer a escada.

CENA 21 - INT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / HALL

Ramiro chega na porta. Vai abrir, mas ela está trancada. Ramiro olha em volta. À direita dele um chapeleiro com um molho de chaves. Dirige-se até o chapeleiro. Ramiro pega as chaves, examina-as. São muitas. Ramiro ouve um barulho. Pára por alguns instantes. Volta para a porta e começa a experimentá-las, sem sucesso. A porta finalmente abre, mas ele a empurra muito rápido, e ela range bem alto. Mais uma vez, ele olha para o interior da casa. Nada. Sai e fecha a porta atrás de si.

CENA 22 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

Ramiro abre a porta do carro e senta no banco do carro com pernas para fora, coloca o pé na porta, começa a colocar e amarrar o sapato.

CENA 23 - EXT/DIA - FRENTE DA DELEGACIA (FF)

Ramiro entra num prédio com uma placa meio enferrujada onde está escrito: DELEGACIA MUNICIPAL.

CENA 24 - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO (FF)

Ramiro caminha lentamente até um balcão de madeira, sob o olhar surpreso do policial, 40 anos, inspetor Monteiro sentado de costas ao fundo. Com um gesto meio teatral, Ramiro joga a calcinha sobre o balcão.

CENA 25 - INT/DIA - DELEGACIA / CELA (FF) - Estúdio

Ramiro, o rosto ensangüentado, tem um fio elétrico preso à orelha. Um outro fio é colocado no seu lábio.

CENA 26 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

Ramiro continua sentado no carro, colocando os sapatos. Ramiro, nervoso, pega um maço de cigarros no porta-luvas. Tira um cigarro, bate duas vezes com ele no painel do carro. Pega a caixa de fósforos, acende. Traga profundamente. Olha em volta, preocupado. Traga de novo. Olha para cima. Ramiro solta fumaça do cigarro.

CENA 27 - EXT/NOITE - ESTRADA ASFALTADA E PONTE (FF)

Ramiro na murada da ponte. Ramiro fecha os olhos e joga-se para a frente. Seu corpo cai lentamente em direção ao rio.

CENA 28 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

Ramiro termina de colocar os pés já com sapato no chão, larga o cigarro, apaga o cigarro com o pé. Ramiro vira-se para a frente, cada vez mais inquieto. Arruma o retrovisor

CENA 29 - EXT/AMANHECER - ADUANA / POSTO POLICIAL (FF)

Aduana. Na parede do posto, há um cartaz com a inscrição: REPUBLICA DEL PARAGUAY. Guarda aduaneiro ao lado da cancela fechada. O Ford se aproxima da aduana, pára. Guarda se abaixa para falar com Ramiro na janela. O guarda olha para Ramiro. Ramiro sorri amarelo para o guarda.

CENA 30 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

Ramiro decide ligar o carro. Gira a chave. Nada. Ramiro passa a mão no rosto, limpando o suor. Tenta de novo. O carro chega a pegar, mas apaga novamente

Rosto de Bráulio aparece na janela.

BRÁULIO
Ramiro...

Ramiro, assustado, olha para Bráulio.

FIM DO SEGUNDO BLOCO

TERCEIRO BLOCO

CENA 31 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE BRÁULIO

Ramiro, dentro do carro, tentando conter o pânico, olha para Bráulio, sem saber o que dizer.

RAMIRO
Doutor... O senhor me assustou.

Bráulio sorri, os olhos mareados, de bêbado.

BRÁULIO
Tem um cigarro, filho?

RAMIRO
Claro...

Ramiro, atrapalhado, passa a Bráulio o maço de cigarros, e em seguida o isqueiro.

Bráulio acende o cigarro. Ramiro olha em volta, inseguro.

BRÁULIO
Não consegui dormir...

RAMIRO
É. Eu também não.

Bráulio tosse. Limpa a garganta.

BRÁULIO

O calor é insuportável. Hum... mas, todas as noites eu me escapo.

RAMIRO

Eu já estava indo embora.

Bráulio debruça-se sobre a janela do carro, sem pressa. Dá uma tragada no cigarro e sopra em direção a Ramiro.

BRÁULIO

E o carro? Consertou sozinho?

RAMIRO

É... Acho que estava afogado.

E, para provar, gira a chave e liga o motor, que pega fácil. Bráulio ainda está na janela de Ramiro.

BRÁULIO

Me leva pra dar uma volta.

Reflexo da lua passa pelo pára-brisa. Bráulio dá a volta pela frente do carro.

BRÁULIO

Vamos à cidade, tomar um vinho no La Estrella.

RAMIRO

Não, doutor, acontece que...

BRÁULIO

(contrariado) Como assim? Vai rejeitar o meu convite?

Sem esperar resposta, Bráulio afasta-se da porta. Ramiro olha em volta, resignado. Bráulio quase perde o equilíbrio enquanto faz a volta, cambaleante, pela frente do carro. Entra pela outra porta e bufa ao largar-se no banco.

BRÁULIO

Vamos.

RAMIRO

Não, doutor, é que depois eu não vou poder trazer o senhor de volta. Tenho que devolver o carro. É do Gomulka.

BRÁULIO
Droga, já sei que é do Gomulka.

RAMIRO
É. Eu tenho que devolver.

BRÁULIO
Então tá. Me deixa na cidade. Eu volto a pé, pego um táxi... Eu quero é tomar um vinho contigo. Pelo teu velho, entende? (quase chorando) Eu gostava muito do teu velho, gostava mesmo...

RAMIRO
Eu sei, doutor.

BRÁULIO
Não me chama de doutor, me chama de Bráulio.

RAMIRO
Está bem, mas...

BRÁULIO
(enrolando a língua) Bráulio, te disse: me chama de Bráulio...

RAMIRO
Olhe, doutor Bráulio, acredite, eu não posso levar o senhor. Eu tenho o que fazer.

BRÁULIO
Que merda você tem que fazer a essa hora? São... que horas são?

Ramiro olha o relógio e fica ainda mais nervoso.

RAMIRO
Três.

BRÁULIO
Bem, mete a primeira e vamos.

Ramiro, resignado mas ainda nervoso, arranca. O carro se afasta pela estrada de terra, deixando a casa de Bráulio iluminada pela lua cheia.

CENA 32 - EXT/NOITE - FORD 47 / ESTRADA DE TERRA

Ramiro dirige, preocupado. Bráulio, a seu lado, sorri e fala arrastando as palavras, com uma pequena garrafa de vinho na mão.

BRÁULIO

Me alegra muito te ver, guri.

Bráulio leva a garrafa à boca e toma um gole. Ramiro observa-o, com o canto do olho.

BRÁULIO

Merda, como eu gostava do teu velho. Toma um trago.

RAMIRO

Não, obrigado.

BRÁULIO

Olha só o abstêmio... Toma, estou mandando.

De repente, Bráulio inclina-se em direção a Ramiro e enfia-lhe a garrafa no rosto.

O carro desgoverna-se por uns metros, mas logo volta à sua pista na estrada de terra.

Na direção, novamente seguro, Ramiro pega a garrafa. Bráulio olha para a janela.

RAMIRO

Obrigado.

Ramiro não bebe. Percebe que Bráulio não percebeu, e fica mais confiante. Devolve a garrafa.

RAMIRO

E o senhor, doutor, por onde andou? Pensei que tinha ido dormir.

BRÁULIO

Todas as noites eu escapo. Carmem é uma velha insuportável. Dormir com ela é pior do que tomar uma colher de ranho.

Ramiro acha graça. Bráulio acha muita graça.

BRÁULIO

Agüentar ela é mais difícil do que cagar num vidrinho de perfume. (rindo, soluçando) A pobre está mais gasta que chupeta de gêmeos. Ah, ah, ah...

Bráulio prolonga o riso. Ramiro fica sério.

RAMIRO
E aonde você vai?

BRÁULIO
Quem?

RAMIRO
Você, quando escapa.

BRÁULIO
Tomo um porre, ora!

RAMIRO
E esta noite... que fez?

BRÁULIO
Estou te dizendo, me emborrachei. Tomei um porre. Não falei claro?

Bráulio olha para a janela.

BRÁULIO
Os homens, homens, e o trigo, trigo, como dizia Lorca.

RAMIRO
Sim, mas onde você bebe? Não ouvi nada.

BRÁULIO
Na cozinha. Em minha casa sempre tem vinho. Muito vinho. Todo o vinho do mundo para o doutor Bráulio Tennembaun, clínico geral, menção honrosa da turma de trinta e sete... (assoando o nariz com a mão e limpando-a na calça)... e que veio acabar nesta vila de merda.

CENA 33 - EXT/NOITE - FORD 47 / ESTRADA ASFALTADA

O carro entra na estrada asfaltada e acelera. Ramiro, na direção, parece mais confiante. Ramiro volta a espiar Bráulio, a seu lado, e percebe que o velho está parado, pensativo.

BRÁULIO
E Elisa, hein?

Sombra do espelho cobre os olhos de Ramiro. Ramiro não

responde. Bráulio olha fixo para ele.

BRÁULIO
Está linda a minha filha, não? Vai ser um
mulherão.

Bráulio olha para a frente.

BRÁULIO
Se algum dia alguém fizer mal pra ela...

Bráulio olha para Ramiro.

BRÁULIO
... eu mato. Seja quem for, eu mato!

O rosto de Ramiro crispa-se, como se ele estivesse passando mal. Ramiro, de repente, pisa no freio e gira a direção no sentido do acostamento.

CENA 34 - EXT/NOITE - ACOSTAMENTO DA ESTRADA

Carro se aproxima e pára. A porta do motorista abre-se bruscamente. Ramiro espicha o corpo para fora e vomita. Dentro do carro, Bráulio olha para Ramiro, preocupado.

BRÁULIO
Está se sentindo mal?

RAMIRO
É claro!

Com meio corpo para fora do carro, Ramiro respira fundo, procurando recuperar-se. Põe a mão no bolso da calça e pega um lenço. Passa-o sobre a boca, depois na testa. Fecha os olhos, momentaneamente aliviado. **(FF)** A voz de Bráulio soa-lhe cavernosa, mas ele permanece de olhos fechados.

BRÁULIO
Pensa que eu não sei o que você fez?

Bráulio está atrás da porta de Ramiro, parado na estrada, sério e sóbrio. Tem um revólver na mão, apontado para Ramiro. Fala baixo, com ódio.

BRÁULIO
Miserável...

Ramiro continua na mesma posição anterior. Uma gota de suor cai-lhe da testa. Bráulio continua olhando-o, com ódio. O dedo

de Bráulio puxa lentamente o gatilho. Ramiro treme, aperta os lábios. A arma dispara. Mas o som que se ouve é de vidro espatifando-se no chão. **(fim do FF)**

Ramiro volta a sentar no carro. Bráulio está sentado em seu lugar.

RAMIRO
Que barulho foi esse?

Bráulio está sentado no banco, mãos vazias, ainda bêbado.

BRÁULIO
A garrafa. Terminou o vinho. Joguei fora.

RAMIRO
(virando-se) Não! Lá atrás.

Bráulio também se vira. Na estrada, um carro se aproxima.

RAMIRO
É um carro. Acho que é da polícia.

Ramiro e Bráulio olham para a frente.

BRÁULIO
(rindo, fazendo menção de levantar-se)
Ah... Tô cagando pra polícia.

Ramiro, rapidamente, coloca as pernas para dentro do carro e segura Bráulio.

RAMIRO
(em voz baixa, gutural) Mas eu não, merda!
Fica quieto aí! Quer que eles nos caguem a tiros?

O carro-patrolha pára no acostamento, atrás do Ford 47. Na capota do carro-patrolha acende-se um forte holofote. Luz do holofote do carro da polícia ofusca, pelo reflexo no espelho, os olhos de Ramiro. Bráulio, também ofuscado, vira-se para a frente. Ramiro e Bráulio ficam quietos, imóveis. Ramiro olha para o retrovisor de fora.

Ramiro vê DOIS POLICIAIS MILITARES saindo pelas portas traseiras do carro-patrolha. O TENENTE sai pela porta da frente. Do carro-patrolha vem uma voz calma, mas firme e autoritária.

TENENTE
Não se mexam.

Ramiro, sem se virar, acompanha o movimento dos policiais. Os dois que saíram primeiro, com carabinas engatilhadas, cercam o carro, mantendo uma certa distância. O outro se aproxima, devagar, com uma pistola na mão.

TENENTE

Mantenham as mãos à vista e não façam qualquer movimento suspeito.

BRÁULIO

(em voz baixa, para Ramiro) Estamos cercados pelo esquadrão da geometria. Foi Foucault quem disse. Você leu Foucault?

RAMIRO

(para o policial) Tudo em ordem, oficial. Pode fazer seu trabalho.

O tenente chega à janela do motorista e olha para dentro.

TENENTE

Diga onde estão os documentos. Sem se mexer.

RAMIRO

Minha identidade está na carteira, no bolso traseiro da calça.

BRÁULIO

Eu não tenho documento nenhum.

O tenente olha para Ramiro, indicando Bráulio com o olhar.

RAMIRO

É o doutor Bráulio Tennembaun, mora aqui perto. Está bêbado, oficial.

O tenente concorda com a cabeça. Depois abre a porta do motorista, sempre apontando a arma.

TENENTE

Desça, por favor.

Ramiro sai do carro, devagar.

Tenente fecha a porta do carro, Ramiro encostado de frente para o capô. Ramiro levanta os braços e o tenente começa a revistá-lo.

TENENTE

E agora fique parado, com as mãos para

cima.

PM abre a porta do carona.

TENENTE
Vamos lá! Desce.

Bráulio olha em volta e começa a se levantar.

BRÁULIO
Já estou indo.

Tenente olha a identidade de Ramiro iluminada por uma lanterna. Ramiro apoiado no capô. Bráulio no outro lado.

TENENTE
Ramiro Bernardes?

Ramiro, ainda de mãos sobre capô, confirma.

RAMIRO
Isso.

Dentro do carro um PM revista o porta-luvas. Levanta o tapete, inspeciona o lado oculto do painel. Tenente devolve as identidades a Ramiro e Bráulio, ambos já com os braços abaixados.

TENENTE
Por que pararam?

RAMIRO
O doutor Bráulio se sentiu mal... E eu também. (indicando o chão com um gesto) Me desculpe.

TENENTE
Desculpa? Por quê?

RAMIRO
(voltando a indicar) Isso aí, o que acaba de pisar.

O tenente só agora percebe que está de pé sobre uma poça de vômito.

TENENTE
Merda!

O policial esfrega as botas no chão, tentando limpá-las.

TENENTE

Devem ter mais cuidado. Hoje em dia, qualquer movimento suspeito do pessoal civil tem que ser investigado. Ainda mais numa hora dessas. Podem seguir. (para os outros policiais) Vamos.

Ramiro fica de pé, parado ao lado do carro, vendo os militares voltarem ao carro-patrolha. Dirige-se para a porta do carro, dá uma última olhadinha para o carro da polícia. Carro da polícia sai. Ramiro entra no carro. Ramiro e Bráulio olham para a frente. Ramiro liga o carro.

BRÁULIO

Este país é uma merda, Ramiro. Era lindo, mas os milicos o transformaram numa completa merda.

Ramiro arranca.

CENA 35 - EXT/NOITE - FORD 47 / ESTRADA ASFALTADA

As linhas divisórias da estrada passam em velocidade maior do que na cena anterior. Ramiro está dirigindo, tenso. Bráulio, a seu lado, parece menos bêbado. Ramiro olha Bráulio com o canto do olho.

BRÁULIO

É... A aritmética é democrática porque ensina relações de igualdade, de justiça. A geometria é oligárquica porque demonstra as proporções da desigualdade. Afinal, você leu Foucault ou não?

RAMIRO

Alguma coisa, na universidade.

BRÁULIO

Pois os milicos nos inverteram o princípio, Ramiro. Agora somos um país cada vez mais geométrico. E assim vai continuar.

RAMIRO

Onde o deixo, doutor?

BRÁULIO

Você não vai me deixar.

Ramiro segue dirigindo, tenso.

CENA 36 - EXT/NOITE - FRENTE DA CASA DE RAMIRO

Ruazinha suburbana, com poucos carros estacionados. O Ford 47 pára em frente a uma casinha branca, com muro baixo na frente. Ramiro desliga o carro, olha para Bráulio dormindo e faz menção de descer. Lembra que a sua chave está no chaveiro do carro. Pega-o e sai do carro.

CENA 37 - INT/NOITE - CASA DE RAMIRO / HALL

A mão de Ramiro abre a porta, com o chaveiro cheio de chaves. O hall de entrada está na penumbra. A porta da rua se abre devagar. Ramiro entra, põe o chaveiro no bolso e fecha a porta atrás de si com cuidado.

CENA 38 - INT/NOITE - CASA DE RAMIRO / CORREDOR E QUARTO DE MARIA

Ramiro caminha no corredor. À sua frente um relógio de pé marcando **3h50** min. Ramiro caminha decidido, mas cuidando para não fazer barulho. Passa em frente a uma porta entreaberta. Hesita, volta. Pára na porta entreaberta. Empurra-a.

Na penumbra do quarto, a mãe de Ramiro, dona MARIA, 60 anos, dorme recostada na cama com livro sobre o lençol. Ramiro fica parado na entrada do quarto, olhando para a mãe dormindo fecha a porta e segue para seu quarto.

MARIA (FQ)
É você, Ramiro?

Ramiro, já no corredor, ouve a voz da mãe e pára. Vira o rosto para trás e responde.

RAMIRO
Sim, mãe. Boa noite.

Luz do quarto de Maria se apaga.

MARIA
Boa noite.

CENA 39 - INT/NOITE - CASA DE RAMIRO / QUARTO

Uma gaveta se abre e revela alguns papéis, documentos, dinheiro. Ramiro está em seu quarto, sentado na cama,

debruçado sobre a mesa de cabeceira, remexendo na gaveta aberta. As mãos de Ramiro abrem um passaporte e encontram, dentro dele, 5 notas de 100 dólares. Fecha o passaporte. Ramiro abre a porta do guarda-roupa. Pega uma camisa e uma calça, decidido, sem se dar ao trabalho de escolher. Coloca tudo dentro de uma sacola de nylon. Fecha o zíper. Fecha o armário.

CENA 40 - INT/NOITE - CASA DE RAMIRO / CORREDOR E QUARTO DE MARIA

No corredor, Ramiro volta a passar pelo quarto de sua mãe. Dona Maria dorme, na mesma posição anterior. Ramiro afasta-se pelo corredor, em silêncio.

CENA 41 - EXT/NOITE - FORD 47 / FRENTE DA CASA DE RAMIRO

De volta ao carro, Ramiro senta no banco do motorista e fecha a porta. Ao seu lado, Bráulio parece acordar com o barulho. Bráulio olha para Ramiro com um meio sorriso. Ramiro, sério, volta a olhar para a frente.

BRÁULIO
Chegamos?

RAMIRO
(olhando para frente) Ainda não.

Liga o carro e sai.

CENA 42 - EXT/NOITE - FORD 47 / ESQUINA DA CIDADE

O Ford 47 aproxima-se de uma esquina e pára. Dentro do carro, com o motor ligado, Ramiro olha decidido para Bráulio.

RAMIRO
Bem, doutor, este é o ponto final.
(indicando) O senhor consegue andar até o La Estrella?

BRÁULIO
(sóbrio) E você, aonde vai?

RAMIRO
Vou pescar.

BRÁULIO
A essa hora?

RAMIRO

Olha, velho, pára com isso, tá? Vou onde me der na telha e vou agora, entendeu?

BRÁULIO

Não. Vamos continuar bebendo por aí. E conversar.

RAMIRO

Olhe, você parece ter desejos que eu não tenho. Desça.

Bráulio olha-o nos olhos e fala friamente, devagar:

BRÁULIO

Você não vai me deixar assim no mais, filho da puta. Pensa que eu não vi você e a Elisa?

RAMIRO

(perturbado) O que você disse?

BRÁULIO

Isso mesmo! Você e a Elisa!

Ramiro dá um soco no queixo de Bráulio, que é jogado para trás, no banco.

BRÁULIO

Merda... Seu merda!

Bráulio tenta reagir, mas Ramiro dá-lhe um segundo soco, no nariz, e ainda um terceiro, na base da mandíbula. O velho desaba sobre o banco, a cabeça pendida para trás.

Ramiro, ainda incrédulo, olha rapidamente para suas próprias mãos, sem saber o que fazer. Volta a olhar para Bráulio, desmaiado.

Rapidamente, sem desligar o motor, Ramiro abre a porta do carro e sai. Dá a volta pela frente do carro. Abre a porta do carona, com cuidado. O corpo de Bráulio cai pesadamente sobre seus braços.

Ramiro segura o corpo do velho e olha em volta, como que pensando o que fazer com ele. Dá um primeiro puxão para sustentar o corpo de Bráulio. Então ouve um ruído.

Na rua, ao longe, um farol de carro se aproxima.

Ramiro volta a empurrar o corpo de Bráulio para dentro do carro. Fecha a porta. Outro carro se aproxima. Ramiro faz a volta no carro correndo. Entra pela porta do motorista, liga o carro e parte.

CENA 43 - EXT/NOITE - FORD 47 / ESTRADA ASFALTADA

À frente, as linhas divisórias da estrada passam em velocidade ainda maior. Ramiro está dirigindo, tenso, crispado, olhando fixamente para a frente. Uma gota de suor desprende-se da testa de Ramiro, que olha rapidamente para o lado. No banco do carona, Bráulio segue desmaiado.

Carro entra em uma estrada de terra.

Ramiro, cada vez mais nervoso, começa a falar sozinho.

RAMIRO

Perdido. Estou perdido. Agora não tem mais volta. (olhando para Bráulio) Velho de merda. (para a frente) Filha de merda. Demônio. Agora eu tenho que ir em frente: perdido por perdido... Estou jogado. Jogado e cagado. Cagado e fedido. Fedido como um morto. Bem fedido...

Ramiro percebe alguma coisa à sua frente e diminui a velocidade.

CENA 44 - EXT/NOITE - FORD 47 / ESTRADA ASFALTADA E PONTE

Ramiro olha atentamente para a frente. Uma grande ponte se aproxima. Pára no acostamento, cerca de dez metros antes do início da ponte. Continua olhando para a frente. Nenhum movimento.

Ramiro desce do carro, caminha até a amurada da ponte. Vinte metros abaixo, o rio corre entre pedras. Ramiro, tenso, põe a mão no bolso, leva-a até a testa para secar o suor com o que ele julga ser um lenço. Ramiro percebe que o "lenço" é na verdade a calcinha rasgada de Elisa.

Ramiro fica olhando alguns segundos para a calcinha. Olha para o carro. Ramiro olha mais uma vez para o rio. Volta a olhar para a calcinha.

Ramiro caminha até a porta do passageiro e a abre. O braço de Bráulio cai para fora do carro. Ramiro coloca a calcinha no bolso de Bráulio, ajeita o velho e fecha a porta.

Dá a volta pela frente do carro e entra pela porta do motorista. Ramiro olha para trás.

Nenhum movimento na estrada.

Ramiro olha para Bráulio, que continua desmaiado. Ramiro liga o carro e dá a ré. Ponte se afasta. Ramiro olha para a frente. O carro parado na estrada, a uns cem metros da ponte. Nenhum movimento na estrada.

Ramiro olha para Bráulio, que continua desmaiado. A porta do motorista se abre. Ramiro sai, inclina-se para dentro do carro e puxa Bráulio para o banco do motorista. Pega as mãos de Bráulio e as coloca sobre a direção do carro. Aperta a mão direita de Bráulio sobre a alavanca do câmbio, cuidando para deixar marcadas as impressões digitais. De dentro do carro, Ramiro tira a sacola de nylon, atira-a para fora. Volta a entrar no carro, sentando-se à direção, no colo de Bráulio. Ramiro senta e fecha a porta. O velho dá um gemido, mas não desperta.

RAMIRO
(frio, sem olhar para ele) Não reclama,
velho. Já vai terminar.

Ramiro pega a mão de Bráulio e, com ela, engata a primeira. O carro volta a pôr-se em movimento. Ramiro dirige, apertado entre Bráulio e a direção. Mãos de Ramiro colocam pés de Bráulio no acelerador. Ponte se aproxima.

Carro vai ganhando velocidade, em direção à ponte. Uma gota de suor começa a rolar por seu rosto. Ponte mais próxima. Ramiro, com a mão de Bráulio, engata a segunda. Bráulio, de olhos fechados, parece que vai acordar. Ramiro não olha para ele, os olhos fixos na estrada. O carro se aproxima da ponte, ainda mais rápido. Ramiro vira a direção para o lado da ponte. Bráulio geme. A gota de suor pinga e desenha um estranho sorriso no rosto de Ramiro. Ramiro, decidido, gira a direção no sentido da amurada da ponte. O carro corre em direção à amurada. Ramiro, com a mão esquerda, abre a porta do carro. O rosto de Ramiro se ilumina. Ele grita e salta fora do carro. Ramiro rola no chão. O carro vai em direção à ponte, em alta velocidade. O carro chegando na amurada. Ramiro apóia-se no chão. Levanta o dorso, gemendo de dor no cotovelo, e olha em direção à ponte. O carro rebenta a amurada, diminui de velocidade ao romper a amurada, vai parando... Pára. O corpo de Bráulio cai sobre a direção, acionando a buzina. Carro fica pendurado sobre o abismo, a buzina estridente enchendo a noite. Ramiro sai correndo em direção ao carro. Aproxima-se cuidadosamente da janela do motorista, cuidando para não escorregar no chão de terra que precede a queda para o rio.

Ramiro, pela janela, puxa o corpo de Bráulio pelo ombro, afastando-o da direção e silenciando a buzina. Bráulio cai no banco, a cabeça pendente sobre o encosto.

Ramiro vê, na estrada, ao longe, as luzes de um carro que se aproxima. Ramiro abaixa-se, olha sob o Ford e vê que o carro ficou preso. Na estrada, o outro carro se aproxima.

Ramiro vai para trás do Ford e tenta empurrá-lo. O carro está mesmo preso. Ramiro faz força.

O outro carro se aproxima na estrada. Ramiro faz muita força. Ramiro suando muito. Ford oscila. O Ford começa a se soltar. Ramiro empurra. O Ford se solta e começa a andar lentamente para o abismo.

Iluminada pela lua cheia, a ponte despeja o velho Ford 47, que vem caindo em direção ao rio.

Ramiro olha o carro cair. Cai. As rodas do carro ficam para cima da água, o resto do Ford submerso. Ramiro olha pro carro, olha prá estrada e se esconde, encostado na cabeceira da ponte.

O outro carro está bastante próximo e Ramiro ouve uma música do rádio muito alta. Na frente, um HOMEM e uma MULHER, rindo. Ramiro não resiste a tentação de dar uma olhadinha para o carro que passa. No banco de trás, um MENINO muito sério, de nariz colado no vidro, olha para Ramiro. Ramiro olhando pro carro, vê o menino.

Carro termina de passar. Ramiro se vira, senta e se recosta na parede da ponte. Ramiro aliviado, esfrega o cotovelo. Começa a levantar.

Ramiro termina de subir a ribanceira, olha em volta. Nenhum movimento. Volta a olhar para o carro. Lá embaixo, o Ford está quase submerso, rodas para cima. Fala consigo mesmo.

RAMIRO

Tudo bem.

FIM DO TERCEIRO BLOCO

QUARTO BLOCO

CENA 45 - EXT/NOITE - ESTRADA ASFALTADA

Ramiro caminha pela estrada. Massageia o cotovelo ferido. Olha para trás à procura de alguma luz ou movimento. Nada. Pega um cigarro. Vai acender mas se detém.

CENA 46 A - INT/DIA - QUARTO DE ELISA (FF)

Monteiro (não aparece o seu rosto) ergue o lençol que cobre o corpo de Elisa. O Policial, ao fundo, se aproxima.

POLICIAL
O velho desapareceu.

CENA 46 - EXT/DIA - MARGEM DO RIO (FF)

Margem do rio, o Ford 47 é içado por um guindaste. Três POLICIAIS acompanham a operação. Dois ENFERMEIROS carregam uma maca onde há um corpo envolto num plástico. O policial 1 mostra a Carmem a calcinha de Elisa, num saco plástico. Carmem fecha os olhos, balança a cabeça afirmativamente e cobre o rosto.

POLICIAL 1
A senhora tem certeza?

Carmem balança a cabeça afirmativamente.

POLICIAL 1
Não quer dar uma outra olhada?

Carmem balança a cabeça negativamente. Policial 1 sobe a ribanceira e leva a calcinha até o inspetor Monteiro, que só aparece de costas.

POLICIAL
É da filha.

MONTEIRO
Certeza?

O policial balança a cabeça afirmativamente.

POLICIAL
O senhor tinha razão. Ele deve ter tomado um porre. Quando se deu conta do que fez, enlouqueceu.

MONTEIRO
(saindo) Vamos embora.

O policial pega um apito do bolso e sopra.

POLICIAL
(gritando para todos) Vamos embora!

CENA 47 - EXT/NOITE - ESTRADA ASFALTADA

Ramiro caminha pela estrada. Um cachorro late ao longe. Os faróis de um carro se aproximam. Ramiro acelera o passo. O

carro se aproxima. Ramiro agora quase corre. Sai da estrada e se esconde atrás de uma tralha. Os faróis se aproximam. Ramiro sente o cotovelo ferido. O carro agora está bem próximo e já pode ser visto. É um pequeno caminhão transportando animais. Sombra passa pelo rosto de Ramiro. O caminhão passa. Ramiro respira aliviado.

CENA 48 - EXT/NOITE - ESTRADA ASFALTADA

Ramiro volta a caminhar pela estrada. Vê os faróis de um carro que se aproxima. Ramiro limpa a roupa, ajeita o cabelo e pára na beira da estrada. Faz um sinal pedindo carona.

É um grande caminhão que se aproxima. Ramiro abana. O caminhão pisca os faróis e pára. Ramiro protege o rosto da luz do farol com a mão direita. O CAMINHONEIRO, 45 anos, gordo, sem camisa, fala à janela.

CAMINHONEIRO
Para onde quer ir?

RAMIRO
(com sotaque paraguaio) Para qualquer lado, más cerca de la ciudad.

CAMINHONEIRO
Sobe aí.

Porta se abre. Ramiro sobe.

CENA 49 - EXT/NOITE - CAMINHÃO / ESTRADA ASFALTADA

Caminhão arranca. Ramiro tenta manter o rosto afastado do olhar do caminhoneiro.

RAMIRO
Se rompió mi coche.

CAMINHONEIRO
Sei.

O caminhoneiro segue olhando para a estrada, sem encarar Ramiro. Ramiro observa-o em silêncio e depois desvia o olhar para a janela.

Ramiro põe a mão no bolso e tira um cigarro. Distraidamente, bate duas vezes com o cigarro no painel do caminhão. Olha para o caminhoneiro e oferece um cigarro. O caminhoneiro recusa com

um gesto e volta a olhar para a estrada. Ramiro acende o cigarro e dá uma tragada.

CENA 50 - EXT/NOITE - PISCINA

A Lua cheia. Um movimento de água revela que é um reflexo da lua sobre as águas do rio. Do fundo das águas, sob reflexo da lua, surge Bráulio, ofegante, o rosto ensangüentado.

CENA 51 - EXT/AMANHECER - CAMINHÃO / ESTRADA ASFALTADA

Ramiro, cabeça encostada no vidro, é acordado pela luz e a buzina de um ônibus que cruza a estrada. Reflexo do ônibus passa pelo vidro.

O caminhão pára num sinal vermelho. Ramiro vê, nas calçadas da periferia da cidade, os primeiros movimentos da manhã: MÃE com DUAS CRIANÇAS em uniforme escolar atravessa a rua. Ramiro rapidamente abre a porta e, sem olhar diretamente para o motorista, salta do caminhão.

RAMIRO

Gracias, viejo. Quedome acá.

MOTORISTA

Tchau, gringo.

Ramiro sorri e vê o caminhão se afastar. Olha o relógio. Faltam dez para as seis. O dia está clareando. Ramiro caminha pela calçada. Vê uma MULHER que se aproxima ao longe. Ramiro atravessa a rua, mudando de calçada. Do outro lado da rua, a mulher se afasta. Ramiro mantém a cabeça baixa.

CENA 52 - EXT/DIA - FRENTE DA CASA DE RAMIRO

Ramiro abre o portãozinho de ferro da casa sem conseguir evitar que ele ranja. Olha para os lados para ver se alguém na rua o observa. A rua está vazia. Ramiro procura a chave de casa no bolso. Não encontra. Procura no outro bolso. Ramiro pára

CENA 53 - EXT/DIA - FUNDO DO RIO

Na ignição do Ford 47, no fundo do rio, ao sabor da correnteza, o chaveiro de Ramiro dança ao lado da mão de Bráulio, morto.

FIM DO QUARTO BLOCO

QUINTO BLOCO

CENA 54 - EXT/DIA - CASA DE RAMIRO / QUINTAL

Ramiro, no quintal, termina de dar a volta na casa. Aproxima-se de uma janela, ergue o vidro, abre-a. Entra pela janela, tentando não fazer nenhum barulho.

CENA 55 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / COZINHA

Ramiro esbarra numa cadeira, provocando alguns ruídos. Pára e fica em silêncio. Não escuta nada. Caminha pela cozinha, procurando encontrar seu caminho no escuro.

CENA 56 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / CORREDOR E QUARTO DE MARIA

Ramiro se aproxima da porta fechada do quarto de sua mãe. Pára e escuta. Nada. No corredor, relógio de pé ao fundo **(6:10h)**

CENA 57 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / BANHEIRO

A porta do banheiro se abre. Ramiro entra e fecha a porta atrás de si. Acende a luz. Caminha em direção à pia e tira a camisa. Examina o cotovelo ferido e sujo de barro. Abre a torneira, lava o rosto e o cotovelo ferido. Termina de lavar-se e dirige-se à porta. Volta a apagar a luz do banheiro. Ramiro abre a porta para voltar ao corredor, mas dá de cara com a mãe, parada ao lado da porta, de chambre. Ele leva um susto, mas ela nem percebe.

MARIA

Já acordado, Ramiro? Você foi dormir tão tarde, meu filho.

CENA 57 A - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / CORREDOR

Ramiro sai da porta do banheiro e vai para a porta de seu quarto levando um copo com água. Maria sai em direção à cozinha.

MARIA

Quer café?

RAMIRO

Não. Vou tentar dormir mais um pouco.

CENA 58 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / QUARTO

Ramiro termina de se sentar na cama. Larga o copo ao lado, na mesinha de cabeceira. Deita e fecha os olhos, cansado.

CENA 59 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / QUARTO

O sol forte penetra pelas fendas na persiana, desenhando uma espécie de grade de luz na semi-obscuridade sobre Ramiro. Num canto, sobre uma mesinha baixa de madeira, um ventilador potente gira de um lado para o outro, fazendo um ruído monótono. A mesa, frágil, vibra um pouco.

O vento que o ventilador provoca chega à cama onde Ramiro está dormindo, fazendo o lençol balançar levemente. Na mesma mesinha do ventilador, está um copo cheio de água, perigosamente colocado na beirada. Quando o ventilador vira totalmente para a esquerda, praticamente encosta no copo. A água do copo se agita um pouco.

Uma vibração mais forte da mesa provoca um pequeno movimento na base do ventilador, que agora, ao atingir sua rotação máxima, começa a bater no copo. A água passa a agitar-se muito mais, e o som agudo do plástico que protege as pás em atrito com o vidro incomoda o sono de Ramiro.

Ele acorda aos poucos. A primeira coisa que vê é a mesinha com o ventilador e o copo, mas está meio grogue de sono e não percebe que o copo está prestes a cair. Fica olhando para o iminente "desastre" como se visse um filme. O copo move-se meio milímetro para a frente. Vai cair.

Ramiro finalmente decide agir. O copo começa a cair. Ele estende a mão e detém o copo no início da queda.

Ramiro recosta-se no travesseiro. Sorri, aliviado. Vai levar o copo à boca, mas o som crescente da voz de sua mãe atrás da porta o faz deter-se.

MARIA (FQ)

Claro. Já está na hora de ele acordar mesmo.

Ramiro olha para o relógio de pulso: onze e quatorze.

MARIA

Ele foi dormir muito tarde.

Agora a voz já está bem forte.

MARIA

Um minuto. Vou ver se ele já acordou.

Ramiro largou o copo na mesa à esquerda, deita para a direita. Batidas na porta.

MARIA

Ramiro, posso entrar?

A porta se abre.

MARIA

Ramiro...

Ramiro abre um olho, depois outro, fingindo ainda dormir profundamente.

MARIA

Querido, tens uma visita.

Maria atravessa o quarto em direção à janela.

Ramiro vira-se olhando para a porta. Ramiro ergue-se nos cotovelos, curioso. Na semi-escuridão, não consegue ver quem está ali.

RAMIRO

(sonolento) Visita?

MARIA

(olhando para trás) Entra.

Uma figura feminina entra no quarto e pára perto da porta. Dona Maria ergue a veneziana. Luz da persiana sendo aberta ilumina a pessoa aos poucos.

MARIA

Que calor...

Para horror de Ramiro, a figura recém-chegada, agora iluminada diretamente pela luz da janela, é Elisa, que sorri para ele, meiga, sensual, diabólica.

FIM DO CAPÍTULO 1

LUNA CALIENTE - CAPÍTULO 2

PRIMEIRO BLOCO

CENA 60 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / QUARTO

Ramiro, sentado em sua cama, perturbado, fica olhando em direção a Elisa, parada na porta do quarto. A franja oculta parcialmente os olhos de Elisa. Ela está sorridente e parece confiante.

ELISA
Oi.

Ramiro, ainda sentado na cama, não responde. Dona Maria aproxima-se de Ramiro, com umas roupas na mão. Estende as roupas para Ramiro, que demora um tempo para reagir.

MARIA
Vai te vestir, meu filho.

Ramiro finalmente pega as roupas e levanta da cama.

RAMIRO
Com licença.

Ramiro vai até o banheiro, passando perto de Elisa, que continua sorridente. Elisa vira-se, acompanhando Ramiro com o olhar.

MARIA
(para Elisa) Não liga, querida. Ele leva uma meia hora pra acordar de verdade. Tem que ver o suplício no tempo do colégio pra tirar ele da cama...

Ramiro entra no banheiro e fecha a porta. Tem um acesso de tosse.

MARIA (FQ)
Você está bem?

CENA 61 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / BANHEIRO

Ramiro termina de lavar o rosto com bastante água.

RAMIRO
Estou.

MARIA (FQ)

Eu vou servir um café. Venham logo.

RAMIRO
Tudo bem.

Ramiro coloca a calça e a camisa sem pressa. Vê a sacola de nylon e pega. Olha-se no espelho e abre devagar a porta do banheiro.

CENA 62 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / QUARTO

Elisa está sentada numa cadeira giratória, na escrivaninha de Ramiro, examinando com curiosidade as fotos e coisas de Ramiro sobre a escrivaninha. Ramiro entra. Da cozinha, ouvem-se o ruídos de dona Maria lavando louça.

RAMIRO
Como você está?

ELISA
(sem olhar para ele) Bem.

RAMIRO
(inseguro) Não sei o que dizer, Elisa...

ELISA
Você não precisa dizer nada.

RAMIRO
Ontem à noite fiquei louco. Queria que me desculpasse se fui bruto, entende? É uma bobagem falar nisso agora, mas... (hesita um pouco) Eu não queria machucar você.

Elisa se vira para Ramiro, girando a cadeira.

ELISA
(balançando a cabeça, sensual) Não machucou.

Ramiro se mantém em silêncio por um momento e começa a falar enquanto se dirige para a cama.

RAMIRO
Como você veio até aqui?

ELISA
Mamãe me trouxe.

RAMIRO

E ela, onde está?

ELISA
Procurando papai. Ele desapareceu.

RAMIRO
E não sabem onde ele está?

ELISA
Decerto se embebedou, como sempre. Deve andar com algum amigo.

Pela primeira vez, Ramiro fica mais confiante.

RAMIRO
Ah... Me diz uma coisa...

Elisa levanta e dirige-se à janela.

RAMIRO
Você falou com sua mãe sobre o que aconteceu ontem à noite?

Elisa sorri. Leva a mão ao peito e abre mais um botão da blusa, revelando o início do contorno dos seios sob o sutiã.

ELISA
Como está quente...

Elisa vira-se para Ramiro. Ramiro olha por um instante para o decote, mas logo recupera o autocontrole. Elisa aproxima-se de Ramiro.

RAMIRO
Você contou pra ela?

ELISA
Como você pode pensar uma coisas dessas?

Elisa aproxima-se ainda mais de Ramiro. Ficam algum tempo em silêncio. Ramiro parece não saber o que dizer.

ELISA
Me dá um beijo.

Elisa aproxima-se dele, olhos lânguidos, lábios entreabertos. Ramiro parece não ter mais defesa. Elisa abraça Ramiro, que está em transe.

ELISA
Eu gostei muito...

Vão se beijar, mas o grito de dona Maria os interrompe.

MARIA (FQ)

Ramiro, Elisa! O café está pronto!

Ramiro sai do transe e empurra Elisa. Ela sorri, diabólica.

CENA 63 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / COZINHA

Ramiro e Elisa estão sentados, frente a frente, numa mesa de refeições na cozinha, que é bastante espaçosa.

Dona Maria, de avental, coloca dois bules na mesa, que já está ocupada por uma jarra de suco. Serve uma travessa de pães, queijo, presunto, etc. Elisa não desgruda os olhos de Ramiro.

MARIA

Que noite horrível. Mal consegui dormir.
Esse calor ainda vai nos matar.

RAMIRO

(olhando rápido para Elisa) O que vai nos matar é outra coisa.

Elisa sorri.

MARIA (FQ)

O que você disse?

RAMIRO

Não liga, eu não estou me sentindo muito bem.

MARIA

Quer um comprimido?

Maria aproxima-se da mesa.

RAMIRO

Não.

MARIA

Não liga, Elisa. Às vezes ele acorda assim.
(serve suco para Elisa) Como vai seu pai?

ELISA

Acho que está bem.

MARIA (FQ)

O seu pai e o meu marido eram muito amigos.

ELISA

Eu sei. O Ramiro me contou.

MARIA

(surpresa) Contou, é? Que novidade... O Ramiro não é de muita conversa. Ele é tão bicho-do-mato...

ELISA

(maliciosa) Não parece.

MARIA

Que bom. (tirando o avental e vindo sentar ao lado de Ramiro). Bem que eu disse que ele tinha que conversar um pouco. Eu tenho que ir ao mercado. O que você quer comer no almoço?

RAMIRO

Eu não sei se vou comer aqui. Não te preocupa.

MARIA

(para Elisa) Depois de tantos anos longe, não pára um minuto em casa. Eu compreendo, claro, para isso existem as mães, para compreender os filhos. Mas ele está chegando tardíssimo todas as noites. Hoje chegou eram quase quatro. Vai acabar se consumindo. Diz pra ele, Elisa, talvez ele te ouça.

ELISA

(divertida) Sua mãe tem razão, Ramiro.

Ramiro sorri. Parece aliviado.

RAMIRO

Você me faz sentir um adolescente.

MARIA

Vocês nem experimentaram meu bolo de laranja! É uma receita nova. (parte o bolo e dá uma fatia para cada um) Quando eu voltar, vocês me dizem o que acharam.

Dona Maria beija Elisa e Ramiro. Sai da cozinha. Maria caminha em direção à porta. Ramiro e Elisa ouvem o barulho da porta da sala fechando. Comem o bolo.

Elisa limpa alguns farelos de bolo sobre a sua boca com um guardanapo. Sorri para Ramiro. Pela primeira vez, ele sorri de volta. Ramiro olha para Elisa.

RAMIRO
Por que você veio aqui?

ELISA
(voz baixa e sedutora) Precisava te ver.

RAMIRO
Eu não quis te machucar.

ELISA
Eu já disse que não me machucou. Eu gostei.
Quero de novo.

Elisa começa a brincar com os botões da blusa. Vai desabotoando um por um. Os seios pequenos aparecem. Ramiro não consegue desgrudar os olhos. A respiração de Elisa fica mais agitada. Os seios sobem e descem sob o sutiã. Elisa levanta. Dá a volta devagar na mesa. Tira o sutiã. Fica nas costas de Ramiro, com a blusa aberta. Ramiro está imóvel, indefeso.

ELISA
Me faz. Agora.

RAMIRO
(baixinho, sem a menor convicção) Não.

Elisa abre a calça de Ramiro. Ramiro vira a cadeira. Elisa vai pra frente dele. Fica de costas pra câmera. Levanta o vestido e tira a calcinha, sob o olhar deslumbrado de Ramiro. Elisa senta no colo de Ramiro. Ele não resiste mais. Os dois se beijam na boca, com fúria. Transam em silêncio, rápidos, bruscos, mas com grande intensidade. No início, Ramiro lança olhares nervosos em volta, preocupado, mas depois fecha os olhos e entrega-se.

Ramiro coloca Elisa sobre a mesa. A mão de Elisa segura a mesa. Um jarro com suco de laranja sacode. Elisa, para não gritar, morde a própria mão.

Toca a campainha. Elisa começa a levantar. Ramiro olha em direção à porta. Elisa abotoa a blusa e levanta.

Batidas fortes na porta da cozinha.

GOMULKA
(FQ, gritando) Ramiroooo!!!

Os dois olham para a porta.

RAMIRO

(alto) Já vai! (para Elisa, apontando uma porta no fundo da cozinha) Ali. Vai.

Ramiro empurra Elisa para dentro da casa e fecha a porta atrás dela. Ele volta e caminha na direção da sala, enquanto arruma as próprias calças. Vê, no chão da cozinha, o sutiã de Elisa. Ramiro abaixa-se e pega-o, vai até a porta por onde desapareceu Elisa e joga o sutiã pra dentro. Ramiro abre a porta da rua.

Na porta, Gomulka sorri para Ramiro.

RAMIRO

Olá, Gomulka.

GOMULKA

E aí, irmão? Tô precisando do carro. Eu não vi aí na frente. Onde ele está?

Ramiro olha para Gomulka, nervoso.

FIM DO PRIMEIRO BLOCO

SEGUNDO BLOCO

CENA 64 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / COZINHA

Gomulka entra e se dirige à geladeira. Gomulka certifica-se de que estão sós.

GOMULKA

Ramiro, eu tenho um programa para você hoje à noite.

Ramiro se aproxima da pia. Traz da mesa algumas louças sujas. Gomulka se encosta na ponta da pia tomando alguma coisa.

RAMIRO

Gomulka...

GOMULKA

Não, não vá você começar com aquela conversa de que está cansado, que chegou de viagem há pouco. Até parece que você veio a pé. Chega de descansar.

Ramiro vê a calcinha de Elisa no chão, perto do pé de Gomulka.

GOMULKA

Escuta só: a Márcia Interessante está de aniversário. Você não conhece. Mas você conhece a Márcia Chata, que é a irmã do Cardoso, que VOCÊ achou interessante, lembra? Você viu a Márcia Chata na casa do Cardoso e me disse que achou interessante. Pois a Márcia Interessante ganhou este apelido exatamente para diferenciar da Márcia Chata. Acompanhou?

Ramiro abre a porta do armário debaixo da pia, abaixa-se, pega a calcinha e guarda no bolso.

RAMIRO

Sim, mas é que...

GOMULKA

A Márcia Interessante está de aniversário, vai dar uma festa e mandou convidar você. "Leva aquele teu amigo francês... ". Ela tá louquinha por você, meu filho, vai por mim. Me dá logo a chave do carro. Eu tenho que mandar lavar. Também tenho assuntos importantes hoje à noite.

Ramiro olha para a louça.

RAMIRO

É que... esse é o problema.

Ramiro aproxima-se da mesa. Gomulka permanece ao fundo, encostado na pia.

GOMULKA

Que problema?

RAMIRO

O carro.

Gomulka vem para perto da mesa.

GOMULKA

(preocupado) O que é que tem o carro? Cadê o meu carro, Ramiro?

Ramiro se vira para Gomulka.

RAMIRO

Aconteceu... um problema.

GOMULKA

Fala, homem! O carro estragou? (assustado)
Não me diga que você bateu o meu carro?

RAMIRO

Não, não. É que ele não está comigo.

GOMULKA

(nervoso) Como é que é? Está com quem?

Ramiro vai para a pia, Gomulka vai atrás.

RAMIRO

Eu... emprestei.

GOMULKA

Emprestou? Emprestou MEU carro? Para quem?

RAMIRO

(falando baixo) Para o doutor Bráulio
Tennembaun.

Ramiro volta para a mesa. Gomulka segue atrás dele.

GOMULKA

(furioso, falando alto) O quê? Bráulio
Tennembaun? Que merda, como é que você foi
fazer uma coisa dessas? Você emprestou meu
Ford quarenta e sete, que eu levei oito
anos e meio restaurando, peça por peça,
para aquele velho bêbado e irresponsável?
Por que você fez isso, Ramiro?

Elisa surge na cozinha. Os dois olham para ela. Gomulka olha,
sem entender nada. Olha para Ramiro. Olha outra vez para
Elisa, já entendendo um pouco mais. Olha outra vez para
Ramiro.

Elisa entra.

ELISA

Minha mãe está aí.

RAMIRO

Gomulka, você conhece a Elisa, filha da
dona Carmem e do...

GOMULKA

Conheço. Tudo bem?

Maria entra, seguida por Carmem.

MARIA

(entrando) Elisa! Sua mãe está aí!

Carmem, com a aparência muito preocupada, entra e senta na ponta da mesa.

CARMEM

Não o encontrei, minha filha. Não sei o que pensar, estou desesperada.

GOMULKA

(para Ramiro) O que aconteceu?

Ramiro fica sem resposta.

MARIA

O doutor Bráulio.

CARMEM

Ele não voltou pra casa.

GOMULKA

Ele sumiu? Com o meu carro?

MARIA

Vamos, Carmem, ele anda por aí. Não é a primeira vez.

GOMULKA

A senhora já foi à polícia?

CARMEM

Ainda não. Tenho medo de ir. Liguei para o Braulito, ele disse que vem o mais rápido possível. Homem eles respeitam mais. Vou parecer ridícula dizendo para a polícia que o meu marido fugiu.

CARMEM

O que vocês fizeram ontem à noite, Ramiro?

Elisa senta ao lado da mãe. Elisa olha para Ramiro.

GOMULKA

É, Ramiro: o que vocês fizeram ontem à noite?

Maria serve um copo d'água para Carmem.

RAMIRO

Na verdade, nada. O doutor Bráulio me convidou para tomar alguma coisa e... eu não aceitei.

CARMEM

Você consertou o carro?

GOMULKA

O carro estragou?

RAMIRO

Estava apenas afogado, e ele me pediu que o trouxesse para a cidade. Embarcou e... a verdade é que não pude impedir.

CARMEM

Ele sempre foi assim. Quando mete uma coisa na cabeça...

RAMIRO

Bem, nós chegamos na cidade e eu fiquei em casa. Ele me pediu o carro e outra vez não pude negar.

GOMULKA

(irritado) Pffu!

RAMIRO

Inclusive agora estou preocupado porque o carro não é meu, a senhora sabe, é do meu amigo Gomulka.

GOMULKA

(afastando-se) Ex-amigo.

CARMEM

Mas a que hora vocês saíram? Você já estava deitado.

RAMIRO

Não sei, seriam mais ou menos... três da manhã. Eu não podia dormir por causa do calor.

Ramiro olha para Elisa. Elisa cruza as pernas, olha para Ramiro.

RAMIRO

Decidi me levantar e vir embora. Encontrei o doutor Bráulio fora da casa, muito...

CARMEM
Embriagado.

Ramiro olha para Carmem, faz um sinal afirmativo com a cabeça.

GOMULKA
Que merda, Ramiro!

Carmem apóia a mão na cabeça.

CARMEM
Que calvário, Deus meu...

Carmem se recompõe, ergue-se.

CARMEM
Bem, vamos embora.

Sai de braço com Elisa, em direção à porta. Ramiro segue as duas.

CENA 65 - EXT/DIA - FRENTE DA CASA DE RAMIRO

Ramiro e Maria seguem Carmem e Elisa até a calçada. Carmem e Maria passam pela frente do carro em direção à porta do motorista. Ramiro e Elisa seguem para a porta do passageiro.

CARMEM
Vou continuar procurando, ainda me falta passar na casa do Romero e no Freschini.

MARIA
Ele deve aparecer.

CARMEM
Dessa vez eu mato esse miserável!

MARIA
Calma. Me avise de qualquer coisa.

Elisa entra no carro, Ramiro segue-a e apóia-se na porta. Elisa, sentando-se, coloca as pernas para dentro do carro, ajeita o vestido e sorri para Ramiro.

ELISA
(para Ramiro) Depois você me devolve as duas.

Ramiro fecha a porta, põe a mão no bolso. Ramiro olha para Elisa, tenso.

CENA 66 - EXT/DIA - FUNDO DO RIO / FORD 47 (FF)

Dentro do carro tomado pelas águas do rio, a calcinha rasgada de Elisa dança suavemente, saindo do bolso de Bráulio.

CENA 67 - EXT/DIA - FRENTE DA CASA DE RAMIRO

Elisa abana para Ramiro enquanto o carro sai. Ramiro abana de volta. Maria e Gomulka estão na calçada.

MARIA
Coitada!

Maria volta para dentro da casa. Gomulka aproxima-se de Ramiro.

GOMULKA
Ramiro, isso que você fez...

RAMIRO
Me desculpe, Gomulka...

GOMULKA
Desculpar? Nem morto! Isso foi um abuso de confiança.

RAMIRO
Eu lhe pago, juro.

GOMULKA
Não tem dinheiro no mundo que pague o meu prejuízo moral. Aquele Ford... Eu conheço cada parafuso daquele Ford, Ramiro. Cada arruela. Os trincos das portas, Ramiro, eu mandei cromar em Buenos Aires.

Gomulka vai saindo.

RAMIRO
Onde você vai?

GOMULKA
Onde eu vou? Vou chamar a polícia para achar meu carro!

RAMIRO
Calma. Ele... deve ter dormido na casa de alguém.

GOMULKA

Deve ter é caído dentro de uma garrafa de cachaça. E com o meu carro junto.

RAMIRO

Tá bom. Vamos procurar o carro, eu vou com você. Espera um pouco.

Ramiro sai, em direção a casa. Gomulka pára, irritado.

CENA 68 - ELIMINADA

CENA 69 - INT/DIA - CASA DE RAMIRO / QUARTO

Ramiro coloca a calcinha embaixo do colchão. Depois, pega o cigarro e os documentos sobre a cama, acende um cigarro e sai.

MARIA (FQ)

Passem no La Estrella. Ele vive por lá.

RAMIRO

Deve ter sido o primeiro lugar onde Dona Carmem procurou.

Maria aparece na porta.

MARIA

Mas ela é mulher dele, ninguém ia dizer nada. Para vocês...

RAMIRO

Me empreste sua chave. Deixei a minha no chaveiro do carro.

CENA 70 - EXT/DIA - FRENTE DA CASA DE RAMIRO

Gomulka está encostado no muro. Ramiro chega, vindo de dentro da casa. Antes de Ramiro chegar ao seu lado, Gomulka sai caminhando. Ramiro tenta alcançar Gomulka.

RAMIRO

Você está de carro?

GOMULKA

(muito irritado) Não, não estou.

RAMIRO

Sua irmã... será que ela não empresta o carro?

GOMULKA
Para você, não!

RAMIRO
Vamos, Gomulka! Imagina se a polícia encontra e reboca o seu carro. Você sabe o que eles fazem com os carros nos depósitos da polícia.

GOMULKA
Se aquele velho bêbado arranhou um cromado do meu Ford, eu mato o desgraçado. Juro que mato! E você junto!

FIM DO SEGUNDO BLOCO

TERCEIRO BLOCO

CENA 71 - EXT/DIA - FRENTE DA CASA DE GOMULKA

Rua suburbana, um pouco mais movimentada que a de Ramiro.

Ramiro está parado ao lado de um TL. Gomulka sai de uma casa, em direção ao carro, com uma chave na mão. O carro está estacionado na contra-mão. Gomulka senta no carro e abre a porta do carona. Ramiro entra e bate a porta.

GOMULKA
Pra onde?

RAMIRO
Não sei... Pra estrada. Quem sabe ele voltou pra casa?

GOMULKA
Se ele tivesse voltado pra casa, a dona Carmem não andava por aí, desesperada.

RAMIRO
Vamos ao La Estrella, ao Panorama... Alguém deve ter visto ele por lá.

Gomulka liga o carro e parte, afastando-se na rua.

CENA 72 - EXT/DIA - FRENTE DO LA ESTRELLA

La Estrella é um boteco de paredes gastas, com uma grande estrela azul na fachada, no meio de uma rua de bastante movimento. Uma FAXINEIRA passa o rodo na calçada em frente ao bar. A água escorre pela calçada até a sarjeta.

Junto à calçada, o TL da irmã de Gomulka estaciona, pouco à frente de um guincho. Dentro do carro, Ramiro apressa-se em abrir a porta. Gomulka faz menção de desligar o carro, mas Ramiro o impede com um gesto.

RAMIRO

Pra ganhar tempo, Gomulka, (aponta em frente) você poderia ir perguntando no Panorama. Daqui a cinco minutos eu te encontro ali na praça.

GOMULKA

(concordando) A placa é nove, vinte e três, dezoito.

RAMIRO

Eu não vou perguntar pelo carro, Gomulka. O carro não entrou no bar.

Ramiro sai do carro e bate a porta. Inclina-se para falar com Gomulka e sorri, amistoso.

RAMIRO

Pergunta pelo doutor Bráulio. Todo mundo conhece ele por aqui.

Gomulka faz que sim com a cabeça e arranca. O carro sai. Ramiro acompanha com o olhar, entra no bar, enquanto a faxineira continua limpando a calçada.

CENA 73 - INT/DIA - BAR LA ESTRELLA

No balcão, o DONO DO BAR, 40 anos, magro e de olheiras profundas, está fazendo contas, concentrado, com o auxílio de uma antiga máquina de calcular, uma pilha de papéis à sua frente.

Ramiro entra no bar e vai direto ao balcão. Fala com o dono do bar.

RAMIRO

Bom dia! Eu estou procurando um amigo meu, o doutor Bráulio Tennembaun, ele...

O dono do bar faz um gesto, pedindo que Ramiro espere um

pouco, e concentra-se ainda mais em suas contas.

RAMIRO

Desculpa, eu não queria interromper, eu só queria saber se o doutor Bráulio...

O dono do bar visivelmente se perde nas contas, puxa com força a manivela da máquina de calcular, joga o lápis sobre o balcão e encara Ramiro, sério.

RAMIRO

... Se ele esteve aqui ontem à noite, o senhor saberia me dizer?

DONO DO BAR

(seco) Não.

E vira-se de costas para Ramiro.

RAMIRO

(insistindo) Ele tem uns sessenta anos, é um pouco gordo e...

DONO DO BAR

(sem se virar) Eu conheço o doutor Bráulio. Mas ontem ele não esteve aqui. Eu já falei isso pra esposa dele.

RAMIRO

Certo, mas ele me disse que viria aqui, eram umas quatro da manhã. O senhor esteve aqui a noite toda?

DONO DO BAR

Sim.

E volta a virar-se para o balcão, com um caderno na mão. Coloca o caderno sobre o balcão e volta a encarar Ramiro.

RAMIRO

Será que alguém aqui não pode ter visto, falado com ele? Pode ser que ele tenha saído daqui pra um outro lugar...

DONO DO BAR

Pode ser. Se você quiser perguntar...

E indica o bar com a mão. Ramiro vira-se, olha em volta.

O movimento do bar é pequeno: apenas duas mesas ocupadas, as outras com as cadeiras por cima. Pela porta, a faxineira vem

entrando, o rodo às costas.

DONO DO BAR

(para Ramiro) Quer uma cerveja?

RAMIRO

Não, obrigado. Quero um maço de cigarros.
Continental, sem filtro.

O dono do bar entrega-lhe o cigarro. Ramiro tira umas moedas do bolso, conta-as e coloca-as sobre o balcão. O dono do bar recolhe as moedas e volta às suas contas, bastante concentrado. Ramiro pega o maço de cigarros e volta a se virar para o bar.

Numa das mesas, dois sujeitos de bigode, um LOIRO e outro MORENO, tomam cerveja, em silêncio, atirados sobre as cadeiras, entorpecidos pelo calor. Ramiro aproxima-se deles, meio sem jeito, enquanto abre o maço de cigarros.

RAMIRO

Bom dia!

O bigodudo moreno apenas olha para Ramiro, mas o outro responde.

BIGODUDO LOIRO

Bom dia.

RAMIRO

Calorão, né?

Os dois bigodudos se olham, meio desconfiados.

BIGODUDO LOIRO

É. Tá quente.

Ramiro tira um cigarro do maço, coloca-o entre os lábios. Aponta uma caixa de fósforos sobre a mesa.

RAMIRO

Me empresta o fogo?

O moreno alcança os fósforos a Ramiro. Ramiro abre a caixa, tira um fósforo, acende o cigarro. Traga, solta uma baforada.

RAMIRO

Acho que hoje vai fazer mais calor que ontem.

Os bigodudos começam a se divertir com a situação. Olham-se e

sorriem para Ramiro.

BIGODUDO LOIRO
É. É a lua.

BIGODUDO MORENO
A lua cheia.

RAMIRO
É verdade...

Ramiro balança a cabeça e tenta sorrir também, mas só consegue fazer uma careta. Os dois bigodudos se olham e riem.

CENA 74 - EXT/DIA - PRAÇA

Na praça, o TL está estacionado. Gomulka, parado em pé ao lado do carro, olha em volta, esperando. Olha para o carro e vê uma sujeira no capô. Dá uma cuspidinha na manga da camisa e esfrega-a no local.

Ramiro vem em direção a Gomulka.

Gomulka, inclinado sobre o carro, levanta o olhar e vê Ramiro.

GOMULKA
Ramiro! Nada no Panorama. E você?

RAMIRO
(aproximando-se) Ele esteve no La Estrella.
Mas saiu em seguida.

GOMULKA
E foi pra onde?

RAMIRO
Sabe o armazém do Raul, depois da ponte?

GOMULKA
Eu sabia! Que merda, Ramiro!

CENA 75 - EXT/DIA - ESTRADA ASFALTADA

O TL corre pela estrada. Dentro do carro, nervoso, Gomulka dirige, sem parar de falar.

GOMULKA
Eu tenho certeza, Ramiro! Agora eu tenho certeza. Esse velho de merda bateu com o

meu Ford.

RAMIRO

Como é que você pode saber?

GOMULKA

Lembra da dona Marciana, mãe do Perácio?
Ela tinha quatorze filhos, a velha. O mais
velho tinha trinta anos quando nasceu o
menor. Tinha filho espalhado por tudo
quanto é canto.

RAMIRO

(impaciente) Tá, e daí?

Ramiro olha para a estrada.

GOMULKA

Daí que qualquer um deles que se
machucasse, pegasse uma gripe ou uma
diarréia, a velha Marciana passava mal. Ela
sentia, entende?

RAMIRO

Gomulka, você não é mãe de um Ford quarenta
e sete. Carro você encontra em qualquer...

GOMULKA

(furioso) Não brinca com isso, Ramiro!

Ramiro fica quieto. Gomulka encara-o, sério, e em seguida
volta a olhar para a estrada.

GOMULKA

Eu sinto, o que é que eu posso fazer? Está
dentro de mim. Pra dizer a verdade eu
acordei hoje de manhã sentindo. Na verdade,
eu nunca devia ter te emprestado esse
carro...

CENA 75A - EXT/DIA - PONTE

Ramiro pára de prestar atenção no discurso de Gomulka e olha
fixamente para a estrada. A ponte se aproxima.

Ramiro, de repente, interrompe Gomulka.

RAMIRO

(gritando) Pára o carro!

Gomulka freia. O carro pára a poucos metros depois da ponte. Ramiro desce do carro e corre até a amurada. Olha para baixo. Gomulka desce e o segue.

GOMULKA
(para si mesmo) Não!

O carro continua na mesma posição de antes, capotado, com as duas rodas saindo para fora do rio.

Ramiro olha para Gomulka com o canto do olho.

RAMIRO
Achamos o teu carro.

FIM DO TERCEIRO BLOCO

QUARTO BLOCO

CENA 76 - EXT/DIA - MARGEM DO RIO

Ramiro e Gomulka descem, com alguma dificuldade, o barranco à margem do rio. Param o mais perto possível do carro, que está a uns cinco metros da margem, com as duas rodas para cima, aflorando da água.

GOMULKA
Meu carro... Você acabou com o meu carro.

Ramiro tira a camisa, os sapatos e as meias.

RAMIRO
Talvez dê para consertar. Eu pago.

GOMULKA
(irritado) E você ainda vem me falar de dinheiro? Você não entende nada de carros, de responsabilidade, de porra nenhuma! Nenhum dinheiro do mundo paga o que eu fiz nesse Ford...

Ramiro começa a entrar no rio. Gomulka fica na margem.

RAMIRO
(cortando) Talvez tenha gente morta ali dentro, e você só pensa no carro.

Ramiro entra na água, dá alguns passos, fica com água até a cintura. Caminha devagar na direção do carro.

GOMULKA

Tô me lixando pro idiota que tá lá dentro.

Ramiro pára ao lado da janela do motorista, já com a água na altura do peito.

RAMIRO

Eu vou dar uma olhada.

Ramiro toma fôlego e mergulha.

CENA 77 - EXT/DIA - FUNDO DO RIO (PISCINA)

O carro está bastante amassado, mas o capô agüentou relativamente bem o impacto, de modo que é possível olhar para dentro. Não há corpo algum no carro.

Ramiro fica observando por algum tempo, surpreso. Tenta abrir a porta, mas não consegue. Com pouco ar, sacode os braços e sobe à superfície.

CENA 78 - EXT/DIA - MARGEM DO RIO

Ramiro emerge, respira e olha para Gomulka.

RAMIRO

Não tem ninguém.

GOMULKA

Claro! Aquele velho bêbado se salvou. Só eu, que não bebo, não fumo, não como ninguém, me dei mal. É típico...

RAMIRO

(olhando rio abaixo) Dá uma olhada naquele lado, talvez a correnteza tenha levado o corpo.

GOMULKA

Não olho porra nenhuma. A lataria tá muito amassada?

RAMIRO

Mais ou menos.

Ramiro volta a mergulhar. Gomulka tira os sapatos e a camisa. Também entra na água, resmungando.

GOMULKA

Mais ou menos, mais ou menos...

CENA 79 - EXT/DIA - FUNDO DO RIO

Ramiro enfia-se pela janela do carona, que está menos amassada, e olha para o banco de trás. Afasta a lama e a sujeira, deixando a água mais escura. Nada. Olha para o painel e vê o molho de chaves, ainda na ignição. Pega as chaves. Volta a emergir.

CENA 80 - EXT/DIA - MARGEM DO RIO

Ramiro volta a aparecer na superfície do rio. Gomulka está do outro lado do carro, desesperado. Enquanto os dois discutem, descobrimos que três POLICIAIS, mais o inspetor MONTEIRO, 60 anos, estão de pé, olhando para eles.

GOMULKA
Olha só o que você fez...

RAMIRO
Não fui eu, Gomulka.

GOMULKA
(gritando) Claro que foi. Foi você que fez!

MONTEIRO
O que foi que ele fez?

Ramiro e Gomulka olham para a margem.

MONTEIRO
É melhor vocês virem até aqui.

Os dois caminham até a margem. Monteiro usa chapéu, uma calça azul e uma camisa clara, com as mangas arregaçadas. A gravata está com o nó frouxo. Aponta para a mão de Ramiro.

MONTEIRO
Eu fico com isso.

Ramiro fica olhando para Monteiro, sem entender.

GOMULKA
Este é o inspetor Monteiro.

MONTEIRO
(para Ramiro) E o senhor quem é?

RAMIRO
Ramiro Bernardes.

GOMULKA
Filho da Dona Maria.

Ramiro estende a chave para Monteiro, que a pega. Monteiro se dirige para a margem do rio, passando pelo meio dos dois que se viram acompanhando-o com o olhar.

MONTEIRO
É o seu carro, Gomulka?

GOMULKA
Era. Até esse idiota (vira a cabeça na direção de Ramiro) acabar com ele.

MONTEIRO
(para Ramiro) Você estava dirigindo quando houve o acidente?

RAMIRO
Não. Emprestei o carro ontem à noite para um amigo.

Gomulka se aproxima do rio e se abaixa.

MONTEIRO
Que amigo?

RAMIRO
O doutor Bráulio Tennembaun.

Gomulka segue abaixado na margem. Monteiro pega um bloco de anotações no bolso da calça e dá uma olhada.

MONTEIRO
(para Gomulka) Você estava com eles?

GOMULKA
Claro que não. Eu nunca ia deixar meu Ford quarenta e sete nas mãos de um velho bêbado. Foi o Ramiro que emprestou.

MONTEIRO
Deixa eu ver se eu entendi. (olha para Gomulka) Você emprestou o carro para ele, que por sua vez emprestou para o doutor Bráulio.

RAMIRO

Exatamente.

Monteiro dirige-se para o carro.

GOMULKA

O senhor pode conseguir um guincho pra tirar meu carro da água?

MONTEIRO

Está sendo providenciado.

CENA 80A - EXT/DIA - CLAREIRA - MARGEM DO RIO

Monteiro está fotografando a lateral da ponte por onde o carro caiu. Ramiro aproxima-se, já de camisa. Embaixo da ponte, Gomulka e outros policiais continuam olhando para o carro.

RAMIRO

Vocês sabem onde está o corpo?

MONTEIRO

Que corpo?

RAMIRO

Ora, do doutor Bráulio...

MONTEIRO

Corpo? Por que você perguntou sobre um corpo? Acha que ele morreu?

RAMIRO

(nervoso) Não acho nada. Vocês encontraram o doutor Bráulio? Onde ele está?

Monteiro vira-se e vê as marcas dos pneus do carro. Monteiro segue as marcas do carro até o outro lado da estrada, Ramiro o segue.

MONTEIRO

Calma, meu amigo. Ficar nervoso não vai adiantar nada. Por que você estava examinando o carro?

RAMIRO

É óbvio, não? A família do doutor Bráulio está desesperada. Ele não voltou para casa ontem à noite.

MONTEIRO

E como vocês descobriram que o carro estava

aqui?

RAMIRO
Perguntando.

MONTEIRO
Para quem?

RAMIRO
Nós fomos ao bar onde ele sempre vai, o La Estrella.

MONTEIRO
Nós falamos com o dono do La Estrella. Ele disse que não viu o doutor Bráulio ontem.

Monteiro se abaixa, pega alguma coisa e volta a levantar.
Ramiro tenta ver o que ele tem na mão.

RAMIRO
Dois sujeitos que estavam lá, ontem à noite disseram que ele veio pro armazém do Raul.

Um guincho para no acostamento da estrada, perto da ponte, atrás de Ramiro e Monteiro. Dois sujeitos descem do caminhão e olham para baixo.

MONTEIRO
Sabe o nome desses sujeitos?

RAMIRO
Não.

MONTEIRO
Como eles eram?

RAMIRO
O que isso interessa?

Monteiro olha para Ramiro de cima a baixo.

MONTEIRO
Quem é que sabe?

RAMIRO
Um era da minha altura, o outro mais baixo. Os dois tinham bigode.

MONTEIRO
Que mais?

RAMIRO
Um tinha cabelos pretos, o outro era loiro.

MONTEIRO
E as roupas?

RAMIRO
Comuns.

MONTEIRO
Comuns...

RAMIRO
Calça, camisa...

Os dois sujeitos do guincho aproximam-se pelas costas dos dois. São os mesmos que estavam no La Estrella quando Ramiro passou lá naquela manhã.

BIGODUDO LOIRO
(para Ramiro) Calorão, hein?

Monteiro olha para eles. Ramiro, por um instante, fica em pânico, mas consegue controlar-se.

MONTEIRO
Tirem o carro, mas bem devagar. Quero que ele fique exatamente como está para a perícia.

O bigodudo moreno acena que sim com a cabeça.

Monteiro passa pelo meio dos dois bigodudos, seguido por Ramiro. Os dois vão atrás.

MONTEIRO
(para Ramiro) Continue. O que mais?

RAMIRO
Mais nada.

RAMIRO
Posso ir? Preciso trocar de roupa.

MONTEIRO
Ainda não. Por que você pegou as chaves?

RAMIRO
Uma delas é da minha casa.

Monteiro olha outra vez para seu bloco de anotações.

MONTEIRO

Você é advogado, não é?

RAMIRO

Sou.

MONTEIRO

E não aprendeu que não se deve mexer em nada na cena de um crime?

RAMIRO

Que crime? Foi um acidente!

MONTEIRO

Claro...

Gomulka volta para perto deles, indignado.

GOMULKA

Que história é essa que eu vou ter que pagar o guincho?

MONTEIRO

O carro não é seu? A responsabilidade é sua.

GOMULKA

Era só que faltava! Por mim, podem deixar o carro onde está.

RAMIRO

Calma, Gomulka, eu pago o guincho.

GOMULKA

(perdendo o controle) Paga. E vai pagar mesmo! Que bom... Acha que pode resolver tudo com dinheiro. Então paga pra voltar no tempo, pra voltar pra ontem de noite, e dizer "não" para aquele velho bêbado, quando ele te pediu o carro emprestado. Você pode pagar pra fazer isso? Pode comprar uma máquina do tempo e reparar a merda que fez ontem à noite?

RAMIRO

Eu gostaria de fazer isso, Gomulka. Eu bem que gostaria.

FIM DO QUARTO BLOCO

QUINTO BLOCO

CENA 81 - EXT/DIA - ESTRADA ASFALTADA

Carro é retirado do rio. Gomulka acompanha o trabalho de perto.

GOMULKA

(grita) Calma! Puxem com cuidado! Cuidado com o cromado! Pelo menos isso dá para salvar.

Os homens do guincho não dão muita importância à recomendação e amarram a corrente no pára-choques cromado.

Monteiro tira fotos, Ramiro se aproxima.

RAMIRO

O senhor tem idéia da hora do acidente?

Monteiro responde sem olhar para Ramiro.

MONTEIRO

Tenho.

Ramiro espera a continuação da resposta, mas Monteiro silencia.

RAMIRO

O senhor acha que há alguma chance de ele ter sobrevivido?

MONTEIRO

Pequena. A queda é muito alta. E se ele não apareceu até agora...

RAMIRO

Vocês procuraram o corpo nas margens do rio?

MONTEIRO

Demos uma busca aqui perto. Mas essa correnteza é forte.

Ramiro vira-se para a frente.

RAMIRO

Que desgraça...

Monteiro olha para Ramiro, se vira, pega o braço de Ramiro e o

conduz para o carro.

MONTEIRO

Compreendo seus... sentimentos, mas preciso fazer-lhe mais algumas perguntas.

RAMIRO

Que quer saber, inspetor?

MONTEIRO

Gostaria que me explicasse, detalhadamente, o que fizeram ontem à noite.

CENA 81A - EXT/DIA - CLAREIRA

Monteiro e Ramiro saem por trás dos arbustos que separam a clareira da margem do rio.

RAMIRO

Deixe eu ver...

MONTEIRO

Entenda, doutor, isto é quase rotineiro.

RAMIRO

Sim, sim... Bem: fui convidado para jantar com os Tennembaun, no sítio.

MONTEIRO

Quem estava lá?

RAMIRO

O doutor Bráulio, dona Carmem, a filha deles e eu. Por volta da meia-noite eu já estava indo embora, mas o carro não quis pegar, esse Ford. Acho que estava afogado, não sei. Então me convidaram para dormir por lá.

Ramiro olha para a porteira. Um menino surge. Caminha em direção a Ramiro e Monteiro.

Monteiro e Ramiro continuam caminhando.

MONTEIRO

Quem convidou?

RAMIRO

O doutor Bráulio. Insistiu em que o carro podia estragar no caminho. Me pareceu

razoável, era muito tarde, mais de meia-noite. Fiquei, mas não podia dormir. O senhor sabe, o calor aqui é infernal, também à noite, e eu venho do inverno europeu...

Ramiro percebe que o menino é o mesmo que cruzou por ele no final da cena 44.

INSERT/FB DA CENA 44 - EXT/NOITE - PONTE

No banco de trás do carro, o menino, muito sério, de nariz colado no vidro, olha para Ramiro. O carro passa.

MONTEIRO
O senhor esteve viajando.

Ramiro tenta deter o passo, mas tem que continuar seguindo Monteiro.

RAMIRO
Eu... morei na França oito anos. Voltei faz uma semana. E afinal não estava na minha cama, não sei, o caso é que decidi ver se fazia pegar o carro.

MONTEIRO
Lembra a hora?

O menino passa a poucos centímetros de Ramiro, mas não parece reconhecê-lo.

RAMIRO
Sim... Bem, não exatamente, talvez... duas e meia ou três da manhã.

MONTEIRO
Continue, por favor.

CENA 81B - EXT/DIA - PONTE

Monteiro abre a porta do carro, senta-se com as pernas para o lado de fora. Ramiro se apoia à porta. Entre eles, no fundo do quadro, o menino segue olhando para Ramiro. Monteiro tira o filme da máquina, pega um envelope pardo e coloca o filme dentro. Ramiro percebe que o menino não o reconheceu. Continua, mais aliviado.

RAMIRO

Quando consegui fazer o carro pegar,
apareceu o doutor.

Monteiro pega uma fita adesiva e tenta achar a ponta.

RAMIRO

Me deu um susto, eu achei que ele estava
dormindo. Me convidou para tomar um vinho,
ele estava... bastante... muito embriagado,
não aceitei. Mas ele entrou no carro e eu
tive de levá-lo até a cidade. Não pude
negar...

Monteiro continua tentando achar a ponta da fita adesiva.

MONTEIRO

Que aconteceu depois?

Menino pára e olha novamente para Ramiro. Ramiro percebe que
menino olhou pra ele.

RAMIRO

Bem, eu me senti mal. Do estômago. E parei
o carro para vomitar.

Ramiro olha para menino. Menino continua caminhando.

RAMIRO

Apareceu um carro-patrolha e tivemos que
nos identificar,...

Ramiro volta a olhar para Monteiro.

RAMIRO

... não sei que horas eram.

MONTEIRO

O carro-patrolha abordou vocês às três e
vinte e cinco.

RAMIRO

Ah, sim?

Monteiro desiste da fita adesiva.

MONTEIRO

Temos o registro. Continue.

Monteiro larga a fita adesiva e pega um grampo.

RAMIRO

Bem... Depois chegamos em casa, na minha. O doutor Bráulio me pediu o carro emprestado. Outra vez não pude negar. E se foi.

Monteiro coloca grampo no envelope.

MONTEIRO

Você lembra que horas eram, quando se despediram?

Monteiro termina de colocar o grampo.

RAMIRO

Minha mãe me disse ter visto a hora quando eu cheguei. Eram quase quatro da manhã. Que desgraça...

Ramiro dirige-se para a traseira do carro. Monteiro continua sentado no carro. Escreve no envelope.

RAMIRO

Ele tinha bebido muito. Eu devia ter imaginado que ele podia sofrer um acidente.

MONTEIRO

Não parece ter sido um acidente.

RAMIRO

Não?

MONTEIRO

Não. Há indícios de que o carro esteve parado no acostamento, um pouco antes da ponte.

Monteiro olha para o guincho, que está saindo com o carro. Ramiro vira-se para Monteiro. Ramiro fica olhando para Monteiro alguns segundos.

RAMIRO

Isso quer dizer...

Monteiro levanta-se e acompanha a saída do guincho, Ramiro ao fundo.

MONTEIRO

Por enquanto, quer dizer apenas que o carro esteve parado no acostamento, um pouco antes da ponte.

Guincho passa na estrada. Monteiro grita alguma coisa para os

homens do guincho. Ramiro aproxima-se de Monteiro.

RAMIRO

Desculpe, inspetor, mas o senhor acredita que ele possa ter...

MONTEIRO

Pensei nisso. Se ele parou aqui e quisesse se matar, teria pulado sem o carro.

RAMIRO

E então?

MONTEIRO

Então o quê?

RAMIRO

O que o senhor acha que aconteceu?

MONTEIRO

Não acho nada.

Ouve-se uma voz vinda do rádio do carro.

RÁDIO

Inspetor Monteiro...

Monteiro senta no carro.

MONTEIRO

Nem o corpo eu achei ainda.

RÁDIO

Central para inspetor Monteiro...

Monteiro atende ao chamado.

MONTEIRO

Monteiro. Fala, Fernando.

RÁDIO

Inspetor, tem um sujeito aqui na central, ele está bastante nervoso, quer falar com o senhor. Mando que espere ou volte amanhã?

MONTEIRO

Quem é?

RÁDIO

O nome dele é... Bráulio, Bráulio Tennembaun.

Ramiro se aproxima ainda mais da porta do carro.

MONTEIRO
Como é?

RÁDIO
Doutor Bráulio Tennembaun.

Gomulka surge, vindo da margem do rio, carregando um pedaço do carro.

MONTEIRO
Diga que me espere. Estamos indo para aí.

Monteiro desliga. Ramiro está petrificado. Monteiro olha para Ramiro.

MONTEIRO
O senhor ouviu? Parece que achamos o nosso corpo.

RAMIRO
(tentando aparentar alegria) Sim... ouvi...
Que ótimo!

MONTEIRO
Esse nasceu de novo. O senhor quer me acompanhar até a central?

MONTEIRO (FQ)
O doutor Bráulio vai nos contar pessoalmente o que aconteceu ontem.

FIM DO CAPÍTULO 2

LUNA CALIENTE - CAPÍTULO 3

PRIMEIRO BLOCO

CENA 82 - EXT/DIA - TL / PONTE

Ramiro e Gomulka terminam de entrar no TL que está estacionado de frente para a ponte ao lado da porteira. Monteiro abaixa-se para falar com eles pela janela de Ramiro.

MONTEIRO

Vão devagar. Estou bem atrás de vocês.

Monteiro afasta-se. Ao fundo, o carro de Monteiro. Ramiro ajeita o retrovisor para poder falar com Gomulka enquanto observa Monteiro.

GOMULKA

Ramiro, namorada eu não tenho...

RAMIRO

Gomulka...

GOMULKA

Mas se você quiser acabar com a minha vida de vez eu posso te dar o meu aparelho de som, para você jogar no rio.

RAMIRO

Gomulka, você vai ter que me ajudar.

Carro de Monteiro sai pela porteira. Gomulka arranca.

CENA 82A - EXT/DIA - TL / ESTÚDIO

GOMULKA

Claro... Que tal o carro da minha irmã? Quer emprestar para algum outro bêbado?

RAMIRO

(interrompendo) Eu não emprestei o carro.

GOMULKA

Como é que é?

Ramiro olha para Gomulka.

RAMIRO

É que... (hesita) Tem umas... coisas que eu não contei ainda.

GOMULKA
Que coisas?

RAMIRO
Você sabe como era o doutor Bráulio... Como é o doutor Bráulio.

GOMULKA
Não, não sei. Nunca fui com a cara dele.

RAMIRO
Ele estava muito alterado, tinha bebido demais...

GOMULKA
Isso eu já sei.

RAMIRO
Ele estava agressivo, me acusou de uns troços absurdos...

GOMULKA
Como...

RAMIRO
Você conhece a filha dele...

GOMULKA
Acho que não tanto quanto você.

RAMIRO
Ela estava no jantar, conversamos um pouco. E...

GOMULKA
E...

RAMIRO
O velho insinuou que eu dei em cima dela.

GOMULKA
E você deu.

RAMIRO
É uma criança, Gomulka!

GOMULKA
Claro. Você só conversou com ela, olhou pras pernas dela...

RAMIRO

Não olhei nada. O velho estava fora de órbita. Ele se enfiou no carro e começou a dizer as maiores barbaridades.

GOMULKA

Certo. Um velho bêbado, chamando você de tarado, e você ainda empresta o carro pra ele.

RAMIRO

Eu NÃO emprestei o carro pra ele. Eu dei um soco nele.

GOMULKA

(surpreso) Você bateu no velho? Por que não disse isso antes?

RAMIRO

Achei que ficava mal pra mim. O velho desaparecido, depois morto...

GOMULKA

E ele reagiu?

RAMIRO

Não. Desabou na hora, parecia desmaiado. Eu parei o carro, não sabia o que fazer. Saí para procurar ajuda. Quando eu vi, ele tinha ligado o carro e estava indo embora. Me deixou no meio da estrada.

GOMULKA

Velho desgraçado! Então você não emprestou o carro. Foi ele que roubou! Eu sabia que você não ia...

RAMIRO

Gomulka, quero que você me ajude a trocar meu depoimento. Esse Monteiro vai pegar no meu pé quando o velho contar da briga.

Gomulka olha para Ramiro.

GOMULKA

Não é bem a minha área. Eu cuido mais de herança, inventários...

RAMIRO

Não vou conseguir outro advogado agora. Eu

estou pedindo como amigo, mas vou te pagar.

GOMULKA
Não é questão de dinheiro.

RAMIRO
Eu te compro outro carro.

GOMULKA
Não existe carro igual aquele.

RAMIRO
O carro do Rildo.

GOMULKA
O Chevrolet 45?

RAMIRO
Eu compro e te dou.

GOMULKA
Eu já tentei comprar um milhão de vezes.

RAMIRO
Ele é meu tio. Eu garanto.

Gomulka pensa um pouco e depois olha para Ramiro, muito sério. Ramiro tira do bolso da camisa um cigarro, bate-o duas vezes no painel do carro e o acende. Gomulka faz uma careta e afasta a fumaça sacudindo a mão.

GOMULKA
Como é que você consegue fumar essa porcaria sem filtro?

RAMIRO
Peguei costume na França.

GOMULKA
Você mudou bastante nesse tempo que ficou fora.

Ramiro olha para Gomulka, outra vez preocupado. Traga e solta a fumaça pela janela. Gomulka olha para Ramiro, como que pensando sobre esta última frase. Depois de um tempo, Ramiro insiste.

RAMIRO
É, mudei. (pausa) Afinal, você vai me ajudar ou não?

O TL passa pela estrada asfaltada, seguido pelo carro de Monteiro.

CENA 83 - EXT/DIA - FRENTE DA DELEGACIA

Os carros chegam e estacionam. Monteiro sai do carro. Gomulka também sai e caminha apressado até Monteiro.

CENA 84 - INT/DIA - DELEGACIA / RECEPÇÃO

Monteiro entra na delegacia, seguido por Gomulka.

GOMULKA
Doutor Monteiro...

MONTEIRO
Não sou doutor.

GOMULKA
O meu cliente...

Monteiro olha para Gomulka, meio desconfiado.

MONTEIRO
Cliente?

GOMULKA
O doutor Ramiro. Ele lembrou de alguns detalhes sobre os acontecimentos de ontem à noite e gostaria de comentá-los com o senhor.

Monteiro olha para Ramiro por cima do ombro de Gomulka. Depois, começa a caminhar em direção à porta de sua sala. Gomulka vai atrás, quase correndo.

GOMULKA
Ele quer falar com o senhor agora. É possível?

MONTEIRO
O seu cliente parece estar um pouco nervoso.

Gomulka olha para Ramiro.

GOMULKA
Impressão sua...

MONTEIRO

Primeiro vou falar com o doutor Bráulio.

Monteiro volta-se para a porta, indica um banco de madeira.

MONTEIRO

Podem esperar aí.

Ramiro olha para Gomulka, que aponta para o banco. Os dois olham para Monteiro, que está entrando em sua sala. Gomulka senta.

GOMULKA

Ele já vai nos atender.

RAMIRO

(baixinho) O velho vai me ferrar, Gomulka.

Monteiro reaparece na soleira da porta.

MONTEIRO

Por favor, entrem.

CENA 85A - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE IDENTIFICAÇÃO

Gomulka e Ramiro entram na sala. Dois policiais, nas mesas, olham para Ramiro. Ramiro diminui o passo.

MONTEIRO

O doutor Bráulio quer falar com vocês.

CENA 85 - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO

BRAULITO, 23 anos, pele morena, ar preocupado está sentado em frente à mesa de Monteiro.

BRAULITO

Na verdade eu ainda não sou doutor. Me formo ano que vem.

Ramiro olha para Braulito, surpreso.

MONTEIRO

(apontando Ramiro para Braulito) Este senhor estava no carro com o seu pai ontem à noite.

RAMIRO

Braulito?

BRAULITO

E você é Ramiro. Eu lembro de você. Não entendo como pôde emprestar o carro para o papai, sabendo que ele estava embriagado.

GOMULKA

(para Monteiro) Pois é justamente isso que o Ramiro queria...

RAMIRO

(cortando rápido) Foi tudo muito rápido, Braulito. O seu pai estava...

GOMULKA

Fora de controle.

RAMIRO

Não te mete, Gomulka. (para Braulito) Ele tinha bebido um pouco, mas parecia capaz de dirigir. Foi uma fatalidade, talvez um pneu estourado.

GOMULKA

Mas...

MONTEIRO

(para Ramiro) O seu advogado disse que você tinha lembrado de uns detalhes.

Monteiro dirige-se à sua mesa.

RAMIRO

Lembrei. Lembrei sim. (hesita por um instante) O carro estava com um problema...

Toca o telefone. Monteiro atende em sua mesa. Fica ouvindo.

GOMULKA

(baixinho, para Ramiro) Que problema? Ramiro, não estou entendendo...

RAMIRO

(seco) Depois te explico.

Monteiro desliga o telefone. Olha para Ramiro.

MONTEIRO

(devagar) Encontramos...

Monteiro olha para Braulito.

MONTEIRO

O corpo de seu pai. Sinto muito.

Braulito senta, desolado. Gomulka coloca a mão sobre seu ombro.

CENA 86 - INT/DIA - CASA DE BRÁULIO / SALA

Na sala lotada, umas trinta pessoas cercam um caixão fechado, suspenso em cavaletes metálicos. Dona Carmem e Braulito recebem os pêsames dos presentes. Um padre abraça Dona Carmem e fala alguma coisa no seu ouvido. Ela chora. Dona Maria também chora. Apesar das janelas abertas e dos três ventiladores ligados, o calor é sufocante, fazendo todos suarem muito.

Ramiro olha constrangido para as pessoas. Duas mulheres olham para ele. Depois um homem e ainda outro grupo de pessoas, todos olhando para Ramiro.

Braulito aproxima-se de Gomulka e Ramiro, estende a mão para Gomulka.

BRAULITO

(para Gomulka) Muito obrigado. Se não fosse a sua ajuda, isso tudo seria ainda mais difícil.

GOMULKA

Não foi nada. Essas perícias às vezes demoram.

BRAULITO

Eu sei.

Braulito encara Ramiro. Ficam por alguns segundos frente a frente, olho no olho, as duas testas suadas. Finalmente, Braulito estende a mão para Ramiro, que a aperta. Braulito não larga a mão de Ramiro.

BRAULITO

É uma pena que, depois de tanto tempo, a gente se reencontre assim.

RAMIRO

É.

BRAULITO

Mamãe disse que você não teve culpa. Que o

pai estava naqueles dias terríveis, em que nem o diabo pode com ele.

RAMIRO

(culpado) Eu... Gostava muito do seu pai.

Braulito solta a mão de Ramiro.

BRAULITO

Eu sei.

Ramiro desvia os olhos de Braulito.

BRAULITO

Com licença.

Braulito sai.

CENA 86A - CASA DE TENNEMBAUN - ESCADA DO ALPENDRE

Ramiro e Gomulka no patamar.

GOMULKA

Não esquece de falar com o Rildo.

RAMIRO

Sobre o quê?

GOMUKA

Já esqueceu? Do carro dele.

RAMIRO

Num velório? Amanhã eu falo.

GOMULKA

Sei. Não esquece. Você vai comigo?

RAMIRO

(para Gomulka) Não, vou ficar mais um pouco.

Ramiro começa a subir a escada mas encontra Elisa que desce o lance mais alto da escada. Ela está com um vestido negro até a metade da coxa, tecido leve, justo no torso. O cabelo está preso com um passador. Não há sinal de lágrimas em seu rosto. Ramiro olha para ela, indefeso.

ELISA

Me leva para andar um pouco.

Ramiro e Elisa descem e se afastam para os fundos da casa.

CENA 87 - EXT/CREPÚSCULO - CASA DE BRÁULIO / FUNDOS

Por um caminho de terra, Ramiro e Elisa afastam-se da casa. Ramiro olha para Elisa. Ela parece estar calma. Caminham por algum tempo em silêncio.

ELISA
(sem olhar para Ramiro) A polícia esteve aqui.

Ramiro continua calado.

ELISA
Fizeram perguntas. Para mim, para mamãe e para Braulito.

Elisa aproxima-se de uma árvore. Pára e olha para Ramiro. Ramiro olha para trás. A casa não está mais à vista. Elisa encosta-se na árvore. Ramiro volta-se para ela.

ELISA
Queriam saber a hora em que você e papai saíram.

RAMIRO
E aí...

ELISA
Ninguém soube dizer.

RAMIRO
Nem você?

ELISA
Nem eu.

RAMIRO
E o que você disse, afinal?

Elisa está encostada na árvore, cujo tronco possui uma leve inclinação. A respiração de Elisa fica agitada.

ELISA
Não te preocupa.

Elisa passa a mão nas suas coxas, suave e sugestivamente, de cima para baixo. Sua boca se entreabre. A respiração se

acelera ainda mais. Alguns raios do sol conseguem driblar a vegetação e iluminam apenas o rosto de Elisa, deixando seu corpo na penumbra.

Ramiro olha para ela.

ELISA
(erguendo a saia) Vem.

As pernas de Elisa surgem perfeitas, torneadas, de um bronzeado mate. Ramiro, nervoso, testa suada, aproxima-se dela. Ficam frente a frente, sem se tocar.

RAMIRO
Elisa, pelo amor de Deus, você vai me enlouquecer.

Elisa sorri, diabólica. Ramiro a abraça. Beija-a. Elisa beijalhe a orelha. Flexiona as pernas, facilitando os movimentos de Ramiro, que a levanta com facilidade, usando o tronco da árvore como apoio.

Ramiro a penetra com um ronco selvagem. Fazem movimentos bruscos, quase brutais. As mãos dela cravam-se nas costas de Ramiro, ao mesmo tempo em que morde sua orelha e lambe o seu pescoço. Gemem de prazer. As mãos de Elisa crispam-se, segurando-se na árvore.

Quando terminam, continuam abraçados, de olhos fechados, as duas respirações ofegantes. Ramiro abre os olhos e se afasta. Olha para cima e vê o tronco da árvore, que exhibe um emaranhado de linhas, como cicatrizes. Num rompante, Ramiro afasta-se de Elisa, que tranqüilamente arruma sua roupa e ajeita o cabelo. Sorri, como uma menina, para Ramiro.

ELISA
Temos que voltar.

Ramiro enxuga o suor da testa.

Ramiro e Elisa voltam juntos, em silêncio, pelo mesmo caminho. Na saída do mato, um vulto surge de costas, cortando-lhes o caminho. Ramiro pára, aterrado, ao perceber que é Monteiro.

MONTEIRO
Boa noite, doutor Ramiro. Boa noite, senhorita.

Ramiro fica olhando para Monteiro.

FIM DO PRIMEIRO BLOCO

SEGUNDO BLOCO

CENA 88 - EXT/NOITE - CASA DE BRÁULIO / FUNDOS

Ramiro parece constrangido, ajeita a roupa, tenta compor-se. Elisa não demonstra constrangimento.

MONTEIRO

Doutor, é preciso que me acompanhe.

RAMIRO

Agora, inspetor?

MONTEIRO

Sim, por favor. (para Elisa) A senhorita pode ir para casa.

ELISA

Eu estou em casa. (para Ramiro) Boa noite.

Elisa afasta-se em direção à casa, ao fundo. Monteiro olha para Elisa.

RAMIRO

Isto é uma prisão, inspetor? Qual é o motivo?

Monteiro olha para Ramiro.

MONTEIRO

O senhor me acompanhe.

Monteiro toca levemente o braço de Ramiro. Ramiro o segue. Andam, lado a lado, por um caminho que se afasta da casa, em direção ao carro.

MONTEIRO

Lá na delegacia, nós conversaremos.

RAMIRO

Alguma novidade?

MONTEIRO

Recebemos os resultados da perícia no carro. E o relatório do médico legista. Quero confirmar com o senhor alguns detalhes da sua declaração.

RAMIRO
Devo chamar meu advogado?

MONTEIRO
(ri) O dono do carro? Tem certeza que o senhor não quer chamar um advogado mais experiente para defendê-lo?

RAMIRO
O senhor acha que eu vou precisar?

MONTEIRO
É possível.

Chegam ao carro da polícia. Os POLICIAIS 1 e 2 estão no carro, nos bancos da frente. O policial 1 desce do carro e abre a porta de trás para Ramiro.

MONTEIRO
Se o senhor achar necessário, poderá chamá-lo da delegacia. Mas nós estamos tratando de ser discretos.

RAMIRO
Eu ouvi dizer que, neste país, a discricção da polícia pode ser perigosa.

Monteiro vira-se e entra no carro.

MONTEIRO
Eu estou apenas cumprindo o meu dever. Mas, se o senhor preferir, eu posso ligar a sirene.

Ramiro se vira, dá uma olhada em direção à casa e vê, ao longe, Elisa.

Elisa termina de subir a escada. Ela o observa. Ramiro entra no carro. O policial 1 fecha a porta e dá a volta no carro. Carro some atrás do galpão.

CENA 89 - EXT/NOITE - CARRO DA POLÍCIA / ESTRADA ASFALTADA

Ramiro e Monteiro, sentados lado a lado no banco de trás do carro. Monteiro procura algo. Ramiro recosta-se no banco, olha a paisagem: pequenos ranchos adormecidos, uma ou outra luz em bares de beira de estrada, alguns animais no pasto. Ramiro ainda olha para a paisagem. Monteiro continua procurando.

MONTEIRO

O senhor esqueceu mais alguma coisa no carro?

Monteiro acende a luz do carro.

RAMIRO
Como?

MONTEIRO
Além da sua chave, o senhor esqueceu mais alguma coisa, no carro ou com o doutor Bráulio?

Monteiro abre sua pasta.

RAMIRO
O quê, por exemplo?

Ramiro olha para a pasta. Monteiro põe a mão no bolso do paletó e tira uma carteira amassada de cigarros.

MONTEIRO
É exatamente o que eu estou lhe perguntando. Esqueceu ou não?

Ramiro observa-o.

RAMIRO
Que eu lembre...

MONTEIRO
Não deu falta de nada?

Monteiro procura fósforos pelos bolsos. Não encontra.

RAMIRO
Inspetor, se o senhor me disser o que o senhor encontrou e pensa que possa ser meu, talvez seja mais fácil eu...

MONTEIRO
Eu não encontrei nada que pudesse ser seu.

RAMIRO
Então...

MONTEIRO
Então, nada.

Ramiro observa Monteiro alguns instantes, depois vira o rosto e volta a olhar a paisagem que passa. Um caminhão se aproxima,

iluminando o interior do carro.

MONTEIRO
(para Ramiro) O senhor tem fogo?

RAMIRO
Não, não tenho.

Monteiro toca no ombro do motorista.

MONTEIRO
Tem fogo, Oliveira?

O caminhão passa. O homem ao lado do motorista, sem se virar, entrega uma caixa de fósforos por sobre o ombro. Monteiro pega a caixa de fósforos, abre, risca um fósforo, acende o cigarro.

Ramiro tenta abrir a janela, descobre que só é possível abrir uma pequena fresta na janela de trás. Abre o último botão da camisa. Segura a camisa e abana-se com ela.

RAMIRO
(para Monteiro) O senhor me daria um cigarro?

Monteiro pega o maço de cigarro no bolso, examina. Está vazio.

MONTEIRO
Acabou. Era o último.

Monteiro dá uma longa tragada no cigarro, observa Ramiro. Ramiro faz um gesto de "deixa para lá". Tenta mais uma vez abrir a janela, mas não consegue. Parece que o mecanismo que desce o vidro está quebrado.

O carro cruza a estrada. A grande lua cheia ilumina os campos.

CENA 90 - INT/NOITE - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO

Ramiro entra no escritório do Monteiro. Monteiro já está sentado numa cadeira de couro em frente a uma velha mesa de madeira em completa desordem. Um fichário de metal com gavetas que não fecham muito bem, um quadro de avisos, uma cadeira de madeira, giratória e reclinável, na frente da mesa.

A luz da lua entra filtrada pelos vidros não muito limpos das basculantes semi-abertas.

MONTEIRO
Ligou?

RAMIRO
Liguei.

MONTEIRO
Quer esperar que ele chegue? Podemos ir conversando, extra-oficialmente, para ganhar tempo.

RAMIRO
O que o senhor quer saber?

Ramiro senta na cadeira de madeira em frente à mesa. Monteiro procura alguns papéis sobre a mesa. A cadeira de Ramiro é bastante instável mas ele procura se acomodar.

MONTEIRO
Olhe, doutor, vou ser bem claro: neste assunto há um montão de coisas que não se encaixam.

Monteiro acende uma luminária sobre a mesa. Um rasgo na pantalha que cobre a lâmpada joga uma luz direta sobre o rosto de Ramiro.

MONTEIRO
Conte-me de novo, com todos os detalhes que puder lembrar, o que fez ontem à noite.

Ramiro suspira fundo.

CENA 91 - INT/NOITE - DELEGACIA / CORREDOR

Ramiro solta a fumaça do cigarro. Ramiro está sentado na escada, Gomulka de pé, apoiado no corrimão, ao seu lado.

GOMULKA
(baixinho) Você contou?

RAMIRO
O quê?

GOMULKA
Do soco.

RAMIRO
Não.

GOMULKA
Por que não? Devia ter contado.

RAMIRO

Pense bem, Gomulka: o que é motivo para dar um soco, pode ser motivo para matar. Não contei, agora é tarde.

GOMULKA

Devia ter contado. Esses médicos hoje, examinando um cadáver, descobrem até quantos traques um sujeito deu antes de morrer.

Monteiro surge no corredor, ao fundo, secando as mãos num papel. Joga o papel no lixo. Erra. Pára, volta, junta o papel no chão e coloca no lixo.

MONTEIRO

Podemos continuar?

Ramiro apaga o cigarro.

RAMIRO

Podemos.

CENA 92 - INT/NOITE - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO

Monteiro se senta. Gomulka e Ramiro sentam-se também.

MONTEIRO

Quer que lhe diga a verdade, doutor?

Ramiro fica olhando para ele em silêncio.

MONTEIRO

Acho que tudo o que o senhor contou está certo em... noventa e nove por cento. O que me preocupa é esse um por cento restante.

GOMULKA

Se o senhor puder esclarecer em que pontos o depoimento do meu cliente não... combina.. não se harmoniza...

Monteiro olha para Gomulka.

MONTEIRO

Não condiz.

GOMULKA

Obrigado. Se o senhor puder esclarecer em que pontos o depoimento do meu cliente não

condiz com as suas observações...

Monteiro agora olha para Ramiro.

MONTEIRO

É curioso que no carro haja mais impressões digitais suas do que do doutor Bráulio. No volante e na alavanca de mudança.

Ramiro se apressa em responder. Gomulka tenta detê-lo com um gesto, mas não consegue.

RAMIRO

Quem guiou quase todo o tempo fui eu.

MONTEIRO

Mas segundo seu relato você não tem como saber quanto tempo guiou o doutor Bráulio.

Monteiro fica observando Ramiro. Gomulka dá uma olhadinha para Ramiro e repreende-o com um olhar.

GOMULKA

Se ele deixou o Ramiro em casa antes das quatro e morreu pouco depois das cinco, não dirigiu por mais de uma hora. Ramiro pegou o meu carro pouco depois das oito, dirigiu até a casa do doutor Bráulio. E de volta para a cidade. Muito mais tempo.

MONTEIRO

Mesmo assim, se o doutor Bráulio dirigiu por mais de uma hora, é estranho que haja tão poucas impressões dele. Mas não é só isso.

Monteiro pega algumas das fotos que estavam sobre a mesa e se levanta. Chega por trás deles e mostra as fotos.

MONTEIRO

O cadáver tinha uma machucadura, uma equimose, no maxilar inferior esquerdo, aqui. (batendo duas vezes em seu próprio queixo) E um corte no lábio inferior.

GOMULKA

Ele caiu, de carro, de uma altura de dez metros. É natural que tivesse muitas...

Monteiro olha para Gomulka.

MONTEIRO
Equimoses.

GOMULKA
Isso.

Monteiro dá a volta na mesa e senta em sua cadeira. Ramiro e Gomulka o acompanham com o olhar.

MONTEIRO
E tinha mesmo. Muitas. Mas sua roupa quase não tinha manchas de sangue. O que é natural, considerando-se que ele caiu, com o carro, dentro da água. Se os ferimentos sangraram, e possivelmente tenham sangrado muito, a água do rio cuidou de lavar suas roupas imediatamente.

GOMULKA
E qual é a dúvida?

Monteiro fala para Gomulka.

MONTEIRO
A dúvida é que, como eu disse, sua roupa QUASE não tinha manchas de sangue.

Monteiro fica mais um tempo examinando as fotos. E olha para Ramiro.

MONTEIRO
Há uma mancha, bem visível, junto ao colarinho esquerdo, perto das equimoses descritas, no maxilar esquerdo. Parece que esse ferimento foi feito algum tempo antes da queda. Por isso a água do rio não tirou a mancha. Percebem?

Gomulka olha para Ramiro.

GOMULKA
Percebemos.

Monteiro guarda as fotos num envelope e encara Ramiro.

MONTEIRO
Como se o tivessem feito dormir com um golpe e depois colocado suas mãos no volante e na alavanca para deixar as impressões digitais.

Ramiro encolhe os ombros, engole saliva e fica olhando para a lâmpada.

MONTEIRO

Você não viu se ele deu carona para alguém, depois que o deixou em casa?

RAMIRO

Não, se tivesse visto eu teria dito.

MONTEIRO

Claro.

Monteiro acende um cigarro. Dá uma tragada. E olha para Ramiro.

MONTEIRO

Imagino que alguém lhe deu um soco, para fazê-lo dormir. Depois o colocou no volante. E depois ligou o carro, na direção da ponte.

Ramiro olha para Monteiro. Pausa. Ramiro pensa antes de falar.

RAMIRO

O senhor está pensando que fui eu?

Monteiro encara Ramiro. Gomulka levanta-se, alterado.

GOMULKA

O que é isso, Ramiro? Você estava em casa, desde antes das quatro.

MONTEIRO

Isso é verdade. Sua mãe acordou e o viu chegar em casa, antes das quatro. O senhor tocou a campainha ao chegar?

RAMIRO

Não, claro que não. Mas ela tem o sono leve. Qualquer barulhinho...

GOMULKA

Minha mãe é igual. Não posso me virar na cama que...

MONTEIRO

O senhor então entrou em casa sozinho?

RAMIRO

Claro que sim.

MONTEIRO

Mas sua chave não estava com o senhor.
Estava no carro, com o doutor Bráulio.

Ramiro pára, sem saber o que dizer. Gomulka olha para Ramiro tentando, sem muito sucesso, aparentar calma. Ao fundo, Oliveira abre a porta e faz um sinal para Monteiro.

RAMIRO

Claro... agora que o senhor falou... Foi isso... eu desci do carro e, quando cheguei na porta, percebi que havia deixado a chave no carro. O doutor Bráulio já tinha partido...

MONTEIRO

E então?

RAMIRO

E então... eu dei a volta na casa e entrei pela cozinha.

MONTEIRO

Pela porta da cozinha?

RAMIRO

Na verdade, pela janela da cozinha. Está sempre aberta. Eu não queria acordar minha mãe...

MONTEIRO

Mas acabou acordando.

RAMIRO

Sem querer.

MONTEIRO

Claro. O senhor me dá licença um minuto?

Monteiro levanta, sai e deixa a porta meio aberta.

GOMULKA

(falando baixo) Você devia ter contado do soco... Devia ter contado!

RAMIRO

Agora é tarde.

Gomulka levanta-se e vai até a porta. Espia e fecha a porta. Aproxima-se da ponta da mesa de Monteiro, ao lado direito de

Ramiro, e fica de pé, apoiado na mesa.

GOMULKA

E que merda é essa da chave? Você não me disse nada!

RAMIRO

Esqueci, que importância tem isso? Entrei pela janela da minha própria casa. Isso é crime?

Monteiro entra pela porta, trazendo uma pasta. Aproxima-se da sua cadeira.

GOMULKA

Inspetor, se o senhor não tem mais perguntas...

MONTEIRO

Só mais uma, depois vocês podem ir.

Monteiro senta, encara Ramiro.

MONTEIRO

Olhe, doutor Ramiro, o senhor me perguntou se eu acho que o senhor matou o doutor Bráulio Tennembaun.

Monteiro faz uma pausa.

RAMIRO

Perguntei. O senhor acha?

MONTEIRO

Pois me dá um palpite que sim, que quer que eu faça?

Ramiro olha para Gomulka.

GOMULKA

O senhor está acusando o meu cliente...

MONTEIRO

Não estou acusando de nada. Estou dizendo que é só um palpite. Um palpite que não posso provar. Ainda. Falta um detalhe.

GOMULKA

Qual?

MONTEIRO

Motivo. Que motivo teria o senhor para matá-lo?

GOMULKA
Nenhum. Nenhum motivo.

MONTEIRO
Olhe, doutor, o senhor é um homem jovem, de futuro. Estudou na França e tudo. Vai ser professor na universidade, não tem maus antecedentes... Além disso comprovamos sua velha amizade com a família Tennembaun. Então é isso, não consigo entender... por que haveria de matar esse médico provinciano?

Ramiro fica em silêncio.

MONTEIRO
Que relações o senhor tem com a senhorita Elisa?

Ramiro fica alguns segundos em silêncio, tentando conter o nervosismo.

RAMIRO
Quando eu fui para Paris, ela era muito criança. Só tornei a vê-la ontem à noite. Somos amigos. De família.

MONTEIRO
Claro. Ela está lhe esperando.

RAMIRO
Como? Onde?

MONTEIRO
Aí fora. Vocês podem ir agora.

Ramiro e Gomulka levantam-se.

MONTEIRO
O senhor não pretende viajar nos próximos dias, pretende?

RAMIRO
Não.

GOMULKA
O senhor está querendo dizer que o meu cliente não pode sair do país?

MONTEIRO

Não, senhor Gomulka. (levantando-se) Eu estou querendo dizer que o seu cliente não pode sair da cidade.

A porta da sala de Monteiro é aberta, Ramiro e Gomulka saem seguidos por Monteiro. Os três olham para a recepção, Monteiro entre eles, um pouco para trás. Através da porta da sala de Oliveira vêem Elisa sentada num banco da recepção.

MONTEIRO

Ela está muito bonita, não?

Ramiro pensa um pouco antes de responder.

RAMIRO

Sim, muito bonita.

MONTEIRO

Sabe a idade dela?

RAMIRO

Sei.

FIM DO SEGUNDO BLOCO

TERCEIRO BLOCO

CENA 93 - EXT/NOITE - FRENTE DA DELEGACIA

Ramiro, Elisa e Gomulka saem da delegacia.

GOMULKA

(para Elisa) Quer que eu leve você em casa?

ELISA

Não, obrigado. Eu vou dormir na casa de uma amiga, aqui perto. Vou com o Ramiro.

GOMULKA

Não sei se é uma boa idéia.

Gomulka olha para Ramiro e, com o canto do olho, olha para a delegacia. Monteiro está na janela e observa-os.

RAMIRO

Pode deixar, Gomulka.

GOMULKA

Você é quem sabe.

Gomulka sai para a esquerda. Ramiro e Elisa caminham lado a lado, na calçada.

CENA 93A - EXT/NOITE - RUA DA CIDADE

Ramiro e Elisa caminham em silêncio, afastando-se.

RAMIRO

Acho melhor a gente não se ver muito, nos próximos dias.

ELISA

Por que não?

RAMIRO

Esse inspetor, ele tem muita imaginação.

ELISA

Como assim?

RAMIRO

Ele... está pensando que talvez o seu pai... que talvez não tenha sido um acidente.

ELISA

Eu sei que não foi acidente.

RAMIRO

Sabe?

ELISA

Ele dirigia muito bem.

RAMIRO

Desculpe, mas ele estava bêbado.

ELISA

Ele estava sempre bêbado.

RAMIRO

Você acha...

ELISA

Acho que ele nos viu.

RAMIRO

Como assim? Nos viu?

ELISA
Eu e você. Acho que ele viu.

RAMIRO
Nós, no seu quarto?

ELISA
Ou antes. Ele não lhe falou nada?

RAMIRO
Não.

ELISA
Foi suicídio. Ele pulou.

RAMIRO
Por que ele faria isso?

Chegam no portão da casa de Ramiro. Ramiro abre o portão. Os dois entram.

ELISA
Culpa. Ou ciúme.

RAMIRO
Ciúme?

ELISA
De mim. Ele nos viu e percebeu que tinha me perdido. Que agora eu era sua.

Ramiro abre a porta.

CENA 94 - INT/NOITE - CASA DE RAMIRO / SALA

Ramiro e Elisa abrem a porta e entram na sala. Ramiro vê algo que o surpreende: DORA, 35 anos, morena, sentada numa poltrona. Ramiro fica estupefato. Dora se levanta, Maria aproxima-se dela.

MARIA
Ramiro, olha quem está aqui...

RAMIRO
Dora?

DORA
Tudo bem com você?

RAMIRO
O que você...

DORA
Eu queria te ver.

Todos ficam alguns segundos sem saber o que fazer. Dora aproxima-se de Ramiro.

DORA
Não vai me dar um abraço, pelo menos apertar minha mão...

Ramiro se aproxima, meio sem jeito, se abraçam.

RAMIRO
Desculpe. Que loucura... Eu estou ainda... surpreso.

Elisa surge entre Ramiro e Dora.

RAMIRO
Por que você não avisou?

DORA
Se eu ligasse, você ia dizer para eu não vir. Não ia?

RAMIRO
Ia. Claro que ia.

DORA
Pois é.

Dora pela primeira vez repara em Elisa. Dora vira-se para Elisa. Elisa senta no braço do sofá.

DORA
Tudo bem?

RAMIRO
Desculpe, eu...

MARIA
Essa é a Elisa. Ela é filha de uns amigos. Elisa, esta é a Dora, esposa do Ramiro.

DORA
Ex-esposa.

Dora volta a sentar.

MARIA

Chegou agora, imagine, de Paris.

Ramiro senta no sofá cujo braço é ocupado por Elisa.

RAMIRO

Você veio como? Você chegou...

DORA

Cheguei de manhã. Peguei um ônibus e vim para cá. Não faz uma hora, chegamos juntas, eu e sua mãe. Ela me disse que vocês estavam num velório. Um acidente de carro, não foi?

RAMIRO

Foi. É...

Ramiro percebe que está muito próximo de Elisa e afasta-se.

DORA

Que horror. Parece que ele tinha bebido demais...

RAMIRO

Era o... pai de Elisa.

Dora fica surpresa e constrangida. Olha para Elisa.

DORA

Nossa, desculpe.

ELISA

Tudo bem. Ele bebia sempre.

DORA

Desculpe... Eu... sinto muito.

Elisa sacode a cabeça e baixa os olhos. Maria ergue-se do sofá e se aproxima de Elisa.

MARIA

(para Elisa, carinhosa) Como você vai voltar para casa tão tarde, minha filha?

ELISA

Eu não quero ir para casa.

MARIA

(abraçando-a) Coitadinha... Se você quiser

dormir aqui...

RAMIRO

Ela vai dormir na casa de uma amiga. (para Dora) Você não quer... comer alguma coisa, tomar um banho...

MARIA

Eu já disse para ela ficar à vontade.

DORA

Eu já peguei um quarto no hotel, não quero dar trabalho.

MARIA

Trabalho nenhum.

DORA

Eu me sinto mais à vontade num hotel, obrigado. Eu fumo... Gosto de ficar lendo até tarde, você sabe.

RAMIRO

Se você prefere...

DORA

Prefiro.

MARIA

Eu vou fazer um chá.

Maria conduz Elisa para a cozinha.

MARIA

(para Elisa) Venha, minha filha, vamos deixar os dois conversarem um pouco.

As duas saem. Ramiro e Dora ficam sozinhos na sala.

******fomos até aqui******

RAMIRO

Que loucura, Dora... Você devia ter ligado antes de vir.

DORA

Não gostou de me ver?

RAMIRO

Gostei, é que... A hora não podia ser pior. A minha vida está...

Ramiro tenta encontrar uma palavra que defina como sua vida está. Não consegue.

RAMIRO
Você nem imagina.

DORA
A minha também está um confusão.

Ramiro ri.

DORA
O que foi?

RAMIRO
Você não tem idéia... A minha vida está... realmente... uma confusão.

DORA
(irônica) Claro. Você nem sabe o que está me acontecendo, mas nada pode se comparar à SUA confusão.

RAMIRO
Dora, acredite em mim: por mais confusa que esteja a sua vida, nada... Esquece.

Ficam em silêncio.

RAMIRO
Por que você veio?

DORA
Eu estive no nosso apartamento. Passei na Madame Claudel pra pegar a chave. Fui lá buscar as plantas.

RAMIRO
Sei.

DORA
Tinha um monte de jornais no chão, você não cancelou a assinatura.

RAMIRO
Não.

DORA
Pois é. Estava uma manhã de sol, aquele sol batendo na sacada, nos telhados, você sabe.

RAMIRO
Sei.

DORA
O sol é tão raro naquele inverno. Peguei os jornais, sentei na sacada e fiquei lendo. Eu me dei conta que eu fui muito feliz naquele apartamento. Nós fomos. Não fomos?

RAMIRO
Acho que sim.

DORA
Eu fui. Tenho certeza. E aí eu pensei que... que talvez eu e você... que talvez a gente estivesse perdendo uma coisa boa. Uma coisa difícil de conseguir. E que... talvez a gente devesse lutar um pouco mais.

RAMIRO
Você não pensou que... talvez... fosse um pouco tarde?

DORA
Não, não pensei. E não acho que seja tarde.

Ficam em silêncio.

RAMIRO
Aconteceu muita coisa.

DORA
O quê?

Elisa entra na sala.

ELISA
Ramiro. Eu já vou.

Ramiro e Dora ficam olhando para Elisa. Dora olha para Ramiro. Ele se levanta, vai até a porta.

ELISA
(para Dora) Muito prazer.

DORA
A gente se fala depois. E desculpe...

ELISA
Imagina. (para Ramiro) Você tem razão, ela é bonita mesmo. (para Dora) É verdade que

você não raspa embaixo dos braços?

Dora hesita alguns segundos antes de responder.

DORA
(olhando para Ramiro) É.

ELISA
Legal. Outro dia você me mostra. Tchau.

Elisa dá um beijo em Ramiro e sai.

FIM DO TERCEIRO BLOCO

QUARTO BLOCO

CENA 95 - EXT/NOITE - RUA ARBORIZADA

A rua é iluminada pela lua cheia e pelas lâmpadas de alguns postes. Ramiro e Dora caminham lado a lado, sem pressa, sem se olhar.

DORA
Que história é essa de raspar embaixo dos braços?

RAMIRO
(dando de ombros) Coisa de criança...

DORA
Essa... Elisa... não parece uma criança.

RAMIRO
As adolescentes, hoje em dia...

DORA
O que é que tem?

RAMIRO
Querem crescer antes do tempo. Mas continuam crianças. É só ver o jeito que falam...

Dora parece dar o assunto por esgotado. Pára e olha para uma vitrine, muda de tom.

DORA
Lembra de Paris? Eu gostava de caminhar com você pela rua, à noite.

RAMIRO

É. Lá não era tão quente...

DORA

Você saía da Universidade e ia me encontrar no Restif. No verão, em vez de pegar o metrô, a gente voltava a pé até Levallois.

Ramiro dá uma rápida olhada para o lado. Percebe que Dora o está fitando e volta a olhar para a frente.

DORA

O que você tem, Rami? Quer que eu vá embora? Não quer falar sobre Paris?

RAMIRO

(desconversando) Nada, não. É o calor...

Ramiro segue caminhando, sem olhar para Dora. Ela o acompanha.

CENA 96 - EXT-INT/NOITE - HOTEL DE DORA / ENTRADA E HALL

Ramiro e Dora chegam ao hotel. Ele abre a porta de vidro e espera que ela passe para o hall. Ela passa, indicando a portaria, e o RECEPCIONISTA atrás do balcão.

DORA

Seja bonzinho e pegue a minha chave. É o vinte e seis.

Dora vai em direção ao elevador.

RAMIRO

Dora, eu não quero...

DORA

(voltando-se, sorrindo) Só quero te mostrar uma coisa, Rami.

Ramiro assente com a cabeça, resignado, e anda em direção à portaria. Dora, parada em frente ao elevador, acompanha-o com o olhar. Ramiro dirige-se ao recepcionista.

RAMIRO

O vinte e seis, por favor.

Dora sorri para si mesma, aprovando.

CENA 97 - INT/NOITE - HOTEL DE DORA / QUARTO

A porta do quarto 26. Ramiro tira a chave na fechadura e fecha a porta. Dora acende a luz. Ramiro a segue e fecha a porta atrás de si.

O quarto está praticamente intocado. Uma cama de casal com as cobertas estendidas, duas poltronas, uma janela com a persiana fechada, uma grande mala fechada sobre uma banqueta.

Dora, do outro lado da cama, abre a frásqueira e tira alguns papéis.

Ramiro permanece de pé, ao lado da porta.

RAMIRO

O que você queria me mostrar?

DORA

Senta.

Ramiro senta na cama, de costas para Dora. Ela faz a volta na cama e vem até ele, com os papéis na mão: é um folheto de companhia aérea, com passagens de avião dentro. Entrega para Ramiro.

DORA

A passagem. Ida e volta. Mas a volta é para duas pessoas. (em tom de brincadeira) É o que as agências chamam de "pacote turístico completo".

Ramiro, com o folheto na mão, ergue o olhar para Dora, sem saber o que dizer. Ela volta a se afastar, em direção ao fundo do quarto, enquanto fala.

DORA

Está marcada para amanhã à noite. Mas, se você precisar de mais tempo, nós podemos transferir.

Ramiro fecha os olhos. Respira fundo. Volta a abrir os olhos. Abre o folheto, retira as passagens. Olha as páginas do folheto, onde há várias fotos turísticas de Paris: torre Eiffel, um casal de namorados num parque, neve.

Ramiro olha as fotos. Volta a olhar as passagens. Fala sem se virar, para Dora, às suas costas.

RAMIRO

Sabe qual é o problema, Dora? Não é você, não é Paris, não é a data. O problema... é

esse nome na passagem.

Ramiro esfrega os olhos com as mãos, com força. Está quase chorando, desamparado, indefeso. Ainda assim, continua falando sem se virar para Dora.

RAMIRO

Até ante-ontem, é possível... é bem possível que eu... eu ia querer voltar. Só que... esse Ramiro Bernardes não existe mais. Não tem mais volta. Pra mim não tem mais volta. Você entende que...

De repente, Ramiro ouve um ruído vindo do banheiro. Vira-se, assustado, e percebe que está sozinho no quarto.

A porta do banheiro se abre e Dora sai, de camisola. Ramiro faz menção de dizer alguma coisa, mas não diz.

Dora olha para Ramiro, ainda sentado na cama, olhos vermelhos. Dora sorri, enternecida, ao ver a emoção de Ramiro.

DORA

Amor...

Ramiro continua olhando para Dora, desamparado.

Dora apaga a luz do quarto. Em seguida, abre a persiana da janela atrás de si, deixando a luz do luar entrar e iluminar o quarto. Dora tira a camisola, mostrando seu corpo nu, silhueta pela luz que vem da janela.

Ramiro, ainda sentado na cama, olha para Dora.

Sempre sorrindo, Dora aproxima-se de Ramiro. Atrás dela, a luz do luar continua entrando pela janela.

FADE OUT.

CENA 98 - INT/AMANHECER - HOTEL DE DORA / QUARTO

FADE IN.

A luz da manhã entra pela janela do quarto. Na cama, sob o lençol, Dora dorme, com ar satisfeito. A seu lado, sentado na cama, sem camisa, Ramiro está acordado, preocupado, fumando.

De repente, Ramiro vira-se para a janela. Percebe que já é dia.

Devagar, sem fazer movimentos bruscos, cuidando para não acordar Dora, Ramiro levanta-se. Apaga o cigarro no cinzeiro sobre a mesa de cabeceira e vai pegar suas roupas no chão.

Na cama, Dora se movimenta, abre lentamente os olhos. Procura Ramiro pelo quarto.

DORA
Rami?

Ramiro, já de calças, a camisa sobre os ombros, aproxima-se de Dora. Volta a sentar na cama, ao lado dela.

RAMIRO
Tenho que ir em casa.

Dora murmura um hum-hum satisfeito e preguiçoso, fecha os olhos e vira-se na cama, ficando de costas para Ramiro.

Ramiro fica olhando para Dora, sério, enquanto termina de vestir a camisa.

CENA 99 - EXT/DIA - FRENTE DO HOTEL DE DORA

Ramiro sai pela porta de vidro do hotel e caminha, decidido, pela calçada. Já há algum movimento na rua.

CENA 100 - EXT/DIA - FRENTE DA CASA DE RAMIRO

Ramiro vem andando pela rua, em direção à sua casa. De repente, pára e olha, assustado.

Em frente à casa de Ramiro, há dois carros de polícia. O policial 1, inclinado sobre a capota de um dos carros, preenche um volante de loteria esportiva.

Ramiro toma fôlego e segue andando em direção à casa. Passa pelos carros. O policial 1 o vê, mas volta a trabalhar em seu volante. Ramiro abre o portãozinho de ferro e entra.

De dentro da casa, surge dona Maria, preocupada, em direção a Ramiro.

MARIA
Ramiro! Meu filho, graças a Deus, você chegou. Eles estão mexendo em tudo.

RAMIRO
Calma, mãe, calma. O que houve?

Nesse momento, Monteiro vem saindo da casa.

RAMIRO

Inspetor Monteiro! Faça o favor de sair da minha casa. E só volte aqui com um mandado!

Monteiro, calmamente, caminha em direção a Ramiro. Tira do bolso do paletó alguns papéis.

MONTEIRO

Qual mandado o senhor vai querer?
(entregando-lhe um papel) Busca e apreensão?

Ramiro pega o papel e confere, derrotado. Mas Monteiro entrega-lhe outro papel.

MONTEIRO

Ou prefere um mandado de prisão?

MARIA

Deus meu!

Ramiro não sabe o que fazer. Nesse momento, os policiais 2 e 3 vêm saindo de dentro da casa. O policial 1 aproxima-se por trás de Ramiro e algema-o.

MONTEIRO

Ramiro Bernardes, você está preso por suspeita de assassinato do doutor Bráulio Tennembaun, ocorrido na madrugada de anteontem. Pode ser uma boa idéia chamar o seu advogado.

Ramiro, algemado, sem ação, procura socorro com sua mãe.

RAMIRO

Mãe! Chama o Gomulka!

MONTEIRO

É. O senhor conhece os seus direitos, eu não preciso ficar repetindo. Vamos embora.

Monteiro faz um sinal para o policial 1, que conduz Ramiro em direção aos carros de polícia.

RAMIRO

(de costas, saindo) Chama o Gomulka, mãe!

Os outros policiais vão saindo também, atrás de Monteiro. Dona Maria fica parada, sem ação, sozinha no jardim da casa.

FIM DO QUARTO BLOCO

QUINTO BLOCO

CENA 101 - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO

Ramiro está sentado numa cadeira, no centro do escritório de Monteiro, com as mãos algemadas. A seu lado, de pé, apenas o policial 1. Ninguém mais na sala. Mais do que nervoso, Ramiro parece irritado.

A porta se abre e entra Monteiro, seguido por Gomulka. Monteiro pára na porta e aponta Ramiro.

MONTEIRO

Aí está o seu cliente, doutor Gomulka. Como pode ver, ele não foi molestado. (para o policial) Pode soltar, Oliveira.

O policial tira do bolso uma chave e inclina-se para abrir as algemas de Ramiro. Monteiro fecha a porta atrás de si. Gomulka aproxima-se de Ramiro, como que para verificar se ele está bem.

GOMULKA

Tudo bem, Ramiro?

Ramiro termina de soltar-se das algemas, rotaciona os pulsos, abre os braços. Olha para Gomulka, faz que sim com a cabeça.

MONTEIRO

Pode esperar lá fora, Oliveira.

O policial pega as algemas e sai, sem falar nada.

GOMULKA

Posso saber por que o meu cliente está detido?

MONTEIRO

Ele demoliu o seu carro, doutor Gomulka.

GOMULKA

(sem achar graça) Muito engraçado.

Monteiro senta-se em sua cadeira, atrás da escrivaninha.

MONTEIRO

Prisão preventiva. Ele é suspeito de

homicídio qualificado. Não tem um álibi convincente para a noite do crime. E estamos muito perto da fronteira.

GOMULKA

Mas isso são suposições suas. Eu não entendo por que esse tipo de raciocínio pode justificar uma prisão preventiva. Meu cliente é primário e...

MONTEIRO

O juiz entendeu. É o que basta, por enquanto.

Gomulka balança a cabeça, tentando ganhar tempo para pensar.

GOMULKA

E eu imagino que o senhor tenha apresentado ao juiz alguma evidência que eu desconheço.

MONTEIRO

Não foi necessário. Mas, na verdade... (abrindo uma gaveta da escrivaninha) Tem uma coisa que eu gostaria de perguntar ao seu cliente...

GOMULKA

(para Ramiro) Meu cliente não é obrigado a responder nada.

Monteiro tira da gaveta um saco plástico transparente. Ramiro fica tentando espiar o seu conteúdo.

MONTEIRO

Não, ele não é obrigado. Mesmo assim, eu gostaria de saber se ele pode imaginar o que isto... (mostrando o saco plástico)... estava fazendo no bolso das calças do doutor Bráulio.

Monteiro estende o saco plástico a Gomulka. Dentro do saco, há uma calcinha branca de mulher. Gomulka pega o saco com a ponta dos dedos e coloca-o diante dos olhos de Ramiro. Ramiro e Gomulka se olham rapidamente.

GOMULKA

Como o meu cliente já disse...

RAMIRO

(cortando) Como eu já disse, o doutor Bráulio estava bêbado e falou mais de uma

vez que queria ir ao La Estrella, continuar bebendo. (cada vez mais irritado) É bem possível que ele tenha ido a outro lugar, encontrado uma mulher, rasgado a calcinha dela, sei lá... O que é que eu tenho a ver com isso?

GOMULKA

Ramiro, é melhor você não dizer mais nada.

Monteiro ergue-se em sua cadeira, atento.

MONTEIRO

O senhor afirma então que nunca viu antes essa calcinha?

RAMIRO

Não, nunca.

GOMULKA

Eu exijo conversar a sós com o meu cliente antes que o senhor prossiga com...

MONTEIRO

(com autoridade, mas sem levantar a voz) O senhor vai se sentar e não vai exigir coisa nenhuma.

Gomulka, resignado, senta.

MONTEIRO

Além do mais, eu já estou terminando. Só gostaria de saber do senhor Bernardes como ele sabe que a calcinha encontrada no bolso do doutor Bráulio estava rasgada.

RAMIRO

(rindo, nervoso) Essa não colou, inspetor. O senhor não disse que ela estava rasgada. Mas eu acabei de ver e ela estava rasgada.

MONTEIRO

O senhor viu que ela estava rasgada? Mesmo dentro de um saco plástico?

Ramiro não responde. Gomulka, temeroso, olha a calcinha dentro do saco plástico em suas mãos.

MONTEIRO

Doutor Gomulka, pode me devolver?

Gomulka levanta-se e devolve o saco com a calcinha a Monteiro.

MONTEIRO

Curioso. O mais estranho é que ela não está rasgada.

Monteiro mostra a calcinha a Ramiro e Gomulka. Está intacta. Gomulka olha para Ramiro. Uma gota de suor escorre pela testa de Ramiro, que não diz nada.

MONTEIRO

Já sei! Eu me enganei.

Monteiro volta a abrir a gaveta da escrivaninha. De dentro dela, tira um segundo saco plástico, com outra calcinha dentro.

MONTEIRO

Esta aqui foi encontrada no bolso do doutor Bráulio. E está rasgada mesmo, vejam. Aquela outra, que eu mostrei antes por engano, e que o senhor disse que nunca viu, estava no seu quarto, doutor Bernardes. Embaixo do colchão. Não é uma coincidência?

Gomulka volta a sentar, desistindo. Monteiro segura as duas calcinhas, uma ao lado da outra.

MONTEIRO

São parecidas, não é? Eu diria que são quase iguais. Não fosse o fato de uma delas estar rasgada, dava até pra confundir...

Monteiro encara Ramiro e Gomulka. Gomulka olha para Ramiro. Ramiro faz para Gomulka um sinal negativo com a cabeça, como de desistência.

GOMULKA

Meu cliente não tem mais nada a dizer.

Monteiro levanta-se da cadeira.

MONTEIRO

Ótimo. Porque agora ele não precisa dizer mais nada.

Monteiro vai até a porta, abre-a.

MONTEIRO

Agora vamos ver o que outra pessoa tem a dizer. (falando alto, para fora) Pode trazer, Oliveira! (para Ramiro) O nome dele

é João Pedro de Assis. Profissão:
caminhoneiro.

Ramiro olha para Monteiro, não mais conseguindo disfarçar o pavor. Uma gota de suor escorre até o seu queixo e pinga. Gomulka olha para Ramiro, depois para Monteiro, sem saber o que fazer.

Pela porta, o caminhoneiro entra, baixo, forte, braços tatuados, chapéu na mão. Meio envergonhado, pára no meio da sala, sem saber o que fazer, para onde olhar.

Monteiro aponta Ramiro e pergunta para o caminhoneiro.

MONTEIRO
Conhece este homem?

O caminhoneiro e Ramiro encaram-se.

FIM DO CAPÍTULO 3

LUNA CALIENTE - CAPÍTULO 4

PRIMEIRO BLOCO

CENA 102 - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO

Ramiro permanece sentado em sua cadeira, no centro do escritório de Monteiro. À sua frente, de pé, o caminhoneiro o encara. Ao lado da porta, Monteiro observa os dois.

Ramiro olha rapidamente para Gomulka que, de pé ao seu lado, faz cara de quem não está entendendo nada. Ramiro resolve encarar o caminhoneiro.

MONTEIRO

(para o caminhoneiro, insistindo) Conhece este homem?

O caminhoneiro olha para Monteiro e depois, meio envergonhado, para Ramiro. Ramiro levanta o olhar e encara-o com ar superior. O caminhoneiro encolhe-se, hesita.

CAMINHONEIRO

Não tenho certeza.

MONTEIRO

(para Ramiro) Fique de pé, por favor.

Ramiro levanta-se. Monteiro fecha a porta e volta até a sua mesa.

MONTEIRO

Dê uma volta na cadeira.

GOMULKA

Inspetor, o senhor pode me explicar o que está acontecendo?

Monteiro senta-se, calmamente.

MONTEIRO

Segundo o depoimento do seu cliente, o doutor Bráulio deixou-o em casa, às quatro horas. Mas o senhor João Pedro aqui (apontando) passou pela ponte de Resistência às cinco, provavelmente pouco depois que o seu carro, doutor Gomulka, caiu no rio.

GOMULKA

E o que o meu cliente tem a ver com isso?

MONTEIRO

O senhor João Pedro declarou que deu carona a um homem, da ponte até a cidade. (lendo um papel sobre a mesa) Um homem moreno, de mais ou menos quarenta anos.

GOMULKA

Então isso é uma acareação? O senhor sabe que o meu cliente pode se negar a isso.

MONTEIRO

Sim, doutor Gomulka. O seu cliente pode se negar a isso, se achar que vai ser incriminado. (para Ramiro) É sua a escolha.

Ramiro olha para Monteiro, depois para o caminhoneiro e por fim para Gomulka.

RAMIRO

Tudo bem.

Ramiro caminha, pausadamente, em volta de sua cadeira. O caminhoneiro observa-o. Ao passar por ele, Ramiro mantém o olhar erguido.

MONTEIRO

Agora o reconhece?

CAMINHONEIRO

É parecido, senhor, mas a verdade é que... não tenho certeza. Estava muito escuro e eu vinha distraído.

MONTEIRO

Mas ele não esteve sentado mais de meia hora ao seu lado?

CAMINHONEIRO

(nervoso, amassando o chapéu com as mãos)
Quem sabe se o moço falasse...

MONTEIRO

(para Ramiro) Fale alguma coisa, por favor.

RAMIRO

(escolhendo as palavras) Não sei o que quer que eu diga, inspetor. (olhando fixo para o caminhoneiro) Eu nunca vi este homem em toda a minha vida e não estou compreendendo o que o senhor deseja.

O caminhoneiro olha para Ramiro, nervoso. Monteiro observa os dois.

MONTEIRO
E então?

CAMINHONEIRO
Não, senhor, a pessoa que levei era um gringo, acho que um paraguaio. O moço é parecido, mas fala brasileiro.

MONTEIRO
O senhor Bernardes viveu na Europa, certamente fala outra língua...

RAMIRO
Je parle français, inspecteur. É a língua que se fala em Paris, onde eu morei.

Monteiro levanta-se, dirigindo-se ao caminhoneiro.

MONTEIRO
Esqueça o jeito que ele fala. Diria que é a pessoa que levou ou não?

CAMINHONEIRO
Pois... me parece que era de outra condição. Este senhor...

MONTEIRO
Era de madrugada, ele devia estar sujo, cansado... Você só precisa dizer se o reconhece ou não. Não tenha medo.

O caminhoneiro, cada vez mais nervoso, olha para Monteiro e para Ramiro, indeciso.

CAMINHONEIRO
Olha, senhor, eu não... eu acho...
(balançando a cabeça) Sinceramente...

MONTEIRO
(interrompendo) Tudo bem. Você não precisa dar uma resposta agora. Você será chamado a depor mais tarde, no inquérito.

Ramiro, aliviado, olha para Gomulka, que reage. O caminhoneiro, ainda confuso, coloca o chapéu na cabeça e prepara-se para sair.

GOMULKA

Isso é altamente irregular, inspetor. O senhor sabe que não pode fazer uma coisa dessas. Se isso fosse um interrogatório formal, se nós estivéssemos na presença de um juiz...

Ramiro tira do bolso a carteira de cigarros. Pega um cigarro, bate-o duas vezes na mesa. Antes de colocá-lo na boca, pára, como se percebesse alguma coisa. Olha com o canto do olho para o caminhoneiro.

INSERT (FB) DA CENA 49 - EXT/NOITE - CAMINHÃO

Ramiro põe a mão no bolso e tira um cigarro. Distraidamente, bate duas vezes com o cigarro no painel do caminhão.

VOLTA PARA CENA 102 - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO

O caminhoneiro está olhando para Ramiro, reconhecendo-o.

MONTEIRO

Eu conduzo o inquérito, advogado. (para o caminhoneiro) Pode ir embora. Você será procurado em breve. Obrigado.

Ramiro olha para o inspetor, e percebe que ele não percebeu nada. Volta a olhar para o caminhoneiro. O caminhoneiro, humildemente, baixa a cabeça e vai embora.

CAMINHONEIRO

Com licença...

Monteiro conduz o caminhoneiro até a porta. Abre-a. Gomulka olha para Ramiro, sem entender a sua inquietação. O caminhoneiro sai. Parado junto à porta aberta, Monteiro volta-se para Gomulka.

MONTEIRO

O senhor também pode ir embora, advogado. Seu cliente agora está aos cuidados da polícia.

Gomulka balança a cabeça afirmativamente. Depois, olha para Ramiro e bate-lhe amigavelmente no ombro.

GOMULKA

Boa sorte. Te vejo amanhã.

Ramiro concorda com a cabeça, preocupado.

CENA 103 - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE IDENTIFICAÇÃO

A carteira de identidade de Ramiro é depositada em uma caixinha de metal.

Ramiro tira o relógio do pulso e entrega-o para o policial Oliveira, à sua frente na sala de identificação. Oliveira coloca o relógio dentro da caixinha e faz um sinal indicando a cintura de Ramiro.

O cinto de Ramiro é retirado das calças. Ramiro entrega-o a Oliveira.

Um cordão de sapato é puxado, soltando-se do último furo. Ramiro entrega dois cordões de sapato a Oliveira.

As mãos de Ramiro, espalmadas, encostam-se na parede, a três palmos de distância uma da outra. Ramiro está de costas, pernas abertas, as mãos na parede, e Oliveira se abaixa para revistá-lo.

Na caixinha de metal, uma carteira de couro é colocada sobre os demais objetos de Ramiro.

Pequenos números de madeira são colocados em seqüência dentro de um pequeno trilho, formando uma data:

17-1-1970

Ramiro, ar perplexo, posiciona-se frente a um fundo preto, olhando para a frente. Como que por reflexo, sua boca tenta esboçar um sorriso, a que o rosto inteiro não corresponde.

Um flash congela a expressão de Ramiro.

CENA 104 - INT/NOITE - DELEGACIA / CELA E CORREDOR

Ramiro está sentado, sem sapatos, cabeça baixa, a um canto do chão de cimento de uma cela escura e pequena, mas de teto bem alto. A seu lado, uma pequena cama simples, com um lençol sujo. A luz vem de uma vigia gradeada, na parte de cima da parede.

As paredes da cela têm manchas de umidade, e algumas palavras e desenhos pouco identificáveis riscados a carvão.

De repente, ouve-se um ruído brusco, uma porta de ferro sendo

aberta, a uma certa distância. Ramiro levanta o olhar. Ouve a voz frágil e assustada de um preso.

PRESO (FQ)

O que é isso? Pra onde vocês estão me levando?

Ramiro ergue-se, ficando de pé na cela.

PRESO (FQ)

Eu já disse que eu não sei onde eles estão. Por que vocês não me deixam dormir?

Ramiro corre até a porta da cela, que possui uma pequena abertura retangular quase junto ao chão. Ramiro agacha-se e olha pela abertura, tentando espiar para fora.

No corredor escuro, um PRESO vem vindo arrastado pelos ombros por DOIS GUARDAS. Ao passar pela cela de Ramiro, o preso procura auxílio com os olhos, e sua voz vai ficando mais desesperada.

PRESO

Por favor, alguém me ajude. Alguém pode me dizer que dia é hoje?

Ramiro, com ar de pavor, enfia o rosto na vigia gradeada, tentando acompanhar a trajetória do preso corredor afora.

PRESO

Eu preciso voltar pro meu trabalho, pra minha casa. Eu já disse que eu não sei onde eles estão. Por que vocês não param com isso?

A silhueta dos três chega ao fim do corredor, onde se abre uma porta para algum lugar mais iluminado.

PRESO

(gritando) Não! Eu não quero voltar lá! Vocês não podem fazer isso comigo. Assassinos! Assassinos! Assassinos!

O preso é arrastado pelos policiais através da porta, que se fecha atrás deles, com um estrondo.

Ramiro ainda fica com o rosto colado à abertura, tentando ver alguma coisa. Mas a porta permanece fechada. Os gritos que continuam vindo de lá não são mais identificáveis.

Ramiro afasta-se da porta e fica parado, encostado à parede,

sem saber o que fazer. Ouve um berro apavorante.

Depois, um rádio tocando música bem alta.

Ramiro olha em volta. A música parece entrar pelas paredes da cela. Ramiro coloca as duas mãos nos ouvidos, mas a música continua.

Sempre com as mãos apertando os ouvidos, Ramiro escorrega as costas pela parede até cair no chão, enquanto seu rosto se contrai de dor. Ramiro aperta os olhos e começa a chorar, enquanto fala baixinho, como que para si mesmo.

RAMIRO

Eu não sou um assassino. Eu não sou um assassino...

FADE OUT

CENA 105 - INT/NOITE - DELEGACIA / CELA

FADE IN

Ramiro está deitado na cama da cela, encolhido. Sua cabeça está entre as mãos, os olhos fechados. A música agora é outra, mas continua soando através das paredes.

De repente, Ramiro abre os olhos, assustado. Ouve passos no corredor.

Ramiro senta-se na cama, as costas apoiadas na parede da cela. Esfrega os olhos com as mãos, com força. Os passos aproximam-se.

Ruído na tranca da porta. Ramiro põe-se de pé.

A porta se abre. Aparece um GUARDA, armado, que dá passagem ao Policial 1.

POLICIAL 1

Me acompanhe, por favor.

RAMIRO

Para onde?

MONTEIRO

O senhor já vai descobrir.

Ramiro caminha para a porta, lentamente. Passa pelo policial e pelo guarda, sai da cela.

CENA 106 - INT/NOITE - DELEGACIA / CORREDOR

Ramiro chega ao corredor, escoltado pelo guarda e pelo policial 1. Monteiro está esperando por ele, à frente de uma porta.

MONTEIRO
Boa noite.

RAMIRO
Por enquanto a noite está muito agradável.
Ouvi gritos na cela ao lado. E depois uma
música alta. A sua delegacia não parece
muito discreta, inspetor.

MONTEIRO
(balançando a cabeça) Acho que eles vão
continuar a noite toda. Eu quero deixar
claro que eu sou contra este tipo de
procedimento. Eu sou um policial, não me
envolvo com política.

RAMIRO
Que política?

MONTEIRO
Eu não julgo ninguém. Meu trabalho é
descobrir criminosos e prendê-los. Só isso.
Mas, o senhor entende, eu também tenho que
prestar conta dos meus atos.

RAMIRO
Para quem?

MONTEIRO
O senhor já vai descobrir.

Aproximam-se da porta. Monteiro bate.

GAMBOA (FQ)
Entre.

Monteiro abre a porta.

CENA 107 - INT/NOITE - DELEGACIA / SALA DE GAMBOA

Monteiro e Ramiro entram na sala, que é muito bem arrumada,
contrastando com a sujeira e desorganização do resto da

delegacia. Uma prateleira com livros, um tapete. Poltronas de couro, quadros na parede. Uma grande mesa de reuniões ao centro, com cadeiras de espaldar alto.

De pé, de costas para Ramiro e Monteiro, examinando um livro na estante, está o capitão GAMBOA, 35 anos, magro, terno e gravata impecáveis.

MONTEIRO

Capitão... Esse é o doutor Ramiro.

Gamboa indica a mesa de reuniões e continua examinando o livro.

GAMBOA

Ele pode sentar, já cuido disso. E o senhor pode sair, inspetor.

MONTEIRO

Capitão, se o senhor quiser a minha participação no interrogatório...

GAMBOA

Sim?

MONTEIRO

Eu estou acompanhando o caso desde o início e... Qualquer dúvida...

GAMBOA

Tenho certeza que o doutor Ramiro é uma pessoa razoável. O senhor está dispensado.

Monteiro sacode a cabeça e sai, dando uma olhada para Ramiro, que permanece de pé ao lado da mesa de reuniões.

GAMBOA

O senhor pode sentar.

Ramiro puxa uma cadeira e senta, cauteloso. Gamboa volta a examinar o livro que tem nas mãos. Lê em voz alta.

GAMBOA

"A morte é o fato primeiro e mais antigo, e quase me atreveria a dizer: o único fato. Tem uma idade monstruosa e é sempiternamente nova."

Ramiro acompanha a leitura de Gamboa, sem entender. Gamboa recoloca o livro na estante, vem até a mesa e senta-se, de frente para Ramiro.

GOMULKA

Não esperava encontrar Canetti numa biblioteca de delegacia do interior.

Ramiro não diz nada.

GAMBOA

Sabe quem eu sou?

RAMIRO

Não tenho o prazer.

GAMBOA

Capitão Alcides Carlos Gamboa.

Ramiro escuta o nome mas não parece muito impressionado.

GAMBOA

Vamos colocar as coisas claramente. Você se saiu muito bem com o caminhoneiro, mas nós sabemos que você matou o doutor Tennembaun.

Ramiro vai responder, mas desiste.

GAMBOA

Ainda não temos como provar, mas isso é o de menos. Quando nós queremos provar algo, provamos e pronto. Não vá pensar que estamos na França, doutor. Estamos num país em guerra, uma guerra interna, mas sempre uma guerra, correto?

RAMIRO

Eu não matei ninguém.

Gamboa tira do bolso um estojo de couro e coloca-o sobre a mesa. Abre-o, tira papel e fumo, e começa a enrolar um cigarro.

GAMBOA

Meu querido doutor Bernardes, eu disse que eu SEI que você matou Tennembaun. Não estou fazendo suposições. Verdade que ainda não sei por quê, mas, sinceramente, nem faço questão de descobrir. Você sabe que, se eu quisesse fazê-lo confessar... não ia ser difícil, correto?

Ramiro tenta disfarçar o nervosismo. Arrisca.

RAMIRO

Vai me torturar, capitão? Pensei que esses métodos eram só para os subversivos.

GAMBOA

(indiferente) Isso não é um assunto que eu queira discutir com você. Não agora. O que quero dizer é que... é uma pena que logo você esteja envolvido neste crime.

RAMIRO

Por que "logo eu"?

GAMBOA

Porque se esperava muito de você. Neste país estão faltando homens preparados e sem contaminação ideológica.

RAMIRO

Que quer dizer com isso?

GAMBOA

Você não está sendo admitido na universidade apenas por seus estudos, ou por seus títulos. Atualmente, isso não é possível sem a aprovação das Forças Armadas.

Gamboa oferece o cigarro que acabou de enrolar para Ramiro, que o recusa com um gesto.

GAMBOA

Seus antecedentes são impecáveis. Este... digamos, este incidente estraga tudo. Por isso eu tenho uma porposta: se confessar, eu posso ajudá-lo.

RAMIRO

(escolhendo as palavras) Eu não entendo. Se eu fosse o assassino e confessasse, o que eu ganharia?

Gamboa acende o cigarro e dá uma primeira tragada.

GAMBOA

Se confessar, podemos ajeitar as coisas. Atenuá-las. Um crimezinho desses, você sabe, acontece toda hora. Podemos encerrar o processo por falta de provas. Na verdade, o senhor está apenas sob prisão preventiva. Podemos até mesmo desistir de processá-lo

pela morte do doutor Tennembaun.

RAMIRO

Eu não matei ninguém.

Gamboa levanta-se, fuma, fica de costas para Ramiro. Caminha até a janela.

GAMBOA

Não me decepcione, Bernardes! Tudo o que tem que fazer é confessar. Eu garanto que você sai inteiro dessa. Pode retomar sua vida, assumir seu posto na Universidade... Basta querer colaborar conosco. Está claro?

RAMIRO

Claríssimo, capitão. Eu assino uma confissão, mas ela é escondida em alguma gaveta. O senhor encerra o processo e eu passo a ser chantageado o resto da vida, trabalhando como dedo-duro na Universidade. Se eu me recusar a delatar os colegas, o senhor "encontra" a confissão e eu volto pra cadeia. É isso?

Gamboa, ainda à janela, coloca o cigarro na boca e dá uma longa tragada antes de responder.

GAMBOA

Veja, Bernardes. Nosso verdadeiro inimigo é muito maior. Pequenas violências como a morte desse doutor Tennembaun podem ser esquecidas. Você não acha?

RAMIRO

(ajeitando-se no sofá) Não. (mudando de tom) De qualquer forma, eu não matei o doutor Bráulio. E também não sei se eu iria colaborar com vocês.

GAMBOA

Isso nós veremos. Porque neste país, agora, não há neutros.

Ramiro não responde. Gamboa volta-se para Ramiro, encarando-o.

GAMBOA

Então? Que me diz?

RAMIRO

Não sei o que espera que eu diga,

capitão...

GAMBOA
Não vai confessar?

RAMIRO
Não tenho nada para confessar.

Gamboa balança a cabeça, decepcionado. Volta à janela e continua fumando.

GAMBOA
É uma pena. Acho que você vai se arrepender.

CENA 108 - INT/NOITE - DELEGACIA / CELA

A música volta a soar através das paredes da cela. Em um canto da parede, inscrições feitas com pedra, carvão, canivete: nomes de pessoas, desenhos simples e quase pornográficos, palavras desconexas.

Ramiro está deitado de costas na cama, olhando a parede, suando. Coloca as mãos nos ouvidos, rola na cama. A música pára. Silêncio.

Em seguida, um quadrilátero de luz é projetado no chão da cela, através da abertura na porta. Ruídos no corredor. Ramiro ergue-se na cama, olha na direção da porta.

Sombras no chão, ruídos de passos: guardas arrastando o preso, movimento em sentido contrário ao da cena 104, mas agora sem gritos, sem gemidos. A luz do corredor volta a apagar-se.

Ramiro volta a virar-se na cama, encolhendo-se e voltando o rosto em direção à parede.

Silêncio. Ramiro sozinho na cela, a cama ao lado do chão de cimento.

FADE OUT

CENA 109 - INT/DIA - DELEGACIA / CELA

FADE IN

Ramiro, deitado de costas sobre a cama na cela, de repente abre os olhos, assustado. Ouve um ruído de passos no corredor.

RAMIRO
Elisa...

Ruído no trinco da porta. Ramiro senta-se sobre a cama, passa a mão nos cabelos, tenta recompor-se.

A porta se abre. O policial 1 aparece no vão da porta.

POLICIAL 1
Visita pra você.

Ramiro ergue-se.

FIM DO PRIMEIRO BLOCO

SEGUNDO BLOCO

CENA 110 - INT/NOITE - DELEGACIA / SALA DE VISITAS

Uma sala pequena com uma única janela basculante. Com grades. A janela dá para um corredor interno onde eventualmente passam policiais.

Dora, sentada numa das duas cadeiras da sala, em frente a uma mesa pequena, usa um vestido escuro e está sem maquilagem. Carrega um pacote de papel. Ramiro entra e senta na outra cadeira. Dora tenta sorrir, sem muito sucesso. Ramiro nem tenta.

DORA
Como você está?

RAMIRO
Mal.

DORA
Está precisando de alguma coisa?

RAMIRO
Sair daqui.

Ela tira uma fruta do saco de papel e mostra a ele. Guarda a fruta e tira do saco um leque. Abre e abana-se. O leque tem um desenho de motivos parisienses.

Dora cobre a boca com o leque e pisca rapidamente os olhos, tentando fazer uma graça. Ele sorri. Ela põe o leque no saco. Entrega-lhe o saco.

RAMIRO

Obrigado.

DORA

Precisa de mais alguma coisa que eu possa trazer?

RAMIRO

Não, obrigado. Queria um fio dental, mas eles não deixam entrar. Têm medo que eu me enforque, ou enforque alguém. Já imaginou? Enforcar alguém com um fio dental, com flúor.

Dora sorri. Ficam alguns segundos em silêncio.

DORA

O que foi que você fez, Ramiro?

Ramiro fica olhando para Dora. Suspira fundo.

RAMIRO

Você também acha que eu sou um assassino?

DORA

Não sei. Você está diferente.

RAMIRO

Eu já lhe disse, muita coisa aconteceu.

Dora fica observando Ramiro, em silêncio.

DORA

Você me contou uma vez que, quando seu pai morreu, vocês foram passar uns tempos com uma tia, numa fazenda.

RAMIRO

É. Era a colheita do algodão. Isso distraía a minha mãe um pouco. Ela estava muito mal. Por quê?

DORA

Você contou que, num fim de semana, você precisou voltar à cidade, acho que para um exame médico.

RAMIRO

Por que você lembrou disso agora?

DORA

Você passou em casa e viu que uma família

de gatos estava morando na cozinha.

RAMIRO
Você lembra disso?

DORA
Lembro.

RAMIRO
Dois gatos fugiram pela janela da cozinha quando eu entrei, levei um susto.

DORA
Aí você viu uns gatinhos, filhotes recém nascidos, morando embaixo do fogão.

Ramiro fica observando Dora.

RAMIRO
Entendi por que você lembrou disso agora.

DORA
Você fechou a janela e a porta da cozinha.

RAMIRO
(justificando-se) Eles tinham sujado a casa toda.

DORA
Você deixou os gatinhos trancados na cozinha e foi embora.

RAMIRO
O meu pai tinha morrido, eu não estava bem.

DORA
E vocês só voltaram um mês depois.

RAMIRO
Eu estava com muita raiva.

DORA
Você contou essa história para mais alguém?

Pausa.

RAMIRO
Não. Nunca. Só para você.

DORA
Como eles estavam?

RAMIRO
Quem?

DORA
Os gatinhos. Como eles estavam quando vocês voltaram para a casa?

RAMIRO
Mortos, claro. Um mês...

DORA
Mortos como?

RAMIRO
Mortos. Mortos, que diferença faz?

DORA
Eles morreram onde? No chão? Quantos eram?

RAMIRO
Eram quatro, eu acho. Morreram no chão.

DORA
Estavam perto da janela? A janela que você fechou?

RAMIRO
Estavam.

DORA
Quem encontrou? Quem abriu a cozinha?

RAMIRO
Minha mãe.

DORA
Tinha cheiro? Ou já estavam secos?

RAMIRO
Dora...

DORA
Tinha ou não?

RAMIRO
Tinha. Um cheiro insuportável. Mas já estavam secos. Pareciam uns... pedaços de couro, colados nas lajotas do chão. Tive que raspar com uma espátula, para tirar.

DORA

E sua mãe? Ela não se perguntou como aqueles gatos foram parar ali?

RAMIRO

Perguntou.

DORA

Perguntou para você?

RAMIRO

Perguntou.

DORA

E o que foi que você disse?

RAMIRO

Disse que eu não fazia idéia. Que talvez eu tivesse fechado a janela, quando fui buscar as roupas.

DORA

"Talvez"?

Dora fica em silêncio alguns segundos. O Policial 1 surge no corredor, bate no vidro. Dora, com um gesto, pede ao policial 1 que lhe dê mais algum tempo. Ele mostra o relógio. Ela se levanta.

DORA

Você me disse, ontem, que sua vida estava uma confusão. Que tipo de confusão?

RAMIRO

O pior tipo.

DORA

Quer me contar?

RAMIRO

Não. Não posso.

Ela pára junto a porta.

DORA

Eu vou voltar para Paris hoje à noite.

RAMIRO

Eu sei.

DORA

Você não quer me dizer nada mesmo?

RAMIRO
Não posso.

DORA
Então... é isso?

Ramiro sacode levemente a cabeça.

DORA
Você fez alguma coisa...

Pausa. Ramiro pensa um pouco.

RAMIRO
Talvez.

DORA
Talvez?

RAMIRO
É. Talvez.

Dora observa Ramiro alguns segundos antes de abrir a porta e sair.

CENA 111 - INT/NOITE - DELEGACIA / CELA

A música soando através das paredes da cela. Através da janela, por sobre o telhado do velho prédio da delegacia, um jato cruza o céu estrelado, deixando um rastro iluminado pela grande lua cheia.

Ramiro está deitado na cama, sem camisa, suando muito, olhando para cima.

FUSÃO PARA:

CENA 112 - INT/DIA - DELEGACIA / CELA

Ramiro está deitado em sua cela, dormindo, posição um pouco diferente da cena anterior.

A luz da cela é acesa e a porta se abre. Ramiro desperta. Senta na cama. Policial 1 entra.

POLICIAL 1
Levante-se. O inspetor Monteiro quer falar

com o senhor.

Ramiro pega os seus sapatos e a camisa. Pega o leque parisiense de Dora sobre a cama.

CENA 113 - INT/DIA - DELEGACIA / SALA DE MONTEIRO

A porta se abre e Ramiro entra, já de camisa, com o Policial 1 atrás. Em sua escrivaninha, Monteiro pega uns papéis, confere. Indica a cadeira à sua frente.

MONTEIRO
Sente-se.

Ramiro obedece. Monteiro pega um saquinho, confere rapidamente, entrega-o a Ramiro.

MONTEIRO
Veja se não falta alguma coisa.

RAMIRO
O que é isso?

MONTEIRO
Suas coisas. Você vai sair, mas antes quero que saiba umas coisinhas.

RAMIRO
Encontraram o assassino?

Monteiro dá uma olhada para Ramiro.

MONTEIRO
O assassino é você. Não tenho nenhuma dúvida e inclusive já sei por que fez aquilo. Na verdade até o invejo. De certo modo, claro.

Monteiro ri.

RAMIRO
De que está rindo?

MONTEIRO
Você é um fenômeno, doutor.

RAMIRO
Por quê?

MONTEIRO

Você disse que sua mãe podia testemunhar que sua volta para casa foi antes das quatro, não é?

RAMIRO
Disse.

MONTEIRO
Pois a senhorita Elisa disse que você passou a noite do crime com ela. E na cama dela.

Ramiro olha para Monteiro mas não diz nada.

MONTEIRO
Por isso eu disse que o invejava. Você é um fenômeno... mas, para mim, continua numa situação de merda. Os policiais do carro-patrolha confirmaram que lhe viram com o doutor Bráulio, às três e pouco. Mas ela disse que você voltou para o quarto dela e que, juntos, vocês viram o doutor Bráulio ir embora com o Ford, completamente bêbado.

Pausa.

MONTEIRO
É claro que eu não acreditei numa só palavra, mas é uma declaração assinada. Por enquanto, você está salvo.

RAMIRO
Por enquanto?

Monteiro levanta-se.

MONTEIRO
Tenho um palpite que vamos voltar a nos ver. Vamos embora.

Ramiro ergue-se.

CENA 114 - INT/DIA - DELEGACIA / RECEPÇÃO

Maria e Carmem estão sentadas num comprido banco de madeira, recostadas na parede, em silêncio, chorosas, vestidas de preto. Ao lado delas, Gomulka. De pé junto a uma janela, Elisa controla a porta da guarda com um olhar langoroso, braços caídos, mãos cruzadas sobre o púbis.

Ramiro chega, com Monteiro ao seu lado. Ao vê-lo, Elisa corre para ele e se pendura no seu pescoço, beijando-o.

ELISA
Meu amor...

Carmen começa a chorar, assoando-se com um lençinho, e Gomulka ergue-se como impulsionado por uma mola.

ELISA
Eu disse toda a verdade, meu amor, que ficaste a noite inteira comigo e que estamos apaixonados.

Maria aproxima-se, balançando a cabeça.

MARIA
Ramiro, que fizeste...

Gomulka olha para Ramiro com ar de desaprovação. Ramiro fica sem saber o que dizer, com Elisa, muito feliz, pendurada no seu pescoço.

FIM DO SEGUNDO BLOCO

TERCEIRO BLOCO

CENA 115 - INT/DIA - BAR LA ESTRELLA

Ramiro e Gomulka numa mesa do La Estrella. Tomam cerveja. Ramiro encosta o copo de cerveja no pescoço, nas tâmporas, tentando atenuar o forte calor. Gomulka lê o código penal.

GOMULKA
(lendo) Sedução, artigo duzentos e dezessete: Seduzir mulher virgem, menor de dezoito anos e maior de catorze, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança. Pena: reclusão, de dois a quatro anos.

RAMIRO
Foi ela quem me seduziu, ela já declarou isso à polícia.

GOMULKA
Ninguém acreditou.

Gomulka fecha o código penal, toma um gole de cerveja.

GOMULKA

Insanidade temporária. Estava quente demais, você bebeu e comeu demais. Ela era gostosa demais... Você enlouqueceu. Tudo isso é atenuante.

RAMIRO

Atenuante de quê? Eu não cometi crime algum.

Gomulka sorri, observa Ramiro.

GOMULKA

Você acha que eu sou idiota, Ramiro?

RAMIRO

Você também não acreditou na minha história?

GOMULKA

Qual delas? Primeiro você me disse que o velho pediu o carro emprestado e você não teve como dizer não. Depois você me disse que o velho acusou você de seduzir a filhinha dele, você lhe deu uns tabefes, desceu do carro e ele pegou a direção e se mandou. Agora você me diz que estava na cama com a filhinha dele, ele pegou a chave e se mandou. Em qual destas histórias eu devo acreditar? Mais uma?

RAMIRO

Pode ser.

Gomulka faz sinal para o garçon, ergue a garrafa de cerveja.

GOMULKA

Você não quer me contar mesmo?

RAMIRO

Contar o quê?

GOMULKA

O que realmente aconteceu.

RAMIRO

Por quê?

Ao fundo, às costas de Ramiro e Gomulka, Braulito entra no bar. Ele vê Ramiro e se aproxima, decidido.

GOMULKA

Sei lá. Porque eu sou seu amigo. Aliás, seu único amigo. Porque eu sou seu advogado. Porque você destruiu meu carro. Porque... ia ser um alívio para você contar a verdade para alguém.

Braulito dá um soco na cabeça de Ramiro, por trás. Gomulka ergue-se, tentando segurá-lo. Braulito continua batendo, chutando, socando, com raiva. Ramiro apenas se defende.

GOMULKA

O que é isso? Calma, Braulito. Pára, porra!

BRAULITO

Desgraçado, filho da puta!

Copos e garrafas caem pelo chão. O GARÇOM chega para separar os dois.

GOMULKA

Calma, Braulito!

Gomulka e o garçom conseguem seguram Braulito. Ele continua tentando chutar Ramiro.

GOMULKA

Te acalma, Braulito!

BRAULITO

Eu sei que foi você. Você matou meu pai! Assassino, desgraçado. Eu vou te pegar! Seu doutorzinho de merda!

GOMULKA

Calma, Braulito! Isso não resolve nada!

BRAULITO

Você acha que engana alguém? Você acha que me engana?

Braulito se acalma um pouco.

BRAULITO

Acha que engana a Elisa?

Um estranho sorriso ilumina o rosto de Braulito.

BRAULITO

Você não conhece a Elisa.

O garçom arrasta Braulito para longe de Ramiro.

RAMIRO
Braulito, eu...

GOMULKA
Deixa, Ramiro...

BRAULITO
Você não sabe de nada.

O garçom arrasta Braulito para fora do bar.

BRAULITO
Eu tenho pena de você!

Gomulka junta do chão o código penal, pingando cerveja.

GOMULKA
Melhor sair daqui.

Gomulka faz um gesto ao garçom.

GOMULKA
Podia ver a nossa continha, por favor?

CENA 116 - EXT/DIA - RUA CALÇADA

Ramiro e Gomulka caminham pela calçada.

RAMIRO
Foi como você disse.

GOMULKA
Como é?

RAMIRO
O que aconteceu. Foi como você disse.

GOMULKA
O que foi que eu disse?

RAMIRO
Estava quente demais. Eu bebi e comi
demais.

GOMULKA
Ela é gostosa demais...

RAMIRO

É. Eu enlouqueci. Mas nada disso é atenuante. Pelo menos, não para mim.

GOMULKA

Ela te convidou para dormir lá?

RAMIRO

O pai dela. A mãe também. Eu não aceitei.

GOMULKA

Mas ficou.

RAMIRO

O carro afogou.

GOMULKA

O carro afogou? Não é possível, o carburador daquele carro...

RAMIRO

Eu afoguei. De propósito.

GOMULKA

Ah...

RAMIRO

Não sei o que me deu. Ela estava na janela, me olhando. Eu tinha bebido demais, estava quente demais.

GOMULKA

Você enlouqueceu.

RAMIRO

É. Acho que sim.

GOMULKA

E aí?

RAMIRO

Aí eu fiquei para dormir. Ela deixou a porta do quarto aberta. Estava quase nua.

GOMULKA

Ela é gostosa demais. Isso é atenuante.

RAMIRO

Eu achei que ela queria. E ela queria mesmo.

GOMULKA

Claro. Ela disse que sim, para a polícia.
Disse e assinou.

RAMIRO

Pois é. Só que, na hora...

GOMULKA

O que é que tem?

RAMIRO

Na hora, ela disse que ia gritar.

GOMULKA

Como é? Na hora assim... na hora mesmo?

RAMIRO

Na hora mesmo. A gente na cama. E ela disse
que ia gritar. Os pais dela ali do lado.
Não sabia o que fazer.

GOMULKA

E o que você fez?

RAMIRO

Tentei impedir, sei lá. Tapei sua boca. Não
sei.

GOMULKA

E aí?

RAMIRO

Aí, quando eu me dei conta, ela estava
morta.

Gomulka pára.

GOMULKA

Como é?

RAMIRO

Ela estava morta. Pelo menos eu pensei que
estava. Acho que desmaiou, não sei. Parecia
morta. Completamente morta.

GOMULKA

Putá que o pariu!

RAMIRO

Pois é. Imagina a minha situação. Estupro e
assassinato. Que tal?

GOMULKA
O que você fez?

Recomeçam a caminhar.

RAMIRO
Fiquei desesperado. Só pensei em fugir dali. Foi aí que encontrei o velho.

GOMULKA
Ele viu vocês?

RAMIRO
Não. Quer dizer, primeiro achei que sim. Depois eu vi que não, ele só estava bêbado. Depois achei que sim outra vez. Não sei. Acho que ele viu.

GOMULKA
Vocês saíram?

RAMIRO
Saímos. Ele queria beber mais.

GOMULKA
E aí?

RAMIRO
A Elisa.

GOMULKA
Onde? Ela saiu com vocês?

RAMIRO
Não. Ali.

Elisa está sentada no muro da casa de Ramiro. Ela se ergue e se aproxima pela calçada. Tem um leve ferimento no rosto.

ELISA
Oi.

RAMIRO
O que foi isso?

ELISA
Braulito. Ele encontrou você?

RAMIRO
(tocando a boca ferida) Encontrou.

ELISA

Ele está louco. Posso dormir na sua casa?

RAMIRO

Não acho uma boa idéia.

GOMULKA

Eu também não.

ELISA

Eu não tenho onde ficar.

RAMIRO

É melhor você ir para casa.

ELISA

Você me leva?

RAMIRO

Não tenho carro.

Ela olha para Gomulka.

GOMULKA

Minha irmã vai precisar do carro, é dela.

Ficam os três parados, em silêncio. Gomulka olha para o carro, estacionado na frente da casa de Ramiro.

GOMULKA

Tudo bem... (pega a chave) Ramiro, pelo amor de Deus...

RAMIRO

Não se preocupe.

GOMULKA

Não diga isso! Na última vez que eu te mandei cuidar de um carro e você disse "não se preocupe" ele acabou no fundo de um rio! (olha para Elisa) Desculpa.

Gomulka entrega a chave a Ramiro.

GOMULKA

Ela vai precisar do carro às nove. Olha lá, hein?

Elisa e Ramiro entram no carro.

RAMIRO
Gomulka...

GOMULKA
O quê?

RAMIRO
Obrigado.

Gomulka faz um gesto de "tudo bem". Ramiro liga o carro e se afasta. Gomulka fica na calçada, preocupado.

FIM DO TERCEIRO BLOCO

QUARTO BLOCO

CENA 117 - EXT/CREPÚSCULO - FIAT / ESTRADA ASFALTADA

O Fiat da irmã de Gomulka cruza a estrada.

Dentro do carro, Ramiro dirige, com Elisa ao seu lado.

ELISA
Eu não quero ir para casa.

Elisa tenta levar a mão ao rosto de Ramiro.

ELISA
Ele te machucou.

Ramiro afasta a mão de Elisa com um tapa.

RAMIRO
Será que você não percebe que a cidade inteira está falando de nós, que é melhor a gente ficar bem longe um do outro? Eu vou te levar para casa.

ELISA
(infantil) Não. Por favor. A mãe não pára de chorar. Todo mundo me olha como se eu fosse uma criminosa.

RAMIRO
Você mentiu pra polícia. Você é uma criminosa.

ELISA
(sorrindo) Eu? Tem certeza?

Ramiro olha para Elisa. Ela está linda. A saia, levantada acima dos joelhos, deixa as pernas à mostra. Ramiro fraqueja, e Elisa percebe. Ela movimentava-se no banco, aproximando-se dele. Ramiro reage empurrando-a com o cotovelo.

RAMIRO
Fica aí, Elisa.

ELISA
Tudo bem.

Elisa volta a encostar-se na janela, mas puxa ainda mais a saia para cima. Ramiro lança um olhar rápido, mas depois fixa o olhar em frente

RAMIRO
Elisa, nós precisamos esclarecer algumas coisas.

ELISA
Sobre o quê?

RAMIRO
Sobre tudo que aconteceu. Aconteceram muitas coisas.

ELISA
Eu não tenho nada para falar. Não quero falar.

RAMIRO
Por quê?

ELISA
Não quero porque não quero.

Elisa liga o rádio do carro, sintonizando uma estação que toca um bolero dramático.

Ramiro franze o cenho. Dirige em silêncio, atravessando o centro da cidade. Ela se balança no banco, ao compasso da música.

RAMIRO
Afim, onde te levo?

ELISA
Para onde você quiser. Vamos sair da cidade? Lá fora às vezes é mais fresquinho

Elisa continua balançando-se, com as coxas à mostra. Ramiro

faz o carro contornar o trevo de acesso à estrada.

CENA 118 - EXT/NOITE - FIAT / ESTRADA ASFALTADA

Arredores da cidade. O carro passa por um mal iluminado restaurante de caminhoneiros.

Depois, a estrada vazia. A noite está clara, a lua cheia domina o céu. Ramiro dirige em silêncio. A música acaba e começa um programa de notícias. Ramiro apaga o rádio.

Elisa volta a aproximar-se. Cola sua coxa na perna de Ramiro. Desta vez, Ramiro não a empurra de volta.

ELISA
(sensual) Pára o carro.

RAMIRO
Não, hoje não. Sossega, tá?

Ramiro aperta o acelerador. O carro, mais veloz, faz uma curva com alguma dificuldade. Ramiro está suando.

ELISA
(manhosa, meio rouca) Eu quero. Eu quero agora.

Elisa coloca a mão esquerda sobre a perna de Ramiro.

RAMIRO
(sem a menor força) Tira a mão.

Elisa sorri e aperta a perna de Ramiro.

RAMIRO
Não, Elisa.

Ramiro respira fundo e retira a mão dela.

RAMIRO
Hoje eu não conseguiria, mesmo que quisesse.

Ficam algum tempo em silêncio. Ramiro dá uma espiada e vê que Elisa faz beicinho, como se fosse chorar, os olhos tristes e brilhantes.

RAMIRO
Não fica assim.

Elisa funga e olha para Ramiro.

ELISA

Você não gosta mais de mim?

Ramiro não responde. Fica alternando o olhar entre a estrada à sua frente e Elisa. De repente, ela se aproxima e coloca outra vez a mão sobre a coxa de Ramiro. Ramiro abre um pouco a boca, como se procurasse ar. Respira fundo. Outra vez. O carro rasga a estrada, que, iluminada pela lua, parece um caminho de prata.

Elisa, sempre com a mão na perna de Ramiro, lança-se sobre ele. Começa a beijar-lhe o pescoço. Geme no seu ouvido. Ramiro fecha os olhos por um instante.

O carro ziguezagueia.

Ramiro recobra o auto-controle e aperta o freio, ao mesmo tempo que vira a direção para a direita.

O carro pára no acostamento, perto de uma cerca.

Ramiro empurra Elisa, ainda pendurada em seu pescoço. Ela resiste um pouco, mas depois se afasta. Então, outra vez sorridente, Elisa desliga os faróis e gira a chave na ignição, desligando o carro.

ELISA

(rouca) Me faz, meu amor, me faz.

E mergulha sobre o ventre de Ramiro. Ele não resiste mais. Olha para a frente e vê a lua. Depois, olha para baixo e vê as pernas de Elisa, as coxas, o desenho da calcinha, que aparece na fenda da saia entreaberta. De repente, Ramiro geme alto, como se sentisse muita dor. Puxa a cabeça de Elisa com violência.

RAMIRO

O que você está fazendo? Quer me matar?

ELISA

Quero.

Ramiro a agarra pelos cabelos e começa a beijá-la. Os dois parecem furiosos um com o outro. Mordem-se. Gemem. Ramiro, com um movimento brusco, a puxa para o seu colo. Levanta a saia e baixa a calcinha.

Ramiro a penetra. Ela grita alto e depois começa a chorar de prazer.

ELISA

Meu amor. Meu amor...

Esfregam-se. Estreitam-se cada vez mais. Parecem dois animais. O carro balança. Atingem o orgasmo juntos. O Fiat deixa de sacudir. Iluminado pela lua, parece um bicho que recebeu um golpe mortal.

Passa um carreta carregada de toras de madeira, fazendo muito barulho. Ramiro abre os olhos. Elisa continua montada nele, de olhos fechados. Seus lábios ainda estão grudados no pescoço dele. Os dois corpos estão muito suados. Ramiro olha a noite além do pára-brisa.

Ramiro tenta afastar Elisa para pegar o maço de cigarros, preso no cinzeiro do carro, mas ela se agarra nele.

ELISA

Não, não.

Começou a lamber seu pescoço e mover os quadris lentamente, sensualmente. Ele ainda está dentro dela. Ramiro a segura com força, impedindo-a de mexer-se.

RAMIRO

(em voz baixa) Elisa, você pensa que matei seu pai, não é?

ELISA

E daí? Eu não quero falar. (infantil) Quero de novo... Só mais um pouquinho...

E se move compassadamente, primeiro bem devagar, depois mais rápido. Ramiro vai se entregando, mas ainda tenta resistir. Agarra os pulsos de Elisa.

RAMIRO

Isso não pode continuar.

Ela dá um salto, furiosa, erguendo o torso, mas sem afastar as virilhas. Bate com os punhos no peito dele e começa a cavalgá-lo com violência.

ELISA

Eu quero mais. Mais!

Ramiro a empurra com toda força, lançando-a para o outro banco, contra a porta. Elisa se agarra no banco com uma das mãos, no retrovisor com a outra, e torna a erguer-se.

Por um momento, ele pode ver os olhos dela desorbitando e um pequeno fio de sangue que lhe escorre da boca. Elisa respira fundo. Outra vez, parece uma criança.

ELISA
Você me bateu...

RAMIRO
Eu não queria.

ELISA
Mas você bateu. Bateu sim.

Uma lágrima escorre pelo rosto de Elisa. Em silêncio, lentamente, ela volta a sentar no colo de Ramiro. Olha no fundo dos olhos dele.

Num gesto rápido, abaixa uma das mãos e "encaixa-se" outra vez. Ramiro geme. Elisa sorri, diabólica. Arrebenta os botões da camisa de Ramiro e morde-lhe um mamilo. Ramiro grita de dor e dá um murro brutal na nuca de Elisa.

Elisa solta-se. Ramiro pega o pescoço de Elisa e começa a apertar.

Aperta com toda a sua força. O rosto de Ramiro mostra raiva e loucura. O de Elisa, surpresa e dor. Ramiro continua apertando. Elisa tenta resistir, mas não consegue soltar-se. Fecha os olhos. Ramiro, com o rosto muito suado, músculos todos tensionados, começa a chorar.

Olha para trás de Elisa e vê a lua. Elisa abre os olhos. Desesperada, num impulso final de sobrevivência, fecha as mãos nos pulsos dele, arranhando-o, cravando-lhe as unhas até sangrar. Mas Ramiro não a larga. Continua a apertar. Ramiro vê que o rosto dela vai ficando roxo.

Elisa começa a ter convulsões. Emite ruídos guturais, que pouco a pouco tornam-se mais profundos, até que, de repente, se acabam.

Ramiro agora chora convulsivamente, arquejante, mas não deixa de apertar. O corpo de Elisa amolece completamente. Seu pescoço cai para o lado, num ângulo agudo demais. Está morta.

Ramiro passa a mão no rosto e limpa a mistura de suor e lágrimas. Afasta um pouco o rosto de Elisa para olhá-la mais uma vez.

O corpo de Elisa despenca sobre a direção do carro, à frente de Ramiro.

CENA 119 - EXT/NOITE - FIAT / ACOSTAMENTO DA ESTRADA / CAMPO

Ramiro desce do carro. Dá a volta e abre a porta direita. Puxa para fora o corpo de Elisa.

Pelos pulsos, Ramiro arrasta o corpo para fora do acostamento, na direção do alambrado. Tem alguma dificuldade para passar o corpo pela cerca, mas consegue.

Do outro lado, carrega o corpo por mais um dez metros, no meio de um campo preparado para a sementeira. Larga o corpo no chão. Limpa o suor da testa.

Ajoelhado, começa a cavar com as mãos. No início, é fácil, porque a terra está bem fofa e revolta. Mas depois o terreno revela-se mais duro e compacto. Ramiro levanta. Caminha na direção do carro.

CENA 120 - EXT/NOITE - ACOSTAMENTO DA ESTRADA

Ramiro abre o porta-malas e tira a chave de rodas, que tem uma das extremidades em forma de cunha.

CENA 121 - EXT/NOITE - CAMPO

Ramiro usa a chave de rodas para perfurar e revolver a terra. Assim, consegue fazer uma cova rasa. Extenuado, arrasta o corpo de Elisa até a cova. Cobre o corpo com terra. Tenta disfarçar um pouco a cova, refazendo com os pés e as mãos os monturos alinhados de terra deixados pela passagem do trator.

Ramiro observa seu trabalho e parece satisfeito. Pega a chave de rodas e dá um passo na direção do acostamento. Imediatamente olha para o chão e vê a pegada que acaba de imprimir na terra fofa. Ao lado dela, muitas outras, registros vívidos de suas várias passagens entre o local da cova e o acostamento. Respira fundo.

Ramiro passa por cima do alambrado. Coloca a chave de rodas no chão. Inclina-se sobre o alambrado e espalha a terra, disfarçando as últimas pegadas. Olha para o campo, na direção da cova. O serviço está quase perfeito. Ramiro respira fundo e volta para o carro.

CENA 122 - EXT/NOITE - ACOSTAMENTO DA ESTRADA / CAMPO

Ramiro põe a chave de rodas no porta-mala, entra no carro e arranca, afastando-se rapidamente.

A cova, sob a luz do luar. Uma nuvem, a mais escura e pesada vista até agora, passa sobre a lua.

FIM DO QUARTO BLOCO

QUINTO BLOCO

CENA 123 - EXT/AMANHECER - ADUANA / POSTO POLICIAL

O Fiat (da irmã) de Gomulka está parado num posto de polícia, atrás de uma cancela fechada. Na parede do posto, há um cartaz com a inscrição:

BIENVENIDO A PARAGUAY

Um POLICIAL, perto da janela do motorista, examina atentamente alguns papéis. Ramiro está sentado ao volante, fumando. O policial olha para Ramiro. Ramiro sorri amarelo para o policial. O policial dá a volta no carro e olha para a placa.

O policial vai até um OUTRO POLICIAL e mostra os documentos para ele. Conversam alguma coisa. O outro policial sacode a cabeça, negando. Os dois caminham até a traseira do carro e olham para a placa.

Ramiro fica olhando para eles pelo espelho retrovisor. Ramiro está suando. O primeiro policial volta e encara Ramiro. Devolve os documentos.

Faz um sinal na direção do posto. A cancela abre. Ramiro olha para a frente. Engata a primeira. O policial, de repente, faz um sinal com a mão, detendo-o. A cancela baixa.

O outro policial chega, com um rádio no ouvido, onde uma voz castelhana fala alguma coisa ininteligível. Os dois policiais olham fixamente para Ramiro. A voz no rádio pára de repente. O primeiro policial sorri. O segundo policial faz sinal de positivo. A cancela abre. Ramiro acelera e o carro arranca.

CENA 124 - EXT/DIA - ESTRADA ASFALTADA

O carro (da irmã) de Gomulka, em alta velocidade, passa por uma placa que indica:

ASSUNCIÓN - 190 km

CENA 125 - INT/DIA - HOTEL EM ASSUNCIÓN / QUARTO

A porta abre. Um BOY de hotel entra, carregando uma sacola grande de plástico de uma loja de roupas de Assunção. Coloca a sacola em cima de uma cadeira e faz aquelas coisas tradicionais na entrada de um novo hóspede: acende as luzes, mostra o banheiro, acende a TV, fecha a janela e liga o ar condicionado.

Ramiro abre a carteira e dá uma cédula para o boy, que sai. Ramiro pega a sacola e senta na cama. Tira da sacola uma calça, uma cueca, uma camisa branca, uma camiseta e um par de meias. Levanta e tira as próprias roupas, ainda sujas de terra.

CENA 126 - INT/DIA - HOTEL EM ASSUNCIÓN / BANHEIRO DO QUARTO

Ramiro toma banho. Olha para as mãos. Suas unhas estão pretas. Esfrega os dedos, tentando limpá-las.

CENA 127 - INT/DIA - HOTEL EM ASSUNCIÓN / QUARTO

Ramiro, de cueca, veste a camiseta. Guarda as outras roupas no armário. Vai até a janela. O ar condicionado faz muito barulho.

Ramiro olha para fora e vê a cidade, oito andares abaixo: achatada, subdesenvolvida, suja, mas com traços de sua antiga beleza colonial. Há um rio ao longe. Não ouvimos som algum da cidade, apenas do motor possante do ar condicionado.

Ramiro vai até o frigobar e pega um refrigerante. Olha-se no espelho na frente da cama. Passa a mão no pescoço, que exhibe a marca do chupão de Elisa. Levanta a camiseta e coloca a ponta dos dedos no mamilo. Faz uma careta de dor.

Ramiro acende um cigarro e recosta-se na cama para fumá-lo. Bebe outro gole do refrigerante. Um tremor percorre seu corpo. Leva os braços de encontro ao peito. Está com frio. Sorri e balança levemente a cabeça, como se não acreditasse naquela sensação. Olha para a janela, onde o ar condicionado continua fazendo muito barulho.

Ramiro levanta e fecha a cortina. O quarto fica na penumbra. Volta para a cama, apaga o cigarro e deita. Primeiro puxa o lençol. Depois, ainda com um sorriso nos lábios, puxa a colcha. Encolhe-se. Fecha os olhos.

CENA 128 - INT/NOITE - HOTEL EM ASSUNCIÓN / QUARTO

Ramiro abre os olhos. O quarto está mais escuro que antes. E, principalmente, muito mais silencioso: o ar condicionado está mudo. O rosto de Ramiro está todo suado. O lençol e a colcha estão no chão. A camiseta está molhada.

Ramiro levanta e vai até a janela. Abre a cortina e olha para fora.

É noite. As luzes da cidade parecem tímidas e desbotadas, perto do esplendor vigoroso e espetacular da lua cheia no horizonte.

Ramiro respira fundo quando olha para a lua. Examina o botão do ar condicionado. Vira o botão para todos os lados, bate no aparelho, esmurra-o com força, mas é inútil: ele continua mudo.

Ramiro, num gesto brusco, abre a janela. O som da rua chega forte: buzinas, carros, o apito de um guarda de trânsito.

Ramiro volta para a cama. Senta. Enxuga o suor da testa. Um ruído agudo de sirenes. Ramiro vai até a janela e olha para baixo: dois carros de polícia estacionam na frente do hotel. QUATRO POLICIAIS desembarcam e entram no hotel.

Ramiro acende a luz do quarto. Vai até o banheiro.

CENA 129 - INT/NOITE - HOTEL EM ASSUNCIÓN / BANHEIRO DO QUARTO

Ramiro lava o rosto.

CENA 130 - INT/NOITE - HOTEL EM ASSUNCIÓN / QUARTO

Ramiro pega as roupas limpas no armário. Parece calmo. Começa a vestir-se. Toca o telefone. Ramiro atende. Ouve.

RAMIRO

Tudo bem. Eu já vou descer.

CENA 131 - INT/NOITE - HOTEL EM ASSUNCIÓN / PORTARIA

Ramiro sai do elevador e olha para a recepção, que está movimentada, com alguns hóspedes novos chegando. Os quatro policiais estão ali, bem no meio da confusão. Caminha, resoluto, até eles. Pára na frente do que parece ser o chefe.

RAMIRO
Boa noite.

POLICIAL PARAGUAIO
Buenas noches.

RAMIRO
Sou Ramiro Bernardes.

O policial olha para Ramiro, sem saber o que dizer. Ramiro fica um pouco confuso, mas logo retoma sua expressão de mártir.

RAMIRO
Vocês vieram me buscar? Na portaria disseram que...

Os outros três policiais também olham para Ramiro.

POLICIAL PARAGUAIO
Hay algun engaño, señor. Estamos acá por una pelea.

O outro policial sorri.

POLICIAL PARAGUAIO
El calor pone la gente loca. Algunos pueden incluso matar-se.

Ramiro sorri amarelo e dá as costas para os policiais. Vai até um FUNCIONÁRIO DO HOTEL, que está atrás do balcão.

RAMIRO
Alguém me telefonou, dizendo que me procuravam.

FUNCIONÁRIO
Ah, señor Ramiro. Por supuesto. Allí...

O funcionário aponta na direção da grande porta envidraçada do hotel. Uma MENINA muito bonita, parecida com Elisa, está pegando um cartão postal numa gôndola sobre o balcão do hotel.

Ramiro, por um momento, fica perturbado.

Uma SENHORA, 50 anos, chega junto da menina, fala com ela e as duas se afastam.

Ao saírem, a menina e a senhora revelam, atrás delas, Elisa, que está junto ao balcão, e sorri para Ramiro, mais linda e

mais diabólica do que nunca. Imagem congela.

FADE-OUT

FIM

(c) Jorge Furtado, Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil, 1998
Casa de Cinema de Porto Alegre
<https://www.casacinepoa.com.br>